

ASHLEY WEST



AEDIAN

ALIEN WARRIOR





AVISO 1

Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



SHIFTERS

HOMELAND

TRADUÇÃO: SABRINA T. E SUELEN B.

REVISÃO: GATA BORRALHEIRA E PABLIANE

FORMATAÇÃO: BEC DEVEREAUX MONTEIRO



EM BREVE

LANÇAMENTO



ALIEN WARRIOR
LIVRO 01

ASHLEY WEST

SHIFTER'S
HOMELAND

SINOPSE

Há dez anos, os Calphesians, uma raça guerreira que vivia além de nossas estrelas, invadiu a Terra com a intenção de matar a todos que encontrassem pela frente e tomar os recursos do planeta para si. Para evitar a destruição da raça humana, se estabeleceu um Tratado que permitiu aos Calphesians permanecer na Terra e utilizar seus recursos sempre e quando precisassem sem matar ninguém ou causar qualquer dano ao povo. Porém, teriam mulheres humanas para que se casassem e procriassem, a fim de evitar que sua espécie se extinguisse.

A cada cinco anos, três mulheres eram selecionadas pelo governo e entregues aos mais fortes dos guerreiros Calphesians, este ano, Roxanne foi selecionada. Estava com raiva e amargurada por ter sua vida decidida por ela, e nada mudou quando conheceu Aedian, seu esposo. Era grosseiro e rude, e na maior parte do tempo, a tratava como se fosse insignificante, tudo o que fazem é brigar o tempo todo.

Mas quando outra raça alienígena tenta destruir a Terra, todos precisam se unir para lutar contra eles, tanto Aedian como Roxanne se darão conta de que há mais entre eles do que pensavam.

Esta obra de ficção Romance Paranormal: Invasão Alien, contém ação, aventura e romance.

ATENÇÃO: Contém cenas de sexo quente e ação intensa!
Somente para maiores de 18 anos.



UMA QUESTÃO DE HISTÓRIA

Durante décadas, os seres humanos têm olhado para as estrelas e se perguntado o que está além de sua atmosfera. Montaram expedições à Lua e as regiões do espaço acessíveis pelos humanos, com a esperança de encontrar respostas a uma das perguntas mais importantes: estamos sozinhos no universo?

Naturalmente, nunca pareceu possível, inclusive provável, que em todo este espaço, todo o vasto desconhecido cheio de estrelas, luas e mais planetas do que se pode contar, seríamos os únicos vivendo nele. Enquanto os humanos tentavam fazer contato com os mais longínquos limites do espaço, tomou a todos de surpresa quando algo entrou em contato conosco em vez disso.

Era um dia como qualquer outro. As pessoas se levantaram, se incorporaram no trânsito e foram trabalhar. Casais brigavam, crianças choravam, cães latiam. Estava nublado com probabilidade de chuva, as pessoas estavam em seus quartos e corredores, decidindo entre escolher um guarda-chuva ou capa de chuva. Ninguém se perguntou se seria um dia em que tudo mudaria, e ainda assim, era.

A primeira nave foi avistada no Brasil por um menino chamado Alberto, que estava no meio da rua e apontou para o céu. A advertência de sua mãe de que se apressasse e não a fizesse esperar, morreu em sua garganta enquanto seguia o dedo de seu filho e olhava para cima.

No céu havia algo que ela nunca tinha visto antes. Era muito grande para ser um avião, e tinha a forma de uma ponta de flecha, tudo em cromo brilhante. Movia-se lentamente abaixo das nuvens, e à medida que mais e mais pessoas o viram, o pânico se alastrou.

Em todo o mundo, as pessoas relatavam o mesmo fenômeno. Uma grande nave prateada, que descia do céu, a ponta de flecha apontando para o chão.

Ninguém sabia o que era ou o que fazer, embora algumas pessoas tivessem seus palpites, não podiam ignorar o fato de que isso era muito grande para ser uma brincadeira ou algum tipo de conluio, as pessoas perceberam rapidamente.

Que estavam a ponto de ter suas perguntas respondidas de uma maneira muito real.

As cidades foram evacuadas quando a nave aterrissou, seus pontos brilhantes próximos ao chão, enquanto o resto da nave permaneceu acima. As pessoas que escolheram ficar tiraram fotos atrás de fotos, mas ninguém queria chegar muito perto. Havia uma diferença entre a curiosidade e a pura e simples estupidez, afinal.

Por mais de 12 horas as naves permaneceram ali, imóveis. Nada esteve perto delas, e nada saiu delas. As pessoas começaram a se perguntar se talvez estivessem vazias. Se talvez isto fosse só uma missão de reconhecimento de quem enviou as naves, só para recolher dados. Então, todos começaram a relaxar.

E então, às 07h46min da manhã, houve um som. Um som estridente, procedente possivelmente do fechamento hermético com o qual contava a nave. E lentamente, muito lentamente, uma escotilha começou a se abrir.

Ninguém sabia o que esperar. É claro que todos tinham visto filmes sobre pequenos homens verdes, ou altos e magros aliens, com grandes cabeças e olhos saltados. Entretiveram-se com pensamentos de criaturas viscosas que se alimentavam de carne humana e faziam seu caminho no corpo das pessoas para pôr ovos que eclodiriam e os destruiriam.

Tudo isso era coisa de ficção científica, entretanto, quando chegou a hora de enfrentar a realidade, ninguém sabia o que iria acontecer.

O resultado foi pior que o temido. Quando o primeiro alienígena saiu da nave, descendo uma larga série de escadas, o mundo conteve a respiração.

Era uma coisa gigante de facilmente uns dois metros e vinte e três de altura da cabeça aos pés, e havia um conjunto de maciços chifres, elevando-se, que se encrespavam em cada lado de sua cabeça como um carneiro. Cabelo vermelho caía sobre seus ombros, que contra sua mortal palidez, parecia sangue. Estava nu da cintura para cima, mostrando músculos salientes debaixo da pele. Dedos

que terminavam em unhas em forma de garras, e havia marcas na pele de uma cor marrom suja, girando sobre seu peito e abaixo por seus braços rígidos.

A criatura parecia uma besta de histórias de fantasia ou de um jogo de vídeo game, do que algo de outro planeta, e como todo mundo o olhava em suas telas de televisão, as câmeras capturaram cada movimento, o animal levantou a cabeça e soltou um horripilante grito.

Soava mais como uma declaração de guerra que qualquer outra coisa, e começou o conflito.

Mais e mais criaturas começaram a sair das naves, todos eles grandes e pálidos, os olhos quase brilhando na tênue luz do céu nublado. Em todo o mundo, as naves estavam abrindo suas escotilhas e derramando aliens no solo da Terra, ninguém sabia por que vieram, mas não parecia como se fosse para algo agradável.

A maioria deles tinham armas em suas mãos, dedos grossos enrolados em punhos sustentando machados e espadas, algumas armas de tamanhos e formatos diferentes de qualquer coisa que os humanos já tivessem visto antes.

O exército, que tinha estado de guarda em caso algo como isso acontecesse, moveu-se, e a maioria deles foram eliminados em questão de minutos.

Sem sequer falar ou olhar uns aos outros, os alienígenas se moveram como um formando suas fileiras e reduzindo seus oponentes com facilidade. A cena era tão horrível que as câmeras deixaram de transmitir, deixando o público na escuridão.

As crianças abraçaram seus pais, tremendo de medo e horror. Os que eram mais devotos ofereceram orações a seus deuses, ajoelhados diante dos altares, sustentando bíblias, contando as contas em seus rosários.

Era uma ameaça para a qual ninguém estava preparado e ninguém sabia como lidar com isso, depois da primeira demonstração de força, todos bateram em retirada.

O primeiro alienígena que aterrissou nos Estados Unidos murmurou algo em um idioma que parecia ser todo em consoantes e depois se virou para retornar à nave.

E assim, a primeira onda tinha terminado. Todos os outros retornaram a bordo de suas naves e por um momento pareceu que talvez partissem. Mas as naves não foram a nenhuma parte, permaneceram ali, apontando para o chão.

Eram doze naves ao todo e como elas pareciam estar situadas em países com a maior influência mundial, ficou claro que haviam feito suas pesquisas sobre a Terra. A teoria de que não passavam de bestas irracionais foi jogada pela janela.

Eles claramente tinham tecnologia avançada, com a qual os seres humanos só podiam sonhar. Algumas das mentes mais brilhantes do mundo se reuniram em uma cúpula para tentar elaborar um plano para derrotar esses inimigos ou, ao menos, negociar com eles se não houvesse nada mais que pudessem fazer.

No final, foi à negociação que os salvou.

O Dr. Anderson Richmond, um notável cientista e estudioso que estava fazendo pesquisas sobre as possibilidades de vida em outros planetas se adiantou e se ofereceu para ser o único a negociar com as criaturas.

Ele foi advertido uma e outra vez que era perigoso e que provavelmente, os alienígenas não saberiam o que significava um acordo e o matariam no ato.

Mas ele acreditava que eram criaturas mais avançadas e inteligentes do que os humanos acreditavam, ele foi, dirigiu-se para a nave que tinha aterrissado nos Estados Unidos, esperando ser recebido.

Depois de três dias e noites, o mundo estava a ponto de chorar sua morte. Mas no final da terceira noite, como uma espécie de herói, ele saiu da nave, saindo dela com uma expressão ligeiramente surpresa, mas, no entanto, inteiro.

O que lhe foi dito, era mais do que estavam esperando, e ele foi diretamente ao governo para transmitir a informação que tinha reunido.

As criaturas se chamavam Calphesians, e eram do planeta Calphas, um lugar tão afastado que a tecnologia humana não poderia alcançar ainda. Vieram com a intenção de destruir a raça humana e viver no planeta, dado que o seu próprio estava morrendo e não havia mais nada lá para eles.

Eram uma raça de guerreiros, destacando a força e a sobrevivência por cima de todas as coisas, o que explicava por que tinham derrotado à primeira onda das forças armadas com tanta rapidez.

Com aquela informação, algumas pessoas queriam lançar outro ataque, queriam tentar elimina-los, para que nunca fossem capazes de fazer mal aos seres humanos novamente, mas o Dr. Anderson era mais prático. Ele sabia que se inclusive pudessem vencê-los, seria a um grande custo e provavelmente significaria a morte de centenas de milhares de pessoas antes que ganhassem a guerra. Ele sugeriu outra coisa.

Sugeriu a paz.

Claro, que a sua sugestão foi recebida com reações mistas. Algumas pessoas disseram que a paz era impossível, e o dia em que começassem a negociar com aliens seria o dia em que os humanos se converteriam em seus escravos. Algumas pessoas (especialmente os dos países menores e com menor capacidade armamentista) insistiram que a paz era o modo em que tudo deveria ter começado e que era culpa da humanidade que essas pessoas tivessem morrido por terem atacado primeiro e perguntado depois.

A votação chegou ao fim e tentar negociar com os Calphesians foi a escolha vencedora, já que parecia que a maior parte dos líderes do mundo não estava desejando uma guerra com uma raça alienígena da qual ainda sabiam muito pouco.

Então, o Dr. Anderson foi enviado novamente à primeira nave e os Calphesians o estavam esperando. Desta vez não demorou três dias, foram menos de três horas, e quando o Dr. Anderson desembarcou da nave, estava sustentando um tablet nas mãos que continha as primeiras redações ásperas de um Tratado entre os dois Mundos.

Essencialmente, era uma coisa simples. Os Calphesians não atacariam ou machucariam aos humanos se lhes permitissem viver neste planeta e construírem suas vidas livremente. Permitiriam aos cientistas e engenheiros humanos, estudar sua tecnologia e aos médicos humanos, examinar seus corpos com o fim de avançar em seus próprios conhecimentos; em troca, lhes proporcionariam mulheres humanas para ajudar a evitar que sua raça se extinguisse.

Decidiu-se que o Tratado deveria ser visto como algo formal, um pacto entre dois mundos que de outro modo poderiam não ter sido capazes de coexistir, de modo que se converteu em lei que a cada cinco anos em todos os países onde

um grande grupo da população Calphesian estivesse, seriam oferecidas três mulheres em idade adulta, para casar e continuar sua linhagem.



TRÊS POR TRÊS

A multidão estava ruidosa e nada havia acontecido ainda. O homem grande no meio do ringue estava lendo um tablet, falando sobre a longa história dos torneios Calphesians e como outorgaria honra e glória aos ganhadores.

Quando começou a ler uma lista dos campeões dos torneios anteriores, Roxanne Weaver olhou para a arena.

Ela não queria estar ali. Ao seu redor havia uma estranha mistura de Calphesians claramente preparados para ver um pouco de ação, e humanos apreensivos que estavam tentando entrar no espírito das coisas. Preocupados, pois os Calphesians menores eram ainda mais altos que um humano, mas claramente estavam emocionados, porque se havia uma coisa que as pessoas gostavam, era de um espetáculo.

Roxy bufou e revirou os olhos. Ela não os conhecia pessoalmente. Estas eram as mesmas criaturas que chegaram a seu planeta e começaram a fazer demandas, ameaçando e agitando ao redor com uma incrível variedade de armas, até que conseguiram o que queriam. Não havia nenhuma dúvida de que se não fosse pela rapidez do raciocínio dos que estavam no comando, o número de mortos teria sido maior e as coisas teriam sido piores.

Tendo em conta como se desenvolveram os acontecimentos, aliens integrando-se na sociedade não era a pior coisa no mundo.

Tinham passado dez anos desde que os Calphesians fizeram o seu caminho para a Terra, e os ter ao redor era a nova normalidade. Era comum estar no centro comercial ou supermercados e ver as criaturas altas com chifres no mesmo lugar.

Para a maioria das pessoas, era fácil aceitá-los. Agora que a ameaça de extermínio se foi, eles não afetavam a rotina de vida de ninguém. Para aqueles que tinham sido chamados pelo Tratado, era um pouco mais difícil continuar com a rotina.

Como se indicou no Tratado, a cada cinco anos os três melhores guerreiros Calphesians em todos os países em que estavam instalados, teriam como prêmio, três mulheres em idade adulta, escolhidas por um sorteio ao azar. O sorteio era dirigido pelo governo e envolvia os números do seguro social e o escaneamento das impressões digitais, assim não havia maneira de evitá-lo.

Desta vez, o nome de Roxanne foi selecionado, ela e sua família gostando ou não. Ela teve pouco tempo para se preparar apenas lhes disseram que era uma das selecionadas da vez, e que teria que se apresentar no torneio.

Sua mãe chorou, e seu pai estava com a mandíbula apertada, olhando à parede, o que sempre fazia quando estava zangado e não queria demonstrá-lo. Mas nenhum deles tinha sido capaz de dizer ou fazer algo para mudar o ocorrido, e então, agora Roxanne estava sentada nos degraus da enorme arena no meio do complexo Calphesian, a ponto de ver as criaturas de outro planeta decidir seu destino.

Felizmente, não estava sozinha. Sua melhor amiga Samantha queria ver isso por si mesma e se ofereceu para ir junto, por apoio moral, embora, a julgar pela forma em que ela se inclinava para frente para ver como os competidores se apresentavam, Roxy estava disposta a apostar que havia mais que apoio em sua mente.

Roxanne não entendia sua fascinação pelas criaturas. Eram grandes, barulhentos e rudes, e dada à opção, teria ficado longe deles. Era óbvio, que a razão dela estar ali, era porque ela não tinha nenhuma escolha.

Ninguém queria saber o que aconteceria se os seres humanos não cumprissem sua parte do TBW¹.

Havia muitos mais seres humanos do que Calphesians, mas eles possuíam armas e tecnologia que a Terra jamais tinha visto antes.

Parte do Tratado tinha permitido aos cientistas e engenheiros humanos a oportunidade de examinar sua tecnologia, sobre a qual tinham saltado no ato, tomando uma das naves que fora danificada na primeira fase da luta em algum laboratório secreto para testes.

Honestamente, Roxanne sabia que a evolução que tiveram a partir da tecnologia Calphesian, valia a pena o comércio da liberdade de três mulheres a cada meia

década. Ao menos aos olhos dos governos do mundo, mas não significava que tivesse que gostar da ideia. Permaneceu sentada em seu assento incômodo com os braços cruzados, seus olhos marrons se estreitaram enquanto observava aos mais fortes Calphesians descendo à arena.

— Isso é tão emocionante, não é? — Perguntou Samantha, ainda inclinada para frente, quando uma trombeta soou e o torneio começou. O primeiro round era um concurso de força, sobre quem poderia levantar a carga mais pesada por cima de suas cabeças.

— É bárbaro, isso sim. — Respondeu Roxy. — Quem se importa com quem pode levantar uma rocha gigante por cima de sua cabeça? Do que serve isso a alguém?

Samantha encolheu os ombros. — Bem, eles valorizam a força acima de tudo. — Assinalou. — E é só a primeira prova. Há também uma corrida e logo uma competição de tiro e um combate corpo a corpo.

— Oh, bom. — Roxy disse carente de emoção. — Mal posso esperar. — Era fácil para Samantha estar ali. Era uma pausa bem-vinda na sua rotina de trabalho das nove as cinco, então tudo bem. Ela tinha um dia para ver algo emocionante e depois poderia voltar a sua vida sem que nada tivesse mudado.

Mas Roxanne não era tão afortunada. Depois do torneio, esperava-se que ela se casasse com uma destas criaturas, e sua vida nunca seria a mesma outra vez.

— Qual deles você acha que vai te escolher? — Samantha quis saber. Ela estreitou os olhos para baixo nos “campeões” reunidos, que se preparavam para levantar grandes rochas por cima dos ombros.

Roxy desejava ardentemente que as tivessem deixado cair sobre suas cabeças. — E isso importa?

— Deveria. Não quer conseguir um seja bom para você?

Ela voltou seus olhos incrédulos para sua melhor amiga. — Bom para mim? Sam, nenhum deles vai ser bom para mim. Não está em sua natureza. São... — baixou a voz, não querendo ser ouvida por qualquer um dos Calphesians nos degraus com elas. — São bestas, Samantha. Teriam matado a todos nós se o Dr. Anderson não tivesse a ideia de criar este Tratado. Eles não nos veem como

iguais, e não há nenhuma maneira de que um deles possa ser bom para mim se ele não me vê como igual.

— Mas eles precisam de nós.

E isso era certo. Os Calphesians eram em sua maioria homens. Havia poucas mulheres entre eles e seu número aparentemente tinham estado caindo há séculos. Obrigando-os a casar e reproduzir com as mulheres humanas como seu último recurso, fato elegível só porque parecia que o sangue Calphesian era mais forte do que o sangue humano e todas as crianças nascidas entre um homem Calphesian e uma mulher humana seria principalmente Calphesian.

A parte do Tratado que lhes deu acesso às mulheres humanas era como uma bênção para prolongar sua raça. Honestamente, Roxy preferia deixá-los morrer.

Na verdade, ela não se opunha de todo a eles se casarem com mulheres jovens, disponíveis, mas isso mudava quando se tratava dela. Ela sabia que para algumas mulheres isso não importava. Algumas delas encontravam a ideia excitante, a emoção de ser a esposa de um guerreiro forte, alguém diferente do que se poderia conseguir de outra maneira.

Roxanne encontrava a ideia repugnante. Tinha trabalhado tão duro, conseguiu ir através da escola e tudo mais, dois trabalhos, cada verão para ter dinheiro suficiente para pagar os livros e outras necessidades, e agora seria reduzida a esposa de um desses animais. Quem sabia sequer se teria que deixar seu emprego ou terminar por procurar um trabalho em seu campo. Provavelmente ele esperava que ela cozinhasse, limpasse e cuidasse de seus bebês e a trataria como algum tipo de criada.

Ela o odiava, e não entendia como alguém poderia ouvir sobre isso e não achar ultrapassado e cruel.

Então, enquanto Samantha assistia com entusiasmo aos Calphesians levantar pedras pesadas sobre suas cabeças uma atrás da outra, Roxanne estava sentada ali cerrando os dentes.

Todos eles pareciam uma espécie do mesmo, uma espécie de muitos músculos de todos os modos, e parecia ridículo que se estabelecessem ali, e que de pé sobre a terra calcada estava o homem (e ela usou a palavra de ânimo leve) com o qual estava destinada a se casar. Nenhum deles parecia amável ou

particularmente inteligente, isso significava que não haveria muita conversa entre eles. Não podia pensar no que falariam de todos os modos.

“Então, lembra quando seu povo estava empenhado em matar o meu? Bons tempos, não é?”

Sim. Não era exatamente uma conversa agradável para a hora do jantar ou o que seja. Roxanne quase nunca se imaginou casada e com filhos, e muito menos casada com alguém que nem sequer era de seu planeta, com crianças que fossem metade... Alien.

Apenas pensar nisso a fez estremecer.

Mas o torneio continuou todos alheios ao fato de que ela estava sentada ali soltando fumaça. Apesar da sua raiva, tinha que admitir que todos, eram muito hábeis. Ninguém parecia estar sequer suando quando se tratava do levantamento de peso, e logo um Calphesian com o cabelo escuro enrolado em várias tranças grossas foi aclamado como o ganhador e a competição mudou.

Ao redor da arena, haviam traçado uma pista improvisada. O comprimento era maior que um campo de futebol, e ia ao redor da arena de forma oval, formando um ciclo completo. Isso era para a corrida.

O torneio continuaria com isso, os dez melhores competidores da prova de levantamento de peso, passariam para a corrida, um contra o outro. A partir daí, continuaria com os seis primeiros, que entrariam para a prova de tiro e então cinco deles passariam para a batalha real, os três últimos seriam considerados os vitoriosos.

Cada um dos três escolheria sua noiva, entre as três mulheres selecionadas para cumprir o Tratado e seguiriam para uma festa de celebração, por mais um ano de torneio.

Era uma celebração para os Calphesians e os seres humanos tratados como iguais, apesar de que Roxy não tinha ideia de como poderiam atuar como se fossem. Não era como se os humanos tivessem ganho muito com o Tratado, embora, como sua mãe dizia, ser capaz de continuar vivendo sem serem assassinados ou escravizados pelos Calphesians, era mais do que suficiente.

E ela sabia que sua mãe tinha razão. Se não tivesse sido selecionada como uma das mulheres que tinham que se casar com um deles, ela provavelmente estaria de acordo.

— Eles são bonitos, de uma forma estranha. — Samantha murmurou, chamando a atenção de Roxanne aos Calphesians que estavam correndo ao redor da pista. Seus pés, nus e agora marrons com a terra, golpeavam contra o chão enquanto corriam, em um ritmo muito maior que um ser humano seria capaz de manter.

Todos eles eram musculosos, e depois de viver dez anos na Terra, tinham escurecido sua pele da palidez com a qual tinham chegado, tornando-os para uma cor ligeiramente escurecida ao tom canela. Aparentemente, seu planeta estava tão longe de seu sol que quase nunca se beneficiaram de seu calor, mas já que não tinham planos de voltar, não parecia lhes importar muito.

Não eram feios de olhar, com certeza. Seus traços eram muito fortes para um ser humano e os chifres certamente não ajudavam, mas havia uma espécie de beleza de outro mundo a respeito deles que não podia ser ignorada.

Haveria inclusive beleza em sua força se alguém quisesse ver dessa maneira. Todos os seus movimentos se viam sem esforço, como se nem sequer se esforçassem muito, apesar de que quando corriam pela seção em que Roxy e Sam estavam sentados, pôde ver que todos tinham começado a suar.

— Suponho que sim. — Respondeu Roxy, encolhendo os ombros.

Foi uma corrida acirrada, todos eles mantendo o ritmo facilmente. Foram ao redor da pista cinco vezes, e logo os ganhadores foram declarados, cruzando a linha de chegada em grupo.

Seus nomes foram chamados para sair e os que tinham sido desqualificados foram afastados de lado.

E continuou assim. A prova de tiro era uma emocionante exibição de tecnologia Calphesian, uma de suas poucas mulheres sustentava um punhado de discos de metal quase tão grandes como um prato de comida. Ela lançou um após o outro no ar e os competidores tiveram que disparar um buraco no centro, os feixes de luz e energia que provinha de suas armas queimavam buracos redondos diretos através do metal.

Assim, mais um competidor foi eliminado, e logo chegou o momento da batalha real. Isto era o que Roxanne não queria ver.

Ela tinha tido doze anos de idade quando os Calphesians tinham invadido, e tinha estado grudada na televisão na casa de sua avó, onde ela e seus pais haviam fugido quando foram obrigados a evacuar a área ao redor de onde a nave aterrissou.

A primeira nave tinha aterrissado a não mais de trinta quilômetros da grande cidade em que viviam, e ela acompanhava as notícias religiosamente, à espera de ver o que aconteceria.

Lembrou-se de como empunharam suas armas e as utilizaram para passar através da primeira onda do exército como se fossem nada mais que formigas diante deles. Recordou olhar para tela quando eles passaram através do exército, vendo a cena uma e outra vez em sua cabeça, a forma com que as armas e adagas cortavam através da carne, salpicando sangue, até o momento em que sua mãe lhe fez ir para cama.

E eles esperavam que se casasse com um deles?

Roxanne perdeu o momento em que a luta começou, o som de metal contra metal soando na arena. Como sempre pareciam estar os Calphesians estavam sem camisa, sem armadura que os protegessem dos golpes de espadas e machados.

Ela não sabia se estavam usando armas embotadas ou o que, mas os golpes que aterrissaram pareciam passar direto sobre eles.

A seu lado, Samantha estava a ponto de cair de seu assento, com o quão longe estava inclinada para frente, com clara ansiedade de ver cada golpe. Sob o rugido da multidão, Roxy ouvia a respiração emocionada de Samantha, o que há pôs um pouco doente.

Honestamente, não lhe importava qual dos dois ganhasse, e fechou os olhos, concentrando-se em sua respiração, sem pensar no que estava ocorrendo na arena ou o que tinha acontecido antes.

Sentia-se como se as horas se prolongassem, mas rápido o suficiente, uma trombeta soou, surpreendida, Roxanne, abriu os olhos. No centro da arena, três

Calphesians se mantinham de pé e orgulhosos. Eles estavam machucados e com um pouco de sangue, mas não havia sorrisos em seus rostos.

— Os campeões! — disse o Calphesian que atuava como mestre de cerimônias. Ele explicou qual eram os prêmios, e Roxanne teve dificuldade para respirar.

Acabou. Uma dessas criaturas abaixo a escolheria para ser sua esposa, e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Ela sentiu a necessidade de correr, levantar e sair dali, e saltou quando alguém lhe tocou o ombro. Roxanne virou a cabeça para ver Samantha olhando-a com uma expressão simpática.

— Me disseram que você deveria se levantar. — disse ela.

Quando Roxanne olhou ao redor da arena, haviam outras duas mulheres em pé na multidão, uma bonita mulher loira e uma morena, Roxy tragou saliva e ficou de pé.

— E os prêmios! — o Calphesian disse, assinalando às três. — Se vocês, damas fizerem seu caminho de volta, alguém vai recebê-las.

As outras duas se voltaram para fazer o que lhes foi dito, mas Roxy se sentiu cravada no chão. Não podia respirar, e suas mãos estavam tremendo.

— Hey. — disse Samantha. — Vai ficar tudo bem. Você ficara bem.

Ela havia dito a seus pais que não viessem ao torneio, mas agora ela desejou que tivessem vindo de todos os modos. Pelo menos, sabia que isso não era algo pelo que eles estariam orgulhosos ou felizes. Eles choraram com ela.

Roxanne só assentiu ao intento de Sam de tranquiliza-la e virou sua cabeça para trás, onde havia uma fêmea Calphesian a sua espera.

— Seu nome? — perguntou, olhando para baixo no tablet em suas mãos.

— Roxanne Weaver. — disse Roxy, com voz trêmula.

A fêmea Calphesian estendeu a mão de Roxy e a pôs sobre o tablet. Houve uma onda de calor e logo um som de gorjeio que indicava claramente que tinha passado no teste de digital a qual ela acabava de ser posta.

— Por aqui. — disse a mulher, fazendo um gesto para que Roxy a seguisse. — Meu nome é Llya. Vou cuidar de você.

— Prazer em conhecê-la. — mentiu Roxanne.

As fêmeas Calphesians eram menos assustadoras que seus homólogos masculinos. Elas não eram tão altas, e seus chifres eram menores, e usavam mais roupas, envoltas em tecidos de seda que eram quase transparentes, deixando muito pouco à imaginação. Seguindo-a, Roxanne podia ver a curva dos quadris da Llya e as curvas de seus peitos quando se voltaram por um corredor. Ela se ruborizou ligeiramente e afastou os olhos.

Llya a conduziu a uma habitação que resultou ser um banheiro. Um banheiro muito grande. O complexo Calphesian era uma estranha mistura do antigo e avançado, como demonstravam os tablets e sensores nas paredes, nas portas e a grande bacia fundida, que servia como uma banheira no centro do quarto.

Era mais como uma piscina pequena do que uma banheira, e ela observou como Llya e outra mulher a encheram de água quente e perfumada. Cheirava doce e ligeiramente a ervas, e Roxanne estava nervosa pelo que poderiam ter posto nela.

Havia uma prateleira de roupa contra uma parede, e um espelho embutido na parede em frente, mas a habitação estava nua de outras coisas e algumas pequenas mesas tinham diversas garrafas e recipientes.

— Tire a roupa. — disse Llya, e o rubor de Roxy voltou. Tinha estado nua diante de outras mulheres antes nos vestiários e camarins, mas isto era algo completamente diferente. Essas mulheres nem sequer eram da mesma espécie que ela, e elas estavam curiosas.

— É realmente necessário? — perguntou, dando um passo para trás.

As duas mulheres trocaram um olhar e Llya deu um passo à frente. — Ninguém vai te machucar. — disse ela. — Você precisa se preparar.

Ao ver que ela realmente não tinha outra opção, Roxanne suspirou. Com cuidado, desfez os botões da camisa e a tirou, deixando-a cair no chão. Ela retirou os sapatos com a ponta dos pés, as meias e a seguir, moveu-se fora de suas calças jeans, permaneceu de pé por um momento, apenas em sua roupa íntima, antes de criar coragem para tira-las também.

A outra mulher disse algo em uma linguagem Calphesian que soou áspera, Llya assentiu e sorriu. — Ela está dizendo que sua pele é muito escura. É bonita. — traduziu Llya.

— Oh. — disse Roxy, piscando. — Obrigada.

Dado que todos os Calphesians eram tão pálidos, supôs que a pele escura como a sua era uma espécie de novidade. Ela era mais clara que a sua mãe, que tem um rico tom castanho.

Llya a pegou pela mão cuidadosamente e a conduziu à banheira, ajudando-a a entrar nela.

A água estava quente e ligeiramente oleosa, e Roxanne rapidamente começou a lavar-se antes que uma delas pudesse decidir que precisavam ajudá-la. Ela não precisava delas dizendo-lhe que devia fazê-lo a fundo, já que seria apresentada como o “prêmio” que se supunha ser.

O sabão cheirava a baunilha e lavanda e trabalhou sobre sua pele, depois, se deixou cair na água, enxaguando e desfrutando do banho, que acabou sendo relaxante e ajudou a acalmar seus nervos.

Uma vez satisfeita, as mulheres a ajudaram a sair da banheira e a secaram, mais óleos foram aplicados em sua pele, que brilhava sob as luzes do quarto. As duas mulheres a fitaram no rosto por um momento e conversaram em voz baixa antes da Llya sair e voltar com um recipiente contendo algo que resultou ser um pigmento dourado.

Inundou um dedo nele e o utilizou para acrescentar um pouco de ouro ao redor dos dois olhos de Roxy, a seguir, desenhou linhas curvas sobre sua clavícula e chegando até seus seios.

Quando Llya deu um passo para trás, a outra se adiantou, com um amontoado de tecido em suas mãos, feito de um material semelhante ao que elas usavam. Ela ajudou Roxy a vesti-lo, ajustando as coisas aqui e ali antes de prendê-lo com um faixa.

Era como um vestido, embora as aberturas em ambos os lados dela iam todo o caminho das coxas até os quadris, mostrando suas pernas e deixando pouco à imaginação. Para alívio de Roxanne, o material era menos transparente do que

o qual Llya e sua companheira usavam, apesar de que ainda se grudava e ajustava em todo os lugares adequados para mostrar seus... Atributos.

Um ombro ficou completamente nu, e recordou a Roxy a roupa que levavam as mulheres na Grécia antiga, drapeados, fluindo ao longo do corpo, atados com uma bandagem.

A cor era de um rosa escuro que funcionava bem com seu tom de pele, e sua massa de cachos escuros caía sobre os ombros, adicionando-se ao efeito. Quando se olhou no espelho que lhe proporcionaram, sentia-se doente de novo, porque estava linda, cada polegada como um troféu que seria passado a um campeão.

As duas fêmeas ficaram atrás e admiraram seu trabalho, assentindo com a cabeça uma à outra. Llya deu um passo para frente, uma vez mais, os olhos cautelosos.

— Você sabe o que vai acontecer? — perguntou ela.

Roxy lhe deu um olhar perplexo. — Vou até lá e alguém me escolherá para que eu seja sua esposa? — devolveu sua voz seca.

Llya assentiu e logo hesitou. — É... — ela fez um gesto na metade inferior do corpo de Roxanne. — Você já teve?

Por um momento Roxy ficou confusa, sem saber se havia algum tipo de barreira de idioma aqui ou se Llya estava muito incômoda para fazer sua pergunta em uma linguagem simples. — Tive o que?

As duas Calphesians falaram em sua língua de novo e a outra disse algo, que fez com que Llya se ruborizasse. — Está intacta? — perguntou finalmente, e logo foi à vez de Roxy corar, embora geralmente não fosse tímida sobre coisas desse tipo. Entretanto, havia algo a respeito de ser indagada se por acaso era virgem ou não por uma mulher desconhecida, era tão surrealista.

— Não. — respondeu Roxanne estridentemente. — Isso vai ser um problema?

Ambas negaram com a cabeça. — Não, não. Eles gostam de... Preferem não ter que esperar. — explicou Llya, e sinceramente, não foi uma surpresa ouvir isso.

— Maravilhoso, — Roxanne ficou séria, aversão e infelicidade girando e crescendo até que foi como levar um soco em seu estômago.

De algum lugar no complexo, soou outra trombeta, e as duas mulheres se detiveram em sua conversa e a puseram em marcha a conduzindo até a porta.

Tudo estava acontecendo tão rápido.

Um minuto ela estava sendo cuidada e no seguinte já estava sendo levada de volta à arena. A multidão seguia ali, mas agora havia três tronos no centro da arena e todas as armas e as pedras se foram.

Os tronos eram largos com encostos altos e cobertos com tecidos de cor carmesim, e se assentavam sobre eles os três campeões.

Os três pareciam iguais, todos com o cabelo escuro e pele pálida, e Roxy não estava o suficientemente perto para ver de que cor eram seus olhos. Um deles era claramente maior, se o tamanho de seus chifres era um indicativo disso, e se sentava em um dos tronos como um legítimo rei, olhando para baixo às mulheres com interesse.

As outras duas mulheres se prepararam quase da mesma maneira que Roxy, envoltas em seus vestidos, (azul para a loira e dourado para a morena), embora se desse conta de que ambas estavam mais maquiadas que ela. Perguntou-se o por que.

Ambas pareciam nervosas, mas excitadas, e Roxanne sabia que era provavelmente a única que parecia como se isso fosse uma espécie de sentença de morte, mas tudo bem. Não tinha esperança de terminar sendo amigas de todas as formas.

Os três Calphesians as olharam, dois deles pareciam interessados, e o outro parecia que estava entediado e não queria ser incomodado, Roxanne simpatizou com ele imediatamente. Por um momento ninguém se moveu, e então o mestre de cerimônias se adiantou.

— Três campeões, três prêmios! — gritou, e Roxanne se perguntou se ele era o mais animado Calphesian no planeta. Nenhum dos outros que tinha visto antes, tinha falado com tanto entusiasmo em sua voz, os outros não pareciam estar incomodados por ele, apesar de que não havia nada que pudessem fazer a não ser aguentar. — Três por três como se diz no Tratado — continuou. — Que seja possível sempre paz entre os nossos e os seus.

Houve um momento de silêncio, ao que pareceu, em honra ao que se havia dito, e Roxanne apenas resistiu à vontade de revirar os olhos. Era difícil ver o benefício disso quando era ela quem estava dando sua vida a isso.

— Agora. — o mestre de cerimônias disse. — Como nosso primeiro campeão, Shiia, será o primeiro a escolher.

O Calphesian sentado no trono mais à esquerda se levantou em um movimento fluído, e Roxanne esteve momentaneamente surpreendida pelas maneiras tão elegantes que tinha, sendo tão grande. Era mais volumoso que os outros dois, e suas marcas eram mais vívidas, de um vermelho intenso em lugar da cor marrom de costume. Parecia sangue, e ela tragou saliva e desviou o olhar, esperando que não a escolhesse.

Shiia avançou até elas, abaixando a cabeça para olhar a cada uma delas de cada vez. Agora a mulher morena parecia um pouco intimidada, dando um passo para trás instintivamente, fazendo Roxanne revirar os olhos. Finalmente ela entendeu a situação.

Mas a loira não parecia com medo, absolutamente. Em troca, ela estendeu sua mão a Shiia quando ele estava na frente dela, com um sorriso em seu rosto.

Shiia sorriu e inclinou a cabeça, tratando de alcançar a dela. —Você. — disse. — Eu escolho você.

Seu sorriso cresceu, e ela mergulhou em uma honesta reverência ao deus. — Sinto-me honrada.

Shiia a levou de volta a seu trono, e logo a ajudou a levantar-se para que pudesse sentar-se em seu colo. Ela parecia feliz de estar ali também, e Roxanne apertou os dentes para não dizer algo que não deveria. Ela era consciente de que se tratava de algum tipo de encenação, mas a verdade é que só a deixava mais irritada.

Houve um rugido de aplausos da multidão reunida nos degraus, e Roxanne saltou, estando tão concentrada em estar zangada que se esqueceu de que havia um público presente.

— Demos! — gritou o Calphesian com o microfone. — Por ser o segundo campeão, obtém direito à segunda escolha.

O do meio se levantou a seguir, e Roxanne podia ver que era maior. Ele não estava menos que bem construído, apesar da sua aparente diferença de idade, e se manteve com a cabeça de chifres alta enquanto se movia até elas.

Roxy endureceu sua espinha, os punhos fechados a seu lado, ocultos pelas dobras drapeadas de seu vestido. A morena junto a ela estava respirando rapidamente, o medo evidente em cada linha de seu corpo, e Demos se deteve em frente a ela.

Olhou-a com calma e logo lhe estendeu a mão, dando o primeiro passo. — Não vou te machucar. — ele disse em voz baixa. — Permita-me te escolher?

Todos parecia surpresos pelo fato de que ele tinha pedido em lugar de exigir, mas teve o efeito desejado. A morena deixou de tremer e obteve um sorriso tremulo, pondo sua mão em Demos e assentindo com a cabeça.

— Seria uma honra. — ela disse em voz baixa, e o permitiu leva-la de volta a seu trono.

E então só restava Roxanne.

Roxanne e o último campeão é obvio. O único de aspecto entediado que parecia que estaria melhor em qualquer outro lugar, menos ali.

Para sua sorte.

— E por último temos Aedian, nosso terceiro campeão!

— Não há grande mistério sobre quem vou escolher. — disse Aedian, revirando os olhos e ficando de pé. Ele caminhou com passos perseverantes e parou em frente à Roxy. — É você.

Roxanne abriu a boca para replicar, mas era consciente de que havia centenas de pessoas ali, e muitas mais vendo em casa, já que esta cerimônia se transmitia ao vivo. Ela tomou uma respiração profunda e obrigou-se a sorrir.

— É uma honra. —disse ela, com a esperança de que soasse sincera pelo menos. Se o Tratado não se concretizava porque ela não podia estar de acordo com todo o plano mundial, a vida se desmoronaria a seu redor, estava bastante certa de que ninguém a perdoaria.

Aedian só assentiu e retornou a seu trono, deixando-a que o seguisse.

Haveria uma festa depois da cerimônia, Roxanne sabia que era a última parte do que teria que passar e sabia que era esperada a sua presença, independentemente do pouco apetite que tinha. Moveu-se de pé junto ao trono de Aedian, tomando sua postura indiferente à forma em que seu cabelo escuro caiu em seus olhos. Pesarosamente tocou a curva de um de seus chifres, olhos desfocados.

— Esplendido! — exclamou o comentarista. — Só esplêndido. E o Tratado se mantém. Agradecemos aos seres humanos por assistir à celebração até o final e com a promessa de outros cinco anos de paz e união entre nossas raças.

Houve um chamado da trombeta, o que indicou claramente o final da parte cerimoniosa e então o comentarista aplaudiu suas mãos com garras. — E agora nos damos um banquete!

Os três Calphesians se moveram, descendo de suas cadeiras, uma vez mais, Shiía e Demos ambos tomando cuidado ao oferecer seus braços a seus prêmios.

Aedian olhou para Roxy, uma vez mais e bufou, olhando por cima de sua cabeça para alguém atrás dela.

— Levarei você a meus aposentos uma vez que isso tenha acabado. — disse, e logo se virou e se afastou, deixando Roxanne ali de pé, zangada, ferida, e temendo o que viria a seguir... bem. O que seria sua vida de agora em diante.



UMA QUESTÃO DE QUÍMICA

Para algo que trazia tanta honra a seu nome, essas coisas eram muito entediantes, Aedian refletiu enquanto se sentava à mesa larga, estabelecida para a festa. Essa parte da mesma não era transmitida a qualquer pessoa com uma tela que pudesse receber o sinal, o pouco da cerimônia que era divulgada, já tinha terminado, graças às estrelas por isso.

Pra ser honesto, nada disso importava a ele. Não que alguma vez tivesse sido tão ousado para dizer isso a qualquer um. Toda essa coisa do Tratado com os seres humanos era perda de tempo, não significava nada para ele.

Ele havia chegado a Terra com o resto da sua espécie, já que não tinha tido outra opção e porque era bom seguindo ordens, inclusive quando era tão jovem.

Trouxe seu desintegrador e sua espada, apesar de que sabia que era pouco provável que estaria lutando, mas um guerreiro Calphesian sempre estava disposto a lutar quando a ocasião surgia. O que era de costume.

Exceto aqui.

Não neste estranho e tranquilo planeta, onde as pessoas pareciam lutar com suas palavras mais que qualquer outra coisa, apesar de possuírem um montão de armas que, embora ineficazes contra sua própria espécie, seria excelente para matar a outros seres humanos se assim o desejassem. E estava certo de que o faziam de vez em quando, mas nos dez anos que tinha vivido na Terra, tinha visto muita pouca carnificina.

Não havia nada para fazer aqui. Todos eram sobre viver suas próprias vidas neste planeta, da mesma forma que o faziam em Calphas, mas isso não era possível.

E para pra piorar a situação, havia esse Tratado.

Aedian não era estúpido, ou o que essas pessoas pudessem pensar dele. Sabia que sem as mulheres humanas era provável que se extinguissem ao cabo de

várias décadas. Suas próprias mulheres eram poucas e distantes em idade entre si e a maioria delas não eram capazes de dar à luz por alguma estranha razão. Talvez, o estilo de vida dura que tiveram em Calphas. Ninguém sabia ao certo.

Mas com as mulheres humanas eles tinham uma saída, e é por isso que muitos abraçavam abertamente o Tratado e o que ele lhes concedia.

Para Aedian era apenas mais um incomodo. Nunca pediu por uma companheira de vida, e certamente não havia considerado ter filhos, e agora tinha uma esposa e esperavam que procriasse com ela. Se não fosse pelo fato de que rejeitar um lugar no torneio era a forma mais alta de desonra que um Calphesian poderia obter, além de cometer suicídio, ele nem sequer teria tentado ganhar.

Mas ele tentou e ganhou, agora tinha uma mulher para provar isso.

Para seu crédito, era muito atraente. Sua pele era de uma cor rica, escura, e a pintura de ouro que as mulheres que a prepararam para ele, tinham utilizado nela, estava linda contra sua pele. Tinha o cabelo encaracolado e comprido, derramando sobre seus ombros enquanto a olhava.

Estava sentada frente a ele na mesa, o prato carregado de alimentos que nem sequer tocou. Toda a comida era humana, claro, já que não podiam cultivar neste planeta as plantas ou animais que anteriormente utilizavam, mas saciavam e eram gostosos, e os Calphesians tomavam o que podiam obter quando se tratava de sustento.

Aedian cortou brutalmente uma parte da carne e engoliu com o doce líquido em sua taça, seus prateados olhos fixos na mulher que ia ser sua noiva.

Seu rosto era redondo e suave como a maioria dos seres humanos pareciam ser, e seus olhos de um tom mais claro que o marrom de sua pele, estava cheios de desagrado. Era evidente que ela estava tão insatisfeita com a situação como ele estava, o que o fez rejeita-la um pouco menos. Ela poderia, pelo menos, ver que isso limitaria suas liberdades.

Fora isso, não era absolutamente um fã da sua atitude. Apenas fez contato visual com ele, a pesar do fato de que estivessem sentados um de frente para outro, e quando ela levantou a vista para vê-lo observando-a com os olhos semicerrados, voltou-se para sua comida.

Não estava certo. Os seres humanos eram mais fracos, e pela lógica sempre tinham vivido assim, o que significava que deveriam ser subordinados a eles. Como seu futuro companheiro de vida, seria vista como igual, e não se sentia bem com isso.

Quem era esta inexperiente e inapropriada mulher que pensava que era páreo para ele?

— Qual é seu nome? — exigiu ao olhá-la de novo, ela fez uma careta que o tinha estreitando os olhos novamente.

— Roxanne. — disse depois de um minuto.

— Hum. Nome estranho.

— Oh, já Aedian é tão comum. — ela espetou. — Quantas vogais se pode ter em um nome?

Ele piscou certo de que ela o estava insultando, mas não tendo certeza do que estava fazendo. — Você diz coisas sem sentido. — disse ele.

Ela revirou os olhos, pelo que ele aprendeu de seu tempo aqui, era um gesto de falta de respeito. — Certo, bem. Por que não deixa de falar comigo então? — e sem esperar uma resposta, ela voltou sua atenção para sua comida.

O irritou que ela pensasse que podia falar com ele dessa maneira.

Ao olhar ao redor para Shiia e Demos com suas mulheres, as cenas eram diferentes. Cada um deles estava sentado ao lado das mulheres que tinham escolhido, tratando-as com consideração, falando em voz baixa e oferecendo comida de seus próprios pratos.

Aedian bufou. Isso tudo era bom para eles. Demos era suave e suficientemente jovem já que seus chifres estavam desenvolvendo seus cachos, e Shiia era maior com seus chifres se amontoando mais. Shiia olhava a sua noiva como se fosse algo que devia manter perto e proteger, e Aedian não entendia isso.

Estava certo, que se tentasse fazer isso com Roxanne, ela o morderia.

Não que alguma vez se rebaixasse a fazê-lo.

A festa se prolongou durante várias horas, com mais comida e bebidas alcoólicas sendo trazidas pelos criados. Quando finalmente as pessoas deixaram de

comemorar, a lua (e só tinham uma, ao que ainda estava se acostumando) brilhava alto no céu, e a noite era profunda e escura ao redor deles.

As pessoas começaram a sair em casais e trios, depois de expressar seus desejos e felicitações tradicionais, além de mais algumas brincadeiras.

Os outros campeões o aceitaram bem, embora Aedian simplesmente zombasse. Quando levantou os olhos, Roxanne não estava em nenhuma parte que pudesse ver, mas não estava preocupado. Não havia maneira de que pudesse escapar do complexo, e estava certo de que alguém a tinha levado a seus aposentos.

Então estaria a sós com ela. Muito para o seu desgosto.

Drenando o último gole de sua bebida ele ficou de pé e se alongou os braços altos acima de sua cabeça. Havia ainda um pouco de dor pelos esforços do dia e se sentia maravilhoso. Deleitou-se nisso por um momento antes de lembrar a si mesmo o que sabia que era inevitável. Cedo ou tarde teria que voltar a seus aposentos e lidar com o que estaria ali.

Isso não queria dizer que não podia ir pelo caminho mais longo ao redor do complexo para chegar lá, entretanto, foram outros quinze minutos antes de chegar a sua casa.

Roxanne estava ali quando ele entrou, de pé no centro da sala principal, parecendo incômoda.

Ela ainda estava vestida com a roupa leve que lhe tinha sido colocada para ser apresentada a ele, e nas luzes mais brilhantes de sua sala principal ele podia ver mais do seu corpo do que tinha sido capaz de ver antes, as curvas generosas de seus seios e quadris que seus olhos reverenciavam.

— Por que está me olhando? — perguntou ela, cruzando os braços sobre seu peito na defensiva.

— Porque são agradáveis aos olhos. — Aedian disse sem rodeios.

Isso pareceu surpreendê-la, e ela piscou, franzindo o cenho. — Oh. É um elogio?

Aedian negou com a cabeça, entrando mais na sala. — Não. É uma declaração.

Isso a fez franzir o cenho novamente. — Bom, se estamos afirmando fatos, você cheira como alguém que não toma banho em dias.

— Cheiro como um campeão. — replicou. — Você cheira como uma concubina.

Seus olhos se abriram e seus lábios se separaram, a ira queimando nos seus lindos olhos. — Você tem terríveis maneiras. É essa a forma de falar com sua futura esposa? Pensei que seria melhor do que isso.

Ele bufou, divertido, e passou por ela, rodando seus ombros enquanto se deixou cair para baixo no sofá que estava empurrado contra a parede do fundo. Tinha uma boa vista dela ali, e era confortável. — Se for minha, posso te dizer o que quiser.

—Não, seu... — Roxanne se interrompeu com um rugido. Ela sustentou seu olhar por um momento e logo pareceu endireitar-se a si mesmo, ombros para trás, cabeça erguida. Isso fez com que Aedian se fixasse nela ainda mais, a sutil dominância em sua posição de exigir, seja provocação ou atenção, e ele esperou para ver qual dos dois seria.

E então, a última coisa que estava esperando, aconteceu. Seus braços caíram de sua posição defensiva para frente a seu peito e suas mãos se encontraram na faixa que sustentava sua roupa junta. Com determinação em seus olhos, desatou o nó livre, deixando cair o material sedoso de cada lado da cintura.

A parte dianteira do vestido deslizou aberta, mostrando mais da sua linda pele, e Aedian se inclinou para frente de maneira inconsciente. — O que você está fazendo? — perguntou.

— É para isso que estou aqui, não é? — disse Roxanne. —Podemos acabar com isso de uma vez. Não é como se fosse preciso esperar a noite de bodas ou algo assim, não é como se fosse gostar mais de você até lá.

— Isso é... Justo. — Aedian admitiu.

— É mais que justo. É senso comum. Agora vamos fazer isso ou não?

Ao ver que estava sendo desafiado nesse momento, Aedian ficou de pé. Não sabia o quanto confiar nessa repentina mudança de direção, mas não era dos que se negassem a si mesmo os prazeres oferecidos. E ela tinha um ponto. Caminhou com graça tranquila até Roxanne e estendeu às mãos, unhas se engancharam no tecido de seu vestido enquanto puxava as laterais da roupa para

longe, revelando mais de sua pele, e sua boca se encheu de água, com vontade de prová-la.

Seus seios eram fartos e pesados, cada montículo com um mamilo em ponta marrom mais escuro que atraíam os olhos de Aedian. Foi a eles primeiro, com dedos em forma de garras deslizando da garganta até o peito e rastreando ao redor de seus mamilos, que se endureceram pelo contato.

Ela conteve o fôlego ligeiramente, e Aedian sorriu.

Nunca dormiu com uma mulher humana antes. Sabia que vários de seus companheiros o faziam, encontrando liberação sexual em estar com as mulheres humanas que os achavam fascinantes e utilizando-as para seu próprio benefício, mas parecia muito incomodo quando tinham boas mulheres ali mesmo, no complexo.

Mas a pele de Roxanne era mais suave que a pele de qualquer mulher Calphesian que Aedian houvesse tocado antes, e ele estendeu seus dedos, cavando um dos seios em uma de suas grandes mãos.

Ao olhar para seu rosto, viu que ela estava de olhos fechados, e sua respiração era rápida. Não parecia estar com medo, entretanto, e Aedian só podia imaginar que era porque gostava de seu toque. Bem, isso era interessante.

Ele abaixou sua boca a seu pescoço e apertou os lábios contra o pulso que batia violentamente ali, sentindo o salto de vida sob sua boca. Lentamente, muito lentamente, arrastou sua língua ao longo da linha, sentindo-a tremer enquanto o fazia. Aedian deixou que seus dentes raspassem brandamente seu pescoço antes de passar um braço ao redor dela, atraindo-a para ele e pressionando sua frente contra a dele.

Ainda estava sem camisa, e seus seios suaves sentiam-se incríveis contra seu peito. Roxanne era muito mais baixa que ele, a parte superior de sua cabeça apenas chegando ao seu ombro.

A diferença de altura o agradou, ele retirou o restante de seu vestido fora dela, deixando-a ali, nua.

Aedian não esperava que fosse tão atraente. As humanas tinham a pele suave e todas cheias de curvas, e pareciam fracas em comparação com os Calphesians, mas Aedian achava que, nesse caso, não lhe importava. Não lhe importava

porque ela era perfeita para tocar e beijar, e não havia partes afiadas das quais ele teria que desviar.

Quando ele deslizou uma grande mão pelas costas, em taça em sua parte inferior, gemeu suavemente e empurrou nela, e quando ele arrastou suas garras sobre suas suaves curvas, ela estremeceu.

— Não as afunde em mim. — ela disse, tentando parecer severa, mas Aedian imaginou que era difícil fazer isso quando se estava excitada.

Podia cheirar sua excitação no ar, e o fazia com água na boca.

— Eu não o faria. — assegurou-lhe e logo a levantou para que ele pudesse levá-la ao quarto. Ela gritou em protesto, mas quando ele a deixou sobre a cama, suas pernas se abriram, deixando ao descoberto seu sexo e a forma em que já estava molhada para ele.

O delicioso aroma de seu desejo se percebia melhor aqui, e Aedian não sabia se isso era porque as luzes estavam baixas ou porque estar na cama fazia tudo muito melhor, mas isso não importava. Subiu por cima dela e sustentou seu olhar por um momento antes de abaixar a cabeça e lambeu direto em seu núcleo, onde o aroma era mais pesado.

— Oh Deus. — Roxanne ficou sem fôlego, seus quadris arqueando.

Aedian lambeu de novo, dessa vez lentamente, prestando atenção a esse monte de nervos sensíveis que tinha ouvido falar pelos outros de sua espécie que já tinham esposas humanas ou dormiam com mulheres humanas.

Ele lambeu seus sucos inundando sua boca, e quando seus quadris se arquearam na cama, estava claro que não tinha sido levado pelo mau caminho. Aedian usou uma mão para empurrar seus quadris para baixo, obrigando-a a restringir seus movimentos, mal se movendo, e absorveu os pequenos gemidos que saíam de seus lábios.

Era surpreendente como tinha estado tão feroz e irada um pouco menos de uma hora antes, mas agora estava praticamente implorando por mais.

Ele não havia gostado muito dela, também, mas agora, debaixo dele e claramente desfrutando de seu toque, decidiu que gostava muito.

No momento em que estava sentando para abrir a parte dianteira de suas calças, Roxanne estava tombada na cama, respirando fortemente. Ela ainda estava encharcada entre suas pernas, julgando pela forma em que se retorceu, elevando a voz e logo empurrando a cabeça, ele concluiu que já tinha encontrado sua liberação.

Ele não sabia se ia encontrar de novo, mas só a forma em que ela se moveu, o tinha duro em suas calças e ele tirou seu pênis, olhando como seus olhos se abriram comicamente pela visão dele.

Aedian sabia (e sobre o que presumia) o fato de que era muito maior que a maioria dos homens humanos, considerando que era proporcional ao tamanho do resto de seu corpo.

— Isso vai mesmo entrar? — perguntou ela, soando mais como uma provocação, do que se tivesse medo dele.

Sinceramente, seria em mais de uma ocasião, ele grunhiu ligeiramente e esfregou a cabeça de seu pau contra a doce umidade entre suas pernas, desfrutando da sensação sedosa de seu calor. — Sim. — assegurou. — Vai.

Entrou pouco a pouco, entretanto, não queria machuca-la, observando seu rosto em busca de sinais de sofrimento para que pudesse parar.

Tudo o que viu foi prazer, entretanto, ela separou ainda mais suas pernas e arqueou seus quadris enquanto ele se afundava polegada a polegada, estirando-a e enchendo-a até que se estabeleceu completamente em seu interior.

Aedian se mantinha por cima dela em seus antebraços e ambos ofegavam em busca de ar, mantendo-se quietos por muitos segundos. Quando Roxanne estremeceu e se apertou ao redor dele, Aedian moveu-se em um ritmo constante, impulsionando seus quadris e enterrando-se nela uma e outra vez.

Pelo menos nisso, estavam unidos.



CHOQUE CULTURAL

Uma semana depois de seu compromisso (e utilizava esse termo levemente), Roxanne estava a ponto de arrancar seus cabelos. Ela sabia o que se esperava dela, e sabia que isso era importante, mas, sinceramente, Aedian a estava deixando louca.

Não ajudava que o sexo era fantástico. Ele era um amante completo e especializado na cama, e Roxanne se surpreendeu de que não fosse tudo a respeito de seu próprio prazer, algo que ela sim estava esperando. A primeira noite quando ele mergulhou sua cabeça entre suas pernas, ela veio com tanta força que seus olhos tinham rolado de volta em sua cabeça por um momento, ela teve que lembrar a si mesmo que respirar era algo que devia fazer para sobreviver.

Foi incrível, seu tamanho e a resistência que tinha tido até muito tarde, até o momento em que desmaiou esgotada na cama. Roxanne apenas lembrou que seu último pensamento antes de dormir tinha sido que se, apenas pudessem continuar fazendo isso, então as coisas poderiam ficar bem.

Claro, não podiam simplesmente ter sexo o tempo todo, e se fez evidente na manhã seguinte, que as coisas não aconteceriam sem problemas.

Como futura esposa de um dos Calphesians, esperava-se que Roxanne empacotasse suas coisas e se mudasse ao complexo para que pudesse viver com seu futuro marido e aprender sobre sua cultura.

Teria que dirigir todo o caminho de volta a seu apartamento e lidar com isso, e ela não estava ansiosa pelo seu futuro.

Quando acordou pela manhã, dolorida e saciada, levou alguns minutos para reorientar-se e lembrar onde estava, e Aedian não estava em lugar nenhum. Então, levantou e caminhou ao redor de seus aposentos nua, perguntando-se o que uma garota tinha que fazer para conseguir um pouco de café da manhã.

Felizmente, alguém trouxera suas roupas e as coisas que trouxera com ela no dia anterior para o quarto, por isso ela se vestiu com elas rapidamente, com vontade de uma ducha, mas não desejava investigar como funcionava o sistema complicado de botões no banheiro.

Ela não sabia se lhe permitiriam simplesmente vestir-se e sair, assim deu voltas ao redor, esperando que Aedian voltasse e conseguiu estar mais e mais agitada a cada minuto.

Quando finalmente ele chegou, mais de uma hora depois, úmido de suor e sem camisa, a fez franzir o cenho.

— É tudo o que vocês fazem? Trabalhar e lutar?

— Assim, como tudo que seu povo faz é choramingar. — tinha sido sua resposta.

— Desculpa?

— É surda? — Aedian perguntou, inclinando a cabeça para o lado enquanto olhava para ela.

Roxanne o fulminou. — Não. Olhe, o que seja, sinceramente, não me importa o que faz em seu tempo livre, mas tenho lugares aonde ir, então, qual é o negócio com o ir e vir nesse lugar?

Ele a olhou sem entender. — Por que você precisaria ir?

— Porque tenho que ir buscar minhas coisas? E porque tenho amigos e familiares que eu gostaria de ver? Não sou sua prisioneira. — ela disse bruscamente, apesar de que se sentia como se fosse. — E eu não estarei enjaulada aqui. Esse lugar está bom para você e sua espécie, mas ainda tenho uma vida fora daqui.

Sustentaram o olhar um do outro por um momento, Roxanne odiando o fato de que tinha que olhar para cima para encontrar-se com seus olhos. Deu-lhe uma câibra no pescoço e a fez se sentir pequena. Especialmente quando ele a estava olhando como se fosse algum tipo de inseto insignificante.

Finalmente deu um encolher de ombros. — Faz o que você quiser. Não me importa.

Deveria ficar aliviada por ouvir isso, tendo em conta que não queria que lhe dissesse o que fazer ou pensar, ou que tinha algum tipo de controle sobre ela, mas só a pôs mais irritada, e ela o fulminou mais ainda.

— Portanto tenho o prazer de ter sua permissão.

Seus olhos brilhavam, e a Roxanne chamou a atenção pelo misterioso e prateado que eram. Quando ele se inclinou em seu espaço pessoal, lutou consigo mesma para não dar um passo para trás, mesmo que tudo nela estava gritando que era uma ameaça e que precisava retroceder. Mas ela raciocinou que se agisse como se estivesse com medo, então ele nunca a trataria com respeito. E ela estava decidida a não se deixar intimidar.

— Você está choramingando agora. — disse Aedian, inclinando-se tão perto que ela pensou que fosse beijá-la. — Se quer ir a algum lugar, então vá. Não tenho tempo para lidar com você.

— Vou fazer com que saiba que sou adulta, e não preciso que ninguém cuide de mim.

— É o que você diz. Mas vocês são todos tão fracos. É um milagre que não lhe tenham matado ainda.

— O que?

— Algo não está claro?

— Sim, qual é o seu problema não está claro. — espetou Roxy. — Conheço seu tipo, acredita que somos piores que formigas, mas não tem que ser um musculo ligado ao boi, para ser digno de respeito.

Ela pensou que tivesse ido muito longe com a brincadeira, mas Aedian só parecia entediado. — Eu não sei o que é um boi. — disse ele, e Roxy se deu por vencida. Ela grunhiu em voz baixa, e agarrou suas coisas, relutante a seguir discutindo com ele.

— Bem. O que seja. Estarei de volta quando eu voltar.

Sem olhar para trás, ela fechou a porta e se dirigiu ao longo do corredor. É obvio que teve que parar e perguntar a alguém como sair do complexo, e foi um pouco embaraçoso ser acompanhada até onde tinha estacionado o carro, como se fosse uma espécie de criminosa.

— Não se preocupe. — disse entre dentes. — Não estou pensando em fugir nem nada.

Seu acompanhante não pareceu convencido, o que só piorou seu humor.

E tinha sido assim toda a semana. Discutir com Aedian e ser insultada por ele, enquanto que seus próprios insultos nunca pareciam perturbá-lo. Ela estava certa de que se o chamasse de fraco ou algo assim, então acertaria seus nervos, mas não era a suficientemente estúpida para irritá-lo em seu próprio território. Não quando havia mais de uma centena de sua espécie no complexo que poderiam vir em sua ajuda se os chamassem.

Estava irritada, mas não era estúpida.

Pouco a pouco trouxe suas coisas ao complexo, tomando seu tempo com a mudança. Sentia como que uma vez que todas suas coisas estivessem ali, então ela realmente estaria presa, e era um pensamento assustador.

Sua mãe ligava todos os dias para checa-la, e era agradável saber que seus pais estavam preocupados, mas não havia nada que nenhum deles pudesse fazer sobre sua situação, disse a eles que não tinham nada com o que se preocupar. Ela não estava sendo maltratada, afinal, apenas irritada, e ela queria acreditar que estava a salvo, então, não havia nada com o que se preocupar.

Uma semana depois do torneio, reuniu-se com Samantha para o almoço. Sua amiga havia enviado mensagens de texto a ela durante toda a semana, pedindo informações, e Roxy pensou que seria bom poder escapar do complexo e estar na cidade por um tempo. Cercada por seres humanos e não se sentir tão presa.

Se encontram em um restaurante, e Roxy pôde ver que Samantha estava quase caindo de sua cadeira, cheia de perguntas.

Suspirou e fez sua amiga esperar até que tinha pedido sua comida antes de falar. — Vamos, então. Pergunte o que está morrendo de vontade de perguntar.

— Como é? — disse Sam. — Quero dizer, sei que provavelmente é terrível para você, mas como é de verdade?

Roxanne suspirou. — Não é exatamente horrível. — disse com sinceridade. — Aedian é um completo idiota, e para começar um cretino, mas a maior parte do tempo me deixa em paz. Posso ir e vir como quiser.

— Isso é bom, pelo menos. Sei que você gosta de sua independência.

— Sim. O que não é bom é o fato de que tenho que ouvir meu querido esposo falar de como fracos e idiotas são os seres humanos todo o tempo. É como se não acredita que sejamos dignos de respeito só porque não andamos por aí com grandes chifres e machados pendurados nos ombros.

Samantha riu. — As diferenças culturais chocam, suponho. Nenhum dos dois são propensos a ceder um centímetro.

— Hey, acredite cedi muitas coisas, muito obrigada. Quero dizer, eu estou dando toda minha vida para honrar o estúpido Tratado. É sua vez de ter um pouco de generosidade. — e ela definitivamente não estava fazendo beicinho quando disse isso. Definitivamente não. Porque isso seria patético.

— Falando de dar... — disse Samantha, levantando as sobrancelhas para ela. — Vocês não consumaram o matrimônio ainda?

Roxy revirou os olhos. Samantha sabe como ir direto ao ponto. Honestamente, ela a surpreendeu de que não tinha sido a primeira pergunta saindo de sua boca.

— Não estamos casados ainda. — disse, desesperadamente não querendo continuar mais esse assunto.

— Sabe exatamente o que quero dizer, Roxy Weaver. Não dê voltas comigo.

— Uff. Sim, ok? Sim. Tivemos sexo. — Roxy sabia que seu rosto estava vermelho brilhante, e estava tão contente pela interrupção da garçonete que trouxe sua comida. O último que queria fazer era dar os detalhes sobre essa noite, mas com a forma em que Sam a olhava por cima de seu hambúrguer e batatas fritas, sabia que não ia escapar tão facilmente.

— E? — perguntou logo que ficaram sozinhas novamente.

— E o que?

Samantha franziu o cenho. — Não estou jogando esse jogo com você.

— Oh sim, porque tem o direito de estar irritada porque não estou ventilando todos os detalhes da minha vida privada com você. —, murmurou Roxanne.

— Sou sua melhor amiga, Roxy. Ventilar os detalhes da sua vida privada é praticamente obrigatório. Então, pode começar irmã.

Realmente não havia nada pudesse fazer, a não se falar. Samantha era como um cão com um osso quando se tratava da informação que queria, e Roxanne sabia que não ia deixá-la ir até que contasse. — Bem. — ela bufou. — Nós... Foi bom, certo? — ela baixou a voz, não querendo ser escutada. Até agora ninguém a abordou sobre ela ser uma das escolhidas com “Hey você não é...”, mas ela não queria correr riscos de qualquer maneira.

— Só, bom?

Como desejava que tivesse sido “só bom”. Se tivesse sido só bom, então poderia descrever tudo o que aconteceu e continuar irritada por isso. Ela poderia dizer que não havia uma só coisa boa a respeito dessa união, ser amarga e justificá-lo com isso. Inclusive Samantha, que idealizava isso de uma maneira ridícula, a deixaria sozinha e sentiria por ela se lhe dissesse que o sexo foi decepcionante, além de tudo.

Mas isso seria uma grande mentira, e Roxy tentava não fazer um hábito mentir às pessoas com que se importava.

Então ela suspirou e esfregou suas têmporas antes de empurrar um anel de cebola em sua boca. — Não, não foi só bom. Foi... Ele é incrível na cama, ok? Literalmente incrível. Fez-me gozar duas vezes, mas estava tão esgotada depois, que apaguei e não acordei até a manhã seguinte. É bem dotado como uma estrela pornô e sabe o que fazer com ele. É isso o que você queria ouvir?

Os olhos da Samantha estavam arregalados enquanto absorvia o que foi dito. — Isso não é o que eu estava esperando ouvir. Pensei que talvez sua espécie fosse egoísta na cama. Sabe estar preocupado com seu próprio prazer.

— Não. — disse Roxy, fazendo estalar a última parte da palavra. — Nem sequer um pouquinho. A primeira coisa que fez quando chegamos à cama foi ir lá embaixo em mim.

— Santa merda.

— Sim.

— Talvez não seja tão idiota então?

Roxy sacudiu a cabeça. — Não, não acredito que o fez porque queria me dar prazer ou nada como isso. Acredito que só... Queria fazê-lo.

— Ser egoísta por ter ido lá embaixo, em você. — refletiu Sam. — Bom, eu ainda não acredito que isso seja algo do que reclamar. Ao menos há algo que podem usar para diminuir a distância entre os dois. Só use seus malignos movimentos sexuais e fará que te respeite dessa maneira. — Roxanne queria dizer a sua amiga que a sua ideia era ridícula e que o sexo certamente não faria que Aedian deixasse de olhar para ela como se fosse uma coisa fraca ou inútil, mas ela não queria ser precipitada. Talvez houvesse algo nisso, afinal. Os Calphesians eram tudo sobre o físico, depois de tudo, e o sexo era uma das coisas mais físicas que duas pessoas pudessem compartilhar entre si.

Ela comeu o resto de sua comida com uma expressão pensativa em seu rosto.

O pensamento esteve em sua mente todo o caminho de volta ao complexo, estacionou seu carro e fez o caminho de volta aos aposentos de Aedian (seus aposentos, tinha que continuar lembrando a si mesma com desgosto), com os braços cheios de caixas que havia trazido com ela. A primeira vez que tinha começado a trazer suas coisas, tinha aos Calphesians oferecendo-se para ajudá-la, mas dessa maneira diziam claramente que pensavam que ela iria se machucar sem sua ajuda porque ela era fraca, por isso os tinha mandado embora, afastando-os dela. Agora eles não se ofereciam, mas a olhavam como se estivessem esperando o momento em que ela caísse no chão ou derrubasse todas as coisas em um monte.

Manteve a cabeça erguida, negando-se, absolutamente negando-se a mostrar fragilidade na frente deles.

De algum jeito ela sabia que se o fizesse se voltariam para Aedian, e acabariam por usá-la para alimentar sua opinião de que os “seres humanos são o pior neste planeta de morte”.

Quando chegou ao quarto, teve que fazer malabarismos com as caixas para poder pressionar sua mão no sensor da porta que lia suas impressões digitais e a deixaria entrar.

Claro, logo que entrou, Aedian estava ali, com aspecto entediado enquanto observava algo na enorme tela que ocupava a maior parte da parede do fundo da sala principal. Olhou para cima quando ela entrou e logo afastou a vista. — Mais coisas.

Não era uma pergunta, e Roxanne se irritou, pensamentos sexuais em suspenso no momento. — Mais coisas. — ela confirmou. — O que? Tem um problema comigo por ter coisas?

Aedian encolheu os ombros como se não se importasse de qualquer maneira. — Os seres humanos têm uma grande quantidade de coisas.

— Correto. — espetou Roxy. — Porque fomos nós que chegamos ao seu planeta com todas nossas naves, tecnologia e armas. Esqueci-me.

Olhou-a então, e arqueou as sobrancelhas. — Precisávamos dessas coisas.

— E eu preciso dessas. Se não quer lidar com elas em sua casa, então me dê a minha.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— Então, pare de reclamar.

Eles olharam um para o outro durante um longo momento e então Roxanne suspirou, caindo ligeiramente. Se essa fosse à maneira que as coisas seriam entre eles, seria cansativo. Ela não sabia como as outras duas mulheres estavam lidando com seus maridos aliens, mas estava disposta a apostar que não estavam lutando todo o tempo como ela e Aedian. Lembrando a conversa com Samantha, Roxanne tomou uma decisão.

Ela pôs as caixas no canto da sala para arrumar depois e se voltou de frente para Aedian. Seus olhos se deslocaram de novo à tela, mas ela poderia dizer que ele não estava vendo o que estava passando. Então ela avançou e ficou diante dele, bloqueando sua visão.

Ele não disse nada, só a olhou (e ele só teve que esticar um pouco seu pescoço para olhar diretamente em seus olhos), como se estivesse esperando que dissesse o que fosse que precisava dizer.

Bem, para sua sorte, não tinha intenção de dizer nada.

Lenta e deliberadamente, deixou-se cair de joelhos e deslizou para frente até que estava de joelhos entre suas pernas abertas.

Não sabia se ela estava em uma posição de submissão ou o fato de que ele pudesse adivinhar o que estava a ponto de acontecer, tinha olhos prateados

escurecendo enquanto olhava para ela, ele afastou as pernas um pouco mais amplas.

— Vá em frente. — murmurou, com voz rouca.

— Estava planejando fazê-lo.

E, honestamente, era ridículo quão fácil era. Assim que o sexo se envolvia, a disputa se detinha e se concentravam em si e nada mais.

Ela deslizou suas mãos por suas coxas, sentindo os músculos duros ali e realmente desfrutando da forma em que se esticaram e flexionaram sob suas mãos. Hábeis dedos encontraram os botões de suas calças, e ela os desfez rapidamente, sorrindo um pouco quando a respiração de Aedian acelerou.

Já estava ficando duro, e Roxanne agradeceu o fato de que parecia que os Calphesians não se incomodavam com a roupa íntima.

Seu pênis era grosso e comprido, curvando-se em seu estomago, já que torceu e cresceu sob seu olhar. Roxy envolveu sua mão ao redor do comprimento, sentindo a carne sedosa e o quão quente estava. Era muito alto para manter seu olhar fixo nele enquanto ela estava de joelhos, mas estava bem. Deu-lhe mais motivos para concentrar-se em seu pênis e fazer que se sentisse bem.

Com movimentos lentos, deslizou sua mão para cima e para baixo de seu eixo, vendo como engrossou e endureceu ainda mais, crescendo em tamanho. Era incrível lembrar que essa coisa tinha estado dentro dela, golpeando profundo e duro e arrastando seu prazer. Só a circunferência a tinha retorcida na cama, e ela era cética a respeito da sua capacidade para acomodá-lo em sua boca, mas sem dúvida iria tentar.

Quando sua respiração se enganchou e pequenos grunhidos e gemidos começaram a sair de seus lábios, Roxy avançou mais para frente. Ela baixou a cabeça e arrastou a língua para cima sobre seu eixo, rodeando a sensível cabeça quando chegou a ela.

Aedian gemeu, e arranhou com os dedos enrolando a mão em seu cabelo. Geralmente, ela se queixava de algo assim, mas não a forçou a tomar mais de seu eixo, e a pequena mostra de controle a fez se sentir bem, assim que deixou acontecer e se concentrou na tarefa em questão.

Separando seus lábios começou a sugar a cabeça dele, saboreando o gosto salgado de seu pré -sêmen em sua língua, que já se filtrava em sua boca.

Acima dela, Aedian amaldiçoou em outra língua. Ela sorriu e trabalhou sua boca para baixo tomando mais dele, indo devagar para controlar a si mesma, mas compensou com suas mãos e a língua, assegurando-se de que havia um fluxo constante de sensações.

Quando Aedian começou a levantar seus quadris, sabia que o tinha.

Sua boca estava cheia de seu pênis, um pouco mais da metade, sabia que não podia aguentar mais, por isso ela fez com mais entusiasmo, meneando a cabeça e trabalhando sua mão ao mesmo tempo, sugou e tragou como se fosse à coisa mais deliciosa que já provou.

E, honestamente, era muito bom. Sua mão no seu cabelo, grunhidos e o comando de posse em silêncio que podia ouvir dele, a forma em que não era capaz de ficar quieto. Tudo isso a teve úmida em sua calcinha, queria levar uma mão à parte dianteira de suas calças e tocar a si mesma, mas manteve a concentração, determinada a fazê-lo vir primeiro.

Apesar de sua postura forte e poderosa, parecia que os Calphesians desmoronavam como qualquer outro homem quando seu pênis estava enterrado em uma boca quente e úmida, e como Roxanne balançava a cabeça e retorcia sua mão ao redor da base de seu pênis, ela podia sentir seu controle se esvaindo. Ela pôde saborear isso.

Seus grunhidos soavam mais como queixa, e foi revertendo seus quadris, esteve a ponto de se engasgar com seu comprimento até que encontrou o ritmo. Sua mandíbula doía, mas estava decidida, e ela o ignorou por enquanto, sabendo que estava perto.

— Eu... — era tudo o que teve tempo de dizer antes que estivesse derramando sua liberação, sua salgada e quente semente enchendo sua boca enquanto ela se retirou.

Parte se salpicou sobre seus lábios enquanto ela tragou o que pôde e soltava seu pau ainda jorrando com um leve pop. Antes que pudesse se limpar, sua mão estava ali, esfregando o polegar pelos lábios enquanto limpava sua boca.

De repente sentindo a necessidade de manter essa atmosfera obscura, cheia de prazer entre eles, ela se inclinou e lambeu seus dedos, tirando seu dedo polegar e chupando-o, cuidando para não cortar sua língua com a unha em garra.

Seus olhos eram de uma cor cinza escura pela luxúria, e a olhou como se fosse à primeira vez. Levantou-se rapidamente em um só movimento, seu pênis pendurando de suas calças.

Quando lhe ofereceu a mão, ela aceitou, e sentiu que era um progresso.



AVISOS NO HORIZONTE

Deixar sua cama essa manhã foi mais difícil do que tinha sido antes. Roxanne estava enroscada nele, quente e cheirava a sexo, sua cabeça estava apoiada em seu peito. Ele nunca tinha compartilhado uma cama com ninguém antes, já que esse tipo de coisa estava estritamente reservado para a companheira de vida em sua cultura, e tinha passado vários minutos olhando-a, a forma em que sua pele se destacava contra os lençóis e como sua massa de cachos se derramavam sobre seu travesseiro.

Aedian estava mudando sua opinião sobre ela, e isso o incomodava, nunca havia esperado alguém como ela, e ele não estava certo do que estava acontecendo.

De qualquer maneira, ele tinha uma reunião do conselho para estar, não havia tempo para pensar nisso agora.

O engraçado era que antes de vir para a Terra, até mesmo antes do torneio em si, ele nunca tinha sido suficientemente importante para participar desse tipo de coisa. Não era mais que um corpo e uma arma na horda maciça de seu povo, mas uma vez que ele provou ser um dos três mais fortes campeões, de repente se tornou alguém. Força, para seu povo, era o mais importante.

E o fato de que iria ser responsável por sua espécie de algum jeito, não era nada para ignorar tampouco. Então, se vestiu e se dirigiu às câmaras internas do complexo, caminhando pelo labirinto de corredores com os outros que tinham sido convocados.

— Alguém sabe do que se trata? — perguntou alguém por trás dele, e Aedian se virou para ver Shiia caminhando a seu lado.

— Não. — ele respondeu. — Ao menos, eu não sei. — disse no idioma de seu povo, um som agudo, áspero, que se sentia natural em sua língua. A maioria dos seres de seu quadrante eram políglotas, mas falar sua própria língua o fazia se sentir bem.

— Por que saberia? — chamou outra pessoa. — Tens andado tão ocupado nos últimos dias.

— Andei?

— Claro. Com sua humana. Disseram-me que são insaciáveis.

Aedian recordou a noite que passaram juntos. Roxanne de joelhos diante dele, sua bela boca embrulhada ao redor de seu pênis, e depois na cama, embaixo dele enquanto bombeava nela.

Aedian lembrou-se de como os seres humanos tinham sido surpreendidos ao descobrir que eles estavam organizados e tinham uma espécie de governo. Quando examinaram aos Calphesians, viam bestas sem cérebro, mas só porque a força era apreciada sobre todo o resto não queria dizer que fossem estúpidos.

E viver em outro planeta significava que precisavam se reorganizar.

Cada grupo de Calphesian espalhado pelo mundo tinha um líder. Os líderes desses grupos formavam um Conselho, e se comunicavam através de uma vídeo conferência para tratar de assuntos importantes.

Geralmente, era só o Conselho que se reunia, e o líder transmitia as notícias a seu grupo, se fosse necessário, mas, como está reunião se ampliou às pessoas mais importantes de cada grupo, devia ser algo grande. Quando Aedian entrou na sala, podia ver que seu líder estava à cabeceira da mesa, com os braços cruzados.

Prias tinha sido o líder por mais tempo quanto Aedian poderia lembrar, o Calphesian mais velho, grisalho e musculoso, com o cabelo pendurando em grossas tranças, tatuagens visíveis, chifres enormes e afiados. Praticamente exalava poder e Aedian se inclinou ligeiramente enquanto caminhava, mostrando respeito ao guerreiro mais forte que seu grupo tinha.

Haviam telas nas paredes, e em cada tela estava o rosto e a parte superior do corpo dos líderes dos outros grupos. Com cada grupo disperso através desse novo planeta, esta era a única maneira de que todos eles poderiam se comunicar.

Aedian tomou um assento, mantendo sua distância de Shiia e Demos que tinham entrado depois. Ambos pareciam felizes e relaxados, e se perguntou

como estavam as coisas com suas mulheres humanas. A julgar pela exibição na cerimônia, adivinhou que as coisas estavam indo bem.

Alguns outros Calphesians entraram as pessoas mais importantes no setor: o médico, o filho do líder do grupo, alguns dos que tinham sido fundamentais para ajudar a construir seus complexos de habitação, e os ganhadores dos últimos torneios.

Todos tomaram seus assentos e voltaram seus olhos ao líder, a antecipação no ar.

Prias assentiu a todos eles e logo deu um murro sobre a mesa. Nas telas, cada um dos outros chefes fez o mesmo, chamando a ordem à reunião.

— Líder Talren. — disse Prias, olhando ao maior Calphesian na parte esquerda da tela. — Relatório.

Talren inclinou a cabeça e logo olhou a seu redor, escuros olhos azuis graves. — Nossa ausência foi notada. — disse em seu idioma. — Os Platoks estão em movimento.

Na menção do nome da outra raça de criaturas, ruídos indignados se levantaram de todos os Calphesians, Aedian incluso. De todos os seres em seu quadrante, os Calphesians tinha sido os mais fortes, mas as Platoks sem dúvida tinham sido os segundos. A única coisa que os mantinha em ordem tinha sido a forte presença dos Calphesians, mas agora que não estavam lá...

Prias deu um murro sobre a mesa outra vez, pedindo silêncio. — O que estão fazendo? — perguntou.

— Conquistando. — Talren respondeu simplesmente. — Os Slifins e a Karracks foram arrasados, segundo minhas fontes, os refugiados de ambos os clãs se uniram pela sobrevivência.

Aedian piscou surpreso. Os Slifins e Karracks se odiavam entre si, e só a verdadeira devastação teria dado lugar à união de suas forças. Mas, mesmo em conjunto, não seriam páreos para os Platoks. Só os Calphesians poderiam orgulhar-se de tanto.

— Eles não parecem estar detendo sua conquista, no entanto. — continuou Talren. — E temo que se expanda mais à frente do quadrante muito em breve.

— Você acredita que virão aqui? — perguntou Demos, o cenho franzido em seu rosto.

Um murmúrio se elevou dos reunidos, carregado de especulação. Aedian olhou e pôde ver a preocupação de Prias em seu rosto.

— É por isso que não deveríamos ter deixado Calphas, — disse Aedian, reclinando-se em sua cadeira. — Os Platoks nunca teriam se atrevido a fazer algo como isso conosco lá. Nós os mantínhamos sob controle.

— Então teríamos morrido junto com Calphas e isso teria acontecido de todos os modos. — Alric, um dos outros chefes adicionou. — Há sabedoria em saber quando retirar-se.

Aedian bufou. — Há fragilidade em retirar-se. — respondeu ele, sabendo que estava fora dos limites falar com um dos líderes dessa forma, campeão ou não, mas não pôde conter sua língua. — Não há nada que se possa fazer daqui.

— Silêncio, Aedian. — disse Prias, sua profunda voz carregada de desaprovação. — Tomamos a decisão que devíamos tomar quando saímos de Calphas. Parece fraqueza para você, quando se luta pela sobrevivência?

— Não, mas...

— Há algo vergonhoso querer que a vida de nossa espécie continue? Duvida de que os Platoks tivessem esperado até que Calphas morresse conosco nela antes que dançassem sobre nossos corpos e saqueassem nosso quadrante? — havia certa irritação na voz de Prias, e Aedian sabia que não devia responder. Ele fechou a boca e manteve os lábios apertados em uma linha fina.

— Ninguém queria deixar Calphas e vir aqui. — continuou Prias. — Não encontramos nos retirar tão saboroso como você pensa. Mas era a única opção. Não havia nenhuma outra. Deixar Calphas para viver ou morrer lá. A sobrevivência é a coisa mais importante. Mas talvez você achasse que o resultado do nosso voo é a verdadeira fraqueza, não é? Pensa que o Tratado com os seres humanos nos faz menos de alguma maneira? Porque nós nos aproveitamos deles como um recurso? Porque isso é o que são. Assim como seu alimento e a água é. Suas mulheres evitaram que nossa espécie se extinga. — ele levantou sua mão e a apertou em um punho. — A sobrevivência é a coisa mais importante.

— Sim, Prias. — Aedian disse entre dentes, e ele não voltou a falar pelo resto da reunião.

Os outros chefes deram informações de suas fontes, falando da forma em que os Platoks pareciam estar movendo-se para o exterior de seu quadrante para conquistar os planetas pequenos na periferia, os que não poderiam se defender, já que tinham estado sob o amparo dos Calphesians. Não havia nenhuma dúvida de que estavam matando aos guerreiros e tomando as mulheres como escravas, como era a forma habitual deles, e a atmosfera de raiva na sala seguiu crescendo.

— Acha que estão tentando nos atrair de volta? — perguntou Shiia em um dado momento, e todos o olharam. — Nos provocando até que peguemos nossas naves e retornemos ao quadrante?

Ninguém tinha uma resposta para isso.

— Se querem se reunir conosco em uma batalha, poderão reunir-se conosco aqui. — gritou um dos ex-campeões.

— E o que acontece com os seres humanos? — perguntou outro. — Não vão ser capazes de lutar. A Terra não está preparada para isso.

— Não podemos não fazer nada. — disse outra pessoa.

Prias levantou as mãos em um intento de silêncio. — Não vamos não fazer nada. — assegurou-lhes. — Mas precisamos de um plano. Sua tecnologia é muito menor que a nossa, e levarão tempo para chegar até aqui, se vierem. Vamos lidar com suas ameaças, se é que existem.

Argumentaram e argumentaram, sem ninguém apresentar qualquer solução real, e no momento em que a reunião estava chegando a seu fim, Aedian estava agitado, irritado e ansioso.

Ele saiu da sala de reuniões, passando através dos pequenos grupos de pessoas que se colocavam ao seu redor para falar. Ele não queria falar. Falar não ia levar a nenhuma parte. Durante tantos ciclos, os Calphesians tinham mantido a paz em seu quadrante ao vencer a qualquer ameaça que se elevasse. E agora que eles se foram os Platoks, fracos viscosos que eram, tinham entrado e assumido.

Era um erro, e como eles podiam todos apenas sentar lá e falar sobre o assunto como se não fosse uma bofetada na cara, estava além de sua compreensão.

Aedian não estava prestando atenção aonde ia quando passou pelos corredores de volta à zona residencial. Estava com raiva e precisava fazer algo.

Antes de dar-se conta estava de volta na porta de seu aposento, ele pôs a mão no sensor, fazendo tremer a tela à medida que lia suas impressões e o deixava entrar.

A porta deslizou a um lado e ele pisoteou para dentro da sala, deixando-se cair no sofá, soltando fumaça. Seus dedos apertados em punhos, unhas quase se enterrando na pele de suas palmas. Roxanne deveria ainda estar por aí, ele não tinha saído há muito tempo, e se não pudesse bater em alguma coisa, fazer sexo com ela seria a melhor opção no momento.

Geralmente ele tratava de ser amável com ela, sabendo que ela era frágil, mas ela parecia desfrutar quando ficava um pouco rude: quando ele a imobilizava na cama ou a sustentava pelo cabelo ou arrastava suas garras sobre sua pele, ela gritava por ele. E tratava de defender-se tão bem como podia, enterrando suas unhas humanas pelas suas costas, com a boca pressionando seu ombro, os dentes mordendo no músculo aí.

Sim, isso seria uma excelente distração se não podia ter o que queria, ele se levantou, entrando no quarto para ver se ela ainda estava na cama.

Os lençóis estavam enrugados, mas ela não estava ali, Aedian deixou escapar um grunhido sem palavras de frustração até que escutou a água correndo no banheiro.

Ele entrou, e ali estava ela, de costas para a porta enquanto tomava banho.

Ela era linda, com água caindo sobre sua pele, o cabelo recolhido em um nó para que não molhasse. O banheiro ecoando com o som de seu zumbido enquanto lavava a si mesmo, e Aedian aproveitou para observá-la durante um momento, desfrutando da forma em que suas mãos se deslizavam por suas curvas e com vontade de seguir com suas próprias mãos.

Quando ela se virou e o viu de pé ali, ela gritou e franziu o cenho.

— Não faça isso. — a espetou, pressionando uma mão sobre seu peito. — Quase me deu um ataque do coração. Você nunca ouviu falar sobre bater na porta?

— Essa é minha casa. — Aedian assinalou.

— Nossa casa, e você pode sair agora.

— Você não me dá ordens. — ele espetou irritação queimando-o de novo. Ele não queria brigar com ela, queria puxa-la para ele e perseguir a água correndo por sua pele com a sua língua. Mas ela era tão irritante às vezes.

— Ah, claro, porque você nunca me dá ordens. — Roxanne murmurou entre dentes enquanto fechava a água e alcançou sua toalha. — Eu falo sério, saia.

— Venha aqui. — disse Aedian, estendendo a mão para ela.

— Você escolheu justo hoje para esquecer como entender Inglês? — disse Roxanne. — Vai para longe. Não estou pronta pra lidar com você, ainda.

Aedian se eriçou e grunhiu em voz baixa enquanto dava um passo para frente, com os olhos semicerrados. — Você é minha. — disse, a voz disparando como um chicote. — Vem aqui.

— Não sou sua!

—É. — Aedian insistiu e logo a agarrou pelo braço, tirando ela fora do chuveiro. Ela perdeu seu equilíbrio e tropeçou, o impulso de seu puxão fez com que caísse contra seu peito, e ele usou um braço para mantê-la ali. — Silêncio. — murmurou enquanto ela o insultou e tomou seu rosto com uma mão antes de inclinar-se para beijá-la.

Raras vezes se beijavam, geralmente quando estavam no calor do momento, mas Aedian queria saboreá-la. Ele queria tê-la mole e flexível contra ele, fazendo esses lindos sons quando ela rogava por mais.

O que obteve dela foi um ofego indignado, saindo para trás e lhe dando uma bofetada na cara.

O choque disso o fez soltá-la e ela deu mais um passo para trás, os olhos enfurecidos enquanto o olhava. Parecia como se fosse golpeá-lo de novo, mas então ela simplesmente girou sobre seus calcanhares e saiu do banheiro.

Aedian escutou enquanto se vestia, enquanto o amaldiçoava e agarrava suas coisas. E então ele escutou quando a porta se fechou atrás dela, ele ficou de pé no banheiro, imóvel.

A raiva nele se dissolveu com a bofetada em sua cara, mesmo que nem o tivesse machucado, o choque dela o golpeando, o sacudiu fora do estado de ânimo no qual tinha estado.

E uma vez que a raiva se foi, ele ficou com um sentimento que se parecia muito com vergonha, uma sensação a qual não estava acostumado.

UMA QUESTÃO DE PERDÃO

— Ele tem muita coragem, honestamente. — Roxanne vociferou, andando de um lado para o outro na sala de seus pais. — Me tratar como se eu fosse uma espécie de brinquedo para ele recolher e puser abaixo quando ele quer. Da mesma forma, que sou um... Uma bola de estresse ou algo para que ele descarregue suas frustrações. Quem ele pensa que é?

Seus pais estavam sentados no sofá, olhando-a com olhos cautelosos enquanto ela caminhava. Nenhum deles disse nada, estava claro que Roxy não precisava de suas contribuições. Ela só queria tirar isso de si antes de explodir. Todo o caminho para a casa deles, ela estava fumegando, murmurando em voz baixa, mas tratando de manter seu temperamento sob controle para não entrar em algum tipo de acidente e ferir outras pessoas com a sua raiva.

Ela não queria isso.

Mas assim que estacionou em frente à casa de seus pais, deixou que tudo fluísse.

— E a pior parte disso é que isso é exatamente como será minha vida agora. — Disso — Porque estou presa a ele. Vamos estar sempre brigando e ele tentando me usar, e eu odeio isso!

Sua mãe estremeceu com a raiva que sentia em sua voz e suspirou.

— Roxy querida, você considerou a ideia de isso ser um incidente isolado?

— O que?

— Bem... — sua mãe e seu pai se olharam. — Você disse que ele nunca fez nada como isso antes, certo?

—... Certo. — admitiu Roxy, um pouco a contragosto.

— Bem então. Talvez ele estivesse em um mau momento e cometeu um erro. Isto não quer dizer que toda sua relação será assim. Se eu tivesse desanimado com cada coisa estúpida que seu pai fez, você nem teria nascido.

— Oh, obrigado. — disse secamente seu pai. — Entretanto, sua mãe tem um ponto, Roxanne.

— Oh, certo, agora estão do lado dele. — Roxy murmurou, cruzando os braços.

— Você é minha filha, Roxanne. Estou sempre do seu lado, só estou dizendo que.

— E é claro que sempre vai ser assim. — a cortou Roxy. — É assim que ele é. Ele me vê como algo inferior, algo fraco. Por que não tomar vantagem disso quando lhe convém? Ele está mostrando sua verdadeira face mais e mais.

Houve um momento de silêncio, e sua mãe suspirou. — Querida, não estou tentando suavizar isso, porque posso dizer que você está chateada, e se pensa que isso vai ser um problema, prometo que vou fazer tudo o que puder para que saia deste casamento com ele seja só que... Você falou com ele sobre isso, depois do que aconteceu?

Roxanne olhou sua mãe com incredulidade. Esta era a mesma mulher que a parabenizou por ter batido em Robbie Harper na cara quando ele desabotoou o seu sutiã na sala de aula de matemática. Esta era a mulher que a ensinou que ela era a única que tinha controle de seu corpo e que ela não tinha que suportar ninguém lhe fazendo algo que ela não quisesse. E agora estava sentada ali lhe dizendo que estava exagerando sobre isso?

— Não, não falei com ele. — disse ela, como fosse uma ideia ridícula, o qual era. — Eu lhe dei um tapa na cara e consegui o inferno fora de lá. Por que eu teria falado com ele sobre isso? Por que está do lado dele?

— Não estou! — sua mãe insistiu. — Só digo que há algo que pode sair disso... Tirar algo bom de uma situação ruim. E talvez você não devesse ter lhe dado um tapa? — tanto Roxy como seu pai a olharam, ela bufou, cruzando os braços. — O que?

— O que ela deveria ter feito então? — perguntou seu pai. — Acredito que golpeá-lo foi sem dúvida o melhor curso de ação nesta situação. Se não a respeita o suficiente para manter as mãos para si mesmo, então, ela vai ter que lhe mostrar que haverá consequências.

— Alan. — disse sua mãe. — Não a incentive.

— O que quer dizer com, não a incentive? Não quer que ela se defenda por si mesmo?

— É claro que sim, mas não é como se ele fosse um homem comum. Não é como se fosse humano. Ele poderia realmente machuca-la, e não há nada que podemos fazer a respeito. Não há nada que alguém posso fazer a respeito, temos que trabalhar com eles e fazer o melhor possível.

— Então, eu devo deixa-lo que faça o que e quando quiser comigo? — disse Roxanne. — Essa é a solução a este problema? Sacrificar meu futuro e meu respeito a mim mesma, para que eles não se irrite e matem a todos nós. Incrível, estou muito emocionada com meu futuro.

E com isso se afastou, entrando no quarto que foi dela quando vivia ali e fechou a porta.

Tirar o melhor de uma situação ruim. O que sequer se supunha que ela queria dizer com isso? Claro que era uma situação ruim. Ela não queria nada disso, mas não havia maneira de sair. Isso era maior que eles, e ambos eram peões no grande jogo. Mas isso não significava que tinha que ser a que se rendesse a tudo. Sua dignidade e autoestima ainda importavam, e ela não suportaria Aedian tratando-a como se fosse uma espécie de brinquedo só porque ele era maior que ela e seu povo pudesse matar a todos.

...Okay, pensando dessa forma, ela poderia ter uma ideia de onde sua mãe queria chegar, mas mesmo assim.

Sinceramente, o que a pôs mais louca em toda esta situação era o fato de que ela pensou que estavam fazendo progressos. A construção de sua relação, tal como era, fora do sexo não era a melhor ideia, mas era melhor que as constantes brigas.

Roxy sabia que ele a via como igual no quarto, e devia usar isso contra ela, ou só a utilizava para isso, na verdade, a fazia sentir como se não houvesse maneira de ganhar.

E odiava essa sensação.

Seus pais não tocaram no assunto novamente, e Roxy passou seis dias na casa deles, perguntando-se se só poderia ficar ali para sempre. Supunha-se que em

algum momento teria que voltar para o complexo para estar com seu “noivo”, mas até então, não tinha nenhuma intenção de ir.

Quanto mais pensava em ter que voltar para o complexo e possivelmente desculpar-se com Aedian pelo seu mau comportamento, mais zangada ficava, e por isso tirou todo o assunto de sua mente e se concentrou em outras coisas.

Almoçava com Sam, continuou sua busca pelo trabalho perfeito, e jantava com seus pais, rindo de suas histórias e simplesmente desfrutando de estar com a sua família. Não se sentia como um pária, não se sentia como um ser fraco, e pouco a pouco sua ira se desvaneceu.

Era uma das coisas que a distância parecia conseguir, provavelmente.

Qualquer que fosse a razão, ela estava mais relaxada, e, portanto, completamente despreparada quando bateram à sua porta em uma manhã.

Ambos os pais estavam no trabalho, e ela supôs que era o carteiro ou alguém entregando alguma coisa, por isso não pensou duas vezes antes de ir atender a porta. Quando viu Aedian de pé ali, seu coração acelerou a toda marcha e pensou que talvez ela devesse ter estado mais preocupada com ele vindo buscá-la.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, a ira florescendo de novo.

— Queria falar com você. — disse Aedian.

Roxanne revirou os olhos. — E sempre consegue o que quer. — murmurou em voz baixa. — Entra, e cuidado com os chifres.

Aedian piscou, mas abaixou a cabeça e entrou pela porta principal, sentindo-se comicamente grande na modesta casa de seus pais. Tinha a cabeça quase até o teto, e parecia que tinha medo de mover-se por medo de quebrar alguma coisa. Por uma vez, estava usando uma camisa, e ela sabia que era uma prática comum para eles vestir-se mais quando estavam em zonas humanas.

Houve cautela em sua expressão, e Roxanne franziu o cenho. Não parecia zangado, mas isso não significava que não estivesse, ela se negou a baixar a guarda.

— Vai me dizer o que quer? — ela perguntou.

— Quero conversar com você. — disse ele, novamente.

—Sim, você já... — foi interrompida pelo assobio da chaleira na cozinha, suspirou, recordando que a tinha posto para fazer chá. —Vamos, então. — disse, fazendo um gesto para que ele a acompanhasse à cozinha.

Ela desligou a chama sob a chaleira e procurou nos armários pelo chá de hortelã que gostava. Seus pais sempre tinham algum à mão para quando ela os visitava.

Quando deu a volta na cozinha, virou-se para a porta, a visão de Aedian sentado na mesa da cozinha surpreendeu uma risada fora dela. Era só que ele era tão grande, e as cadeiras da cozinha tão pequenas e frágeis para ele. Já eram bastante pequenas para seu pai, de um metro e oitenta e dois, que sempre se queixava delas, e sem dúvida eram para Aedian, de quase trinta centímetros mais alto que seu pai.

Na verdade, ele parecia tão fora de lugar, que o riso borbulhou fora dela. A cozinha estava pintada de uma cor pêssego, e havia flores nas molduras e rodapés, e era muito divertido ver este guerreiro endurecido, sentado ali, olhando atentamente para o açucareiro em cima da mesa com desconfiança.

Aedian ergueu a cabeça quando ela riu ainda mais, ele estreitou seus olhos nela. — O que é tão engraçado?

— Você é. — disse Roxanne. — Você parece tão desconfortável.

Ele encolheu os ombros. — Esta não é minha casa.

— Não. — concordou ela. — Definitivamente não foi feita com você em mente. — ela tratou de fazer seu chá e depois se inclinou sobre o balcão com a caneca quente, soprando através da superfície do vapor antes de tomar um gole. — Então, sobre o que você queria falar?

A cautela voltou, e ele suspirou, arrastando suas garras através de seu cabelo. — Eu queria me desculpar...

Roxanne piscou surpreendida por isso, quase deixando cair sua xicara. — O que?

— É assim que se diz certo? Pedir desculpas? Não dizemos muito isso em meu povo.

Isso não era uma surpresa. Estava certa de que quando feriam as pessoas, diziam isso. Mas estava surpresa de que ele tinha vindo aqui para lhe dizer isso. — Por quê?

— Pela forma como agi. Por não escutar quando me disse que não.

Ele sabia que o que tinha feito era errado. Mais do que nunca, Roxanne sentia como se estivesse em uma dimensão desconhecida ou algo assim. Ele pareceu sincero o suficiente, mesmo que parecesse estar preocupado com o fato de que ela o atingisse novamente.

— Sente muito por isso?

Ele assentiu. — É tão surpreendente?

— Eu... Acho que sim. Eu só. Eu não esperava que você percebesse que havia feito algo errado. Sei como se sente sobre os seres humanos. E estava falando de como eu pertença a você, então eu simplesmente assumi... — ela parou e encolheu os ombros.

Aedian suspirou e olhou ao redor da cozinha uma vez mais antes de olhar para ela de novo. — No começo não sabia o que fiz de errado. — admitiu. — Não estou acostumado às pessoas que resistem aos meus avanços. Mas tive uma conversa com Demos. Você conhece Demos?

Roxanne franziu o cenho. — Um dos outros campeões?

Ele assentiu novamente. — Sim. Ele entende os seres humanos de uma maneira que eu não o faço.

— Não são só, os seres humanos, no entanto. — Roxanne empurrou. — Você não deve tratar ninguém dessa maneira.

— Foi o que Demos me disse. Também disse que você não me pertence.

— Demos é inteligente. — disse Roxy. — Mas acho que... Não é inteiramente culpa sua. A linguagem que seu povo utiliza é pouco favorável para que os homens nos tratem como pessoas. Quero dizer, vocês nos chamam de “prêmios”, por isso, sem dúvida põe em marcha todo o assunto “de que nos possuem”.

Aedian inclinou a cabeça para o lado enquanto falava e depois encolheu os ombros. — Eu... Acho que sim.

Ela suspirou. Era aparentemente demais ter essa conversa particular agora. Pois bem, progresso era progresso, ela supôs, e o pedido de desculpas era mais do que estava esperando.

— Eu teria pensado que você ficaria feliz em se livrar de mim. — disse ela, sorvendo seu chá e olhando para ele.

— O Tratado.

Ela bufou, cortando-o. — Você não se importa com o Tratado. Pude ver isso no torneio. Isso era tudo sobre você, tratando de demonstrar que era forte, não porque queria ter uma esposa humana e ser responsável por prolongar sua raça.

— Eu... O que? — perguntou Aedian, franzindo o cenho em confusão, e Roxy imaginou que seu dom de línguas não foi cortado para recuperar a lógica, então ela suspirou.

— Você não estava mais feliz comigo do que eu estava com você. — explicou.

— Isso é verdade. — admitiu. — Mas... Estamos presos um com o outro. Devido ao Tratado. Talvez eu não me importe com isso, mas o respeito. Não tenho outra escolha.

E isso era certo. Os dois eram vítimas, embora Roxanne pensasse que talvez ela tivesse conseguido a extremidade mais curta da vara, mas então, Aedian provavelmente se sentia da mesma maneira. Ela suspirou e abaixou a xicara no balcão, tirando um cacho errante que caiu em sua cara de seu coque descuidado.

— Você me respeita? — perguntou. — Porque eu não vou voltar com você, se não o fizer.

Ele olhou para ela por um longo momento, claramente pensando. Finalmente inclinou a cabeça. — Sim. Eu acho que sim. Você não é fraca. Bem... Você é um ser humano, por isso é fraco por natureza, mas é forte para sua espécie. Põe-te de pé por si mesma e não permite que lhe falem com respeito. Isso é um ponto forte. Sinto muito pelo que fiz, mas você reagiu com força.

— Eu lhe dei uma bofetada.

Ele encolheu os ombros. — Força.

Era um povo tão simples, parecia. Defender-se a si mesmo era força e consentir com o abuso era uma debilidade. Bom, Roxanne nunca tinha sido alguém a quem as pessoas passassem por cima quando podia evitá-lo, assim não pensava que fossem ter um problema ali. Olhou para o chão por um momento, pensando, e quando voltou a olhar para cima, Aedian estava de pé, caminhando lentamente até ela.

Ela o observou com receio, incapaz de esquecer o que havia acontecido da última vez que ele estava indo em direção a ela. Mas isto era uma coisa completamente diferente, e ela deixou escapar um lento suspiro enquanto ele se aproximava.

Com cuidado, ele estendeu a mão e tocou seu rosto, dando-lhe tempo suficiente para ela se afastar ou dizer para parar. Não o fez, entretanto, sorrindo um pouco quando sua palma calosa descansou em sua bochecha. Era, talvez, o mais suave que tinha estado com ela, ela elevou a vista a seus estranhos olhos, perguntando-se o que ele estava fazendo.

— Você me desafiou. — murmurou ele. — Você tenta ser igual a mim.

— Eu sou igual a você. — replicou Roxy. — Não me importo se você é maior e mais forte que eu, não há nada que eu possa fazer para mudar isso e sou um ser humano. Isso é apenas um fato da questão. Mas se vamos fazer isso e não temos uma opção de qualquer maneira, então não vou deixar que me trate, como se eu fosse menos que você. Como se fosse... Um fardo que você tem que carregar. Você pode sentir como se fosse isso, e eu também, até certo ponto, mas vamos ser iguais nisso porque é assim que funcionam os casamentos.

— Não em Calphas. — Aedian apontou, e Roxanne se surpreendeu consigo mesma, rindo ao invés de irritar-se.

— Você não está mais em Calphas, menino grande.

Algo como humor brilhava naqueles olhos prateados, Aedian a olhou durante um longo momento antes de inclinar a cabeça para abaixo. — Posso?

Ela deduziu que ele queria beijá-la, e havia algo sobre o jeito que ele pediu que a fez sorrir, e seu estômago estremeceu de antecipação. — Sim. — murmurou de volta.

Quando ele a beijou, foi com extremo cuidado, sua boca encontrando a dela, os lábios se acariciando. Ele a beijou como se tivesse medo de quebra-la, mas ela podia sentir a necessidade por trás dele, podia provar que estava contendo-se apesar de que queria mais, e sabia que era por consideração a ela, e isso a aqueceu.

Em troca, Roxy se apertou a ele, beijando-o mais duro e lhe agarrando a parte dianteira de sua camisa com as mãos, a respiração entrecortada quanto mais se beijavam.

Eles poderiam ter ficado mais quentes, suas mãos já começando a agarrar um ao outro, se não fosse pelo som de alguém limpando a garganta na soleira da porta.

Roxanne se afastou de Aedian, batendo o quadril no balcão em sua pressa. Ela olhou para cima para ver seu pai de pé ali, parecendo confuso e com um pouco de medo. Não acreditava que ele tivesse estado perto de um Calphesian por escolha própria, e sobre tudo nunca tinha visto um praticamente agarrando sua filha em sua própria casa.

Pareceu-lhe divertido que ela e Aedian estivessem próximos, a se casarem e, no entanto ele ainda não conhecia os pais dela.

Ela clareou a garganta e pôs uma mão tranquilizadora no braço de Aedian, sentindo sua agitação sob a superfície. — Papai, este é Aedian. — disse ela.

— Entendo. — respondeu, com a voz fraca. — Olá.

— Aedian, este é meu pai. — Roxanne continuou salientando a última palavra em um intento de fazê-lo ver que era importante para ele ser educado.

Aparentemente, respeito aos pais era algo que os Calphesians entendiam, porque Aedian inclinou a cabeça em um gesto que, ela nunca tinha o visto fazer antes. — Olá. É uma honra conhecê-lo.

— Uh... Igualmente? — disse Alan, olhando entre os dois em um gesto claro de “o que está acontecendo”?

— Aedian veio aqui para se desculpar. — Roxy lhe explicou. — Pelo que aconteceu.

— Ah. Bem. Isso é bom.

— Sua filha é forte. — disse Aedian. — Deve estar orgulhoso dela.

Roxanne sorriu, surpreendida, e seu pai assentiu.

— Eu estou orgulhoso dela. Ela é um inferno de uma menina. Estou feliz que você possa ver isso. — ele hesitou e depois sacudiu a cabeça. — Você gostaria de ficar para o jantar? Parece estranho que nunca nos sentamos e conversamos com o uh... Homem com o qual nossa filha se casará.

Aedian piscou e olhou para Roxanne, que estava tão surpresa quanto ele. Ela deu de ombros e assentiu, e Aedian sorriu incerto. — Obrigado. — disse ele. — Eu gostaria disso.

E, honestamente, sua vida ficava cada vez mais e mais bizarra.



A PROGRESSÃO NATURAL

O jantar com os humanos foi um pouco... Estranho, para dizer o mínimo. Aedian tinha pouca experiência com seres humanos tão perto dele, além de Roxanne, na verdade ele nunca passou mais de uns poucos minutos em sua companhia, e geralmente preferia que fosse assim.

Os seres humanos eram diferentes dos Calphesians, não havia como evitar isso, mas sentado naquela cozinha com Roxanne e sua família, Aedian se viu obrigado a pensar se as diferenças eram de todas ruins.

Sim, eles eram menores e inerentemente mais fracos, mas tinham pontos fortes que os Calphesians nunca tiveram.

Eles tinham uma proximidade que ninguém de seu povo podia presumir, e apoio emocional, que era algo que Aedian nunca teve. Muitos de sua espécie cresceram sem pais por uma razão ou outra, e ver o modo como a unidade familiar trabalhava na Terra, lhe fez pensar que era uma pena que ele mal tivesse conhecido a sua própria família antes de ser assassinada.

Houve uma grande quantidade de risadas, e embora tivesse tomado algum tempo para que se acostumasse a ele estando ali, uma presença grande e difícil de dirigir em sua cozinha, tinham-lhe incluído em suas histórias e piadas conforme a noite avançava, e cada vez mais Roxanne tinha levado seu sorriso até ele, seus olhos eram quentes e encantadores.

Quando chegou a hora de encerrar a noite, Aedian estava na porta, preparado para partir sem Roxanne. Ele não tinha vindo para obrigá-la a voltar com ele, afinal, havia apenas razões frágeis para que ela não pudesse ficar entre os humanos se quisesse. Não estariam quebrando o Tratado enquanto eles ainda se casassem e tivessem filhos, as unidades familiares Calphesians raramente ficavam juntas todo o tempo, então ninguém se importaria muito se não o fizessem. De todos os modos, o mais importante era a sua descendência.

Ele estava planejando explicar tudo isso antes de partir, mas antes que pudesse, ela estava agarrando suas coisas e seguindo-o até a porta.

— Pronto?

Aedian franziu o cenho. — Você não precisa voltar comigo. Eu sei que prefere não ir.

Roxanne encolheu os ombros, segurando sua bolsa. — Não é grande coisa. Além disso, a maioria das minhas coisas estão, lá de qualquer maneira.

Sua repentina mudança tinha seu coração fora de equilíbrio, mas estava aprendendo que era praticamente como ele sempre se sentiria ao redor dela, então, ele apenas inclinou a cabeça e fez sinal para ela sair.

Aedian tinha caminhado do complexo até sua casa, precisava do exercício para ajudar a limpar sua cabeça, mas retornou ao complexo no carro de Roxanne, apertado e desconfortável, reclamando sobre as coisas humanas todo o caminho de volta.

Ao invés de se ofender por ele estar reclamando das coisas dos seres humanos, Roxanne riu sob seu fôlego, claramente divertida pela maneira como sua cabeça se inclinava para evitar que seus chifres raspassem no teto solar do carro.

Ela parecia mais leve do que nunca tinha estado antes, e seu estado de ânimo era contagioso, o que levou Aedian a pegar a bolsa dela quando chegaram, seguiram até sua habitação sem darem uma palavra. E o que se pode contar como progresso.

Ele a observou afastando suas coisas, incluindo o pequeno recipiente de plástico de sobras de sua mãe, e então ela se virou para encará-lo, as mãos nos quadris.

— Tivemos uma briga. — disse ela.

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo isso. — Uma de muitas.

Seus lábios torceram para cima em um sorriso. — Verdade. Mas você sabe como as pessoas casadas lidam com as brigas na Terra?

— Nós não estamos casados ainda. — apontou Aedian e sorriu um pouco quando ela bufou e revirou os olhos para ele.

— Esse não é o ponto. — ela insistiu. — Eles têm relações sexuais. Compensam a briga com sexo.

— Tivemos uma briga, e agora quer ter sexo? — Aedian estava cético, mas isso durou apenas o tempo suficiente para ela se mover para frente e pegar sua camisa, puxando-o para baixo enquanto ficava na ponta dos pés para pressionar sua boca à dele em um beijo firme.

— Fomos interrompidos antes. — ela murmurou contra seus lábios. — E esta é claramente a maneira de... resolvermos as coisas entre nós.

Seu argumento era convincente, e Aedian definitivamente não ia reclamar sobre a forma como ela estava pressionada contra ele e o modo como sua boca se sentia contra a dela. Então ele parou de falar e começou a fazer.

Suas mãos deslizaram até a sua cintura, e ele sorriu quando quase conseguiu envolver suas mãos por completo ao redor sem muito problema. Com um sorriso, ele a levantou e a pôs sobre o ombro, pronto para levá-la ao quarto.

Ela gritou na sua orelha e se moveu em seu ombro, então Aedian apoiou uma mão em sua parte inferior para evitar que caísse, e o outro braço fortemente ao redor de sua cintura. — Você disse que íamos resolver as coisas — ele apontou.

— Eu não quis dizer que você deveria me jogar sobre o ombro como um saco de farinha. — ela reclamou, mas parou de discutir.

— Estou economizando tempo. — disse ele, e a depositou na cama quando chegaram ao quarto.

As luzes estavam baixas, e ele as deixou assim, querendo manter o clima. Podia ver o suficiente dela de qualquer maneira, e ela era linda, como sempre, espalhada em sua cama. Aedian a seguiu, assumindo sua posição habitual por cima dela, sua cabeça inclinada para rastejar beijos quentes e abertos do pescoço até o ombro, uma mão se movendo para puxar a gola da camisa para que ele pudesse ter acesso a mais pele.

Roxanne ofegou suavemente e estremeceu debaixo dele, seus olhos se fecharam quando ela inclinou a cabeça para o lado para lhe dar mais espaço para trabalhar, e Aedian estava aprendendo rapidamente que seu pescoço era um de seus pontos mais sensíveis.

Então ele passou um tempo ali, beijando e chupando suavemente o ponto onde seu pescoço pulsava, arrastando seus dentes contra ele e saboreando os sons que ela fazia.

Ele podia sentir o cheiro da sua excitação, e era um perfume inebriante e maravilhoso que foi direto para sua virilha e o fez se esticar contra suas calças.

Com a mão que ele não estava usando para segurar-se, ele a tocou, deslizando os dedos pelo seu lado e sobre o quadril e a coxa até que pressionou a palma da mão no calor entre suas pernas. Roxanne gemeu por ele, Aedian sorriu contra seu pescoço e levantou a cabeça até que seus lábios estavam ao lado de sua orelha. — Faça isso novamente.

Ele a esfregou através de suas calças, e quando ela gemeu desta vez, foi som agudo, entrecortado e delicioso.

Agora foi a vez de Aedian estremecer enquanto baixava seus quadris o suficiente para que pudesse moer-se contra ela, deixando-a sentir o que estava fazendo com ele.

Sua respiração acelerou, e ela se apertou contra sua mão, enquanto seu lábio inferior se prendeu entre seus dentes.

— Quero você. — ofegou suavemente. — Por favor.

Ele sorriu, sem planos para negar-se a ela.

Aedian sentou em seus calcanhares, puxando a camisa por cima da cabeça e deixando sua mão cair para o aperto das calças para que ele pudesse sair delas também. Seu pênis estava mais do que duro e era quase doloroso tê-lo contido.

Roxanne observou com olhos escuros enquanto ele se despia, antes de se mover para fazer o mesmo, removendo sua camisa, calças e a estranha roupa íntima rapidamente.

Quando ambos estavam nus, Aedian se aproximou dela, mas ela estendeu a mão para detê-lo, e ele obedeceu imediatamente, não querendo outra cena dele forçando-se a si mesmo nela quando não o queria.

— Quero tentar algo diferente esta noite. — disse ela, e Aedian levantou uma sobrancelha.

— Como o quê?

— Deite — se de costas. — foi sua resposta, e ela fez um gesto para a cama.

Aedian piscou por um momento, mas então encolheu os ombros e se moveu para fazer o que ela disse, deitou na cama de modo que sua cabeça estava sobre os travesseiros e o corpo esticado. Ele a observou com olhos atentos quando se levantou para abrir espaço para ele e então se aproximou da cama novamente, hesitando por um momento antes de estar jogando uma perna sobre suas coxas e montada sobre ele.

— Tudo bem? — ela perguntou.

Por um momento, a raiva passou por ele. Era inaudito que um guerreiro Calphesian estivesse em suas costas desta maneira, com alguém em cima dele como se o submetesse, mas ele respirou fundo pelo nariz e lembrou-se que isso não era uma briga. Esta era uma coisa completamente diferente, e na verdade, Roxanne parecia muito bem em cima dele, seus cabelos em um halo selvagem ao redor de sua cabeça, seus seios ali para que ele os tocasse, e o suave calor de sua pressão contra ele, onde suas pernas estavam espalhadas.

A simples vista lhe ajudou a eliminar os sentimentos desagradáveis que tinha sobre a posição, e ele inclinou a cabeça depois de um momento, acenando. — Tudo bem. — ele confirmou.

Seu sorriso em resposta era brilhante, e ele observou quando ela se fez mais confortável, quase sentada em seu pau duro, que se curvava em direção ao estômago.

Ela manteve seu olhar fixo nos olhos dele, enquanto plantou as mãos sobre seu peito e usou a força de alavanca para levantar-se o suficiente para que ela pudesse moer-se nele corretamente, arrastando o seu calor úmido ao longo da sua ereção.

Aedian grunhiu e amaldiçoou em voz baixa, pela forma em que se sentia. A maneira como sua pele era tão macia e sedosa, a forma em que sua umidade deixava um rastro quente que se esfriava ligeiramente quando ela se afastava, oferecendo uma sensação diferente. Sentia-se incrível, e ele levantou as mãos para agarrar seus quadris, puxando-a para baixo com força enquanto levantava os quadris para moer-se com ela.

— Deus. — ela gemeu, ele podia sentir seu pau esfregando contra seus clitoris.

Ele se moveram juntos assim durante longos minutos, respirando com dificuldade no quarto silencioso, Roxanne soltando deliciosos gemidos conforme seus movimentos se tornavam mais rápidos e erráticos.

Aedian não queria vir assim, entretanto. Ele queria estar enterrado dentro dela. Queria empurrar-se em seu corpo, e trazê-la ao clímax.

Então ele a levantou mais, mantendo o controle sobre seus quadris. — Monte-me. — murmurou, com os olhos escuros.

Roxanne estava corada e ofegante, estendeu a mão para tirar o cabelo do rosto. — Eu adoraria. —ela disse, e abaixou-se para agarrar seu pênis.

Sempre era tão quente ver sua mão enrolada ao redor dele dessa maneira, e ainda mais quente vê-la afundar-se sobre ele, cada polegada de seu pau desaparecendo em seu corpo disposto.

Seria mais difícil para ela nesse ângulo, então ele não a apressou, apenas observou enquanto ela o tomava dentro de si, encantado com os sons que ela fazia e a maneira como seu corpo tremia de necessidade.

Apesar de todas as suas diferenças e diferenças de opinião, ela o queria, e ele a queria, e seus corpos pareciam encaixar de uma maneira estranha que não fazia sentido, mas de algum jeito fazia. E Aedian não iria questioná-lo. Não quando ela estava completamente sentada em seu pau, e ele estava embainhado naquele calor incrível, sentindo as suas paredes se contraírem ao redor dele.

Nenhum deles se moveu por um longo tempo, ambos ajustando-se às sensações que estavam correndo através deles. Aedian podia sentir o calor no centro de sua barriga, crescendo para aquecer seus membros e varrê-lo com a sensação de prazer delicioso.

E então Roxanne começou a se mover. Com ela em cima, estava em posição de controlar mais os movimentos, e Aedian gemeu no ritmo lento que ela estava estabelecendo.

Ela se levantou e se sentou em seu pênis com uma lentidão agonizante, deixando-o sentir cada pedacinho dela contra ele. Isso também a afetava, se seus gemidos fossem alguma indicação, seus dedos apertaram a carne onde suas mãos estavam pressionadas contra seu peito, as unhas beliscando na pele com pequenas espetadas leves de dor que só se somavam a tudo.

Ele rosnou seus próprios dedos em garras apertando seus quadris e incitando-a a um ritmo mais rápido antes que explodisse.

Ela riu sem fôlego e o permitiu, movendo o quadril mais rápido enquanto o montava. Eles se moveram e balançaram em um movimento ondulante que manteve o contato entre eles, e ela gemeu seu nome suavemente.

Nunca tinha estado tão afetado pela forma em que seu nome soava quando ela o disse assim, teve o desejo de vira-la sobre suas costas e investir nela até que ambos encontrassem suas liberações.

Foi um marco o quanto ele estava tentando não fazer isso. Deixou-a manter o controle, deixou-a manter seu ritmo agora que não o deixaria louco, ele a observou, com os olhos fixos em seu rosto, na forma em que seus seios se moviam com o resto de seu corpo, a forma em que parecia estar no controle e a vontade desta maneira.

Era de tirar o fôlego, e dessa vez, Aedian podia ver como alguém como ela poderia ser seu igual.

Seus corpos se encontraram de novo e de novo, já que ambos se levantaram e empurraram no movimento, ofegos, gemidos e o grunhido ocasional enchendo o ar. Não era a força e união rápida a que Aedian estava acostumado, era mais que uma união de prazer, era suave e delicado, e ele gostou disso. Honestamente, antes de tudo ter sido dito e feito, ele teria uma crise se as coisas continuassem mudando assim.

Mas ele não estava preocupado com isso no momento. Por enquanto, ele estava gostando de sentir a forma como o seu clímax estava se construindo debaixo de sua pele, a maneira em que o prazer intenso e quente cresceu, a forma em que seus dedos cavaram na pele de Roxanne, as garras ligeiramente tirando sangue enquanto ele a segurava e puxava-a para baixo, uma e outra vez.

Ela gritou, mas era de prazer, de desejo, e quando ela estremeceu e se apertou ao redor dele, com os olhos fechados e a boca aberta, ele sabia que ela estava vindo, e ele estava a segundos de segui-la, seu corpo arqueando quando o prazer foi rasgado dele.

No fim, chegaram juntos. Foi o mais perto que tinham estado intencionalmente na cama, já que era grande o suficiente para que Roxanne tivesse seu próprio lado e um monte de espaço entre eles. Mas agora, a cabeça dela estava em seu peito, e ele tinha os dedos em seu cabelo, e os dedos dela, estavam traçando uma das tatuagens em seu braço enquanto recuperavam o fôlego e esfriavam o suor misturado entre eles.

— Eu machuquei você? — ele perguntou depois de um momento, e Roxanne negou com a cabeça.

— Não, eu estou bem. Vou ter alguns arranhões de suas garras, mas... Acho que gosto disso.

Aedian bufou, divertido.

— É bom saber. — ele não tinha certeza de si mesmo naquele momento. A paz entre eles era frágil na melhor das hipóteses, e instável no geral, e ele não sabia qual seria o problema a chuta-los de volta ao seu comportamento antagônico de apenas alguns dias antes.

Nem sempre poderia ser assim, é claro. Havia muito mais responsabilidades do que ter relações sexuais, mas Aedian tinha que admitir que, se brigar e dormir juntos fossem a maneira como as coisas seriam, ele provavelmente poderia se ajustar a isso.

— Eu não pensei que seu povo fossem grandes abraçadores. — disse Roxanne, e Aedian ficou tenso.

— Não é nosso jeito, não. — admitiu. — Mas então, você não sabe muito a respeito de meu povo. — Isso não era um insulto, era um fato.

Ela revirou os olhos.

— Assim como você, sabe tanto dos seres humanos.

— Apreendi mais a respeito deles. — Aedian respondeu com cuidado.

— Mmm, eu acho que nós realmente não superamos essas lacunas muito bem. — refletiu Roxanne. — Quero dizer, meu povo está mais interessado em sua tecnologia, do que em vocês como um povo, e sua gente está mais interessado em... Bem sobreviver, eu acho, o que faz sentido, não me interprete mal. Só

parece um pouco estúpido que nós confiamos e dependamos tanto um do outro, sem sequer tratar de nos conhecermos melhor.

Aedian não queria dizer a ela que, na melhor das hipóteses, os Calphesians viam os humanos como incômodos particularmente úteis que vieram com o planeta e, portanto, tinham que lidar com eles, não importava o que dissessem durante as cerimônias. Do mesmo modo, não queria dizer a ela que havia perigo no horizonte se os Platoks decidissem que queriam vir a Terra.

O momento que estavam compartilhando era agradável, e tinha evitado brigas até agora, e Aedian não queria perturbar isso. Então, ele apenas suspirou suavemente e continuou acariciando sua cabeça, os dedos tocando seus cachos suaves quase com reverência.

Logo ela estava dormindo em seu peito, e ele relaxou. Ela cheirava a ele, e ela era dele, e era suficiente para ele se contentar no momento. Qualquer outra coisa poderia esperar até mais tarde.



PARA O BEM COMUM

Isso pareceu ser um ponto decisivo para eles, e Aedian se viu obrigado a admitir que houvesse algo a ganhar com todo o negócio de falar de sentimentos e tudo isso. Antes, seu método de solução aos problemas era golpear coisas até que fizessem o que ele queria, mas mesmo ele pôde ver que não era uma opção viável aqui.

Eles ainda discutiam e brigavam, mas isso parecia ser apenas uma parte de como eram as coisas entre eles. Eram dois indivíduos teimosos com um feroz sentimento de orgulho de sua raça, então, fazia sentido de alguma forma.

Quando ele expressou essa opinião a Demos, o outro tinha assentido sabiamente. “Você não pode trata-los como se fossem tão diferentes de nós”, disse ele. “Eles são diferentes, mas da mesma forma que nós temos orgulho, eles também tem”.

E tanto como que o desconcertava porque os humanos eram coisas fracas e gananciosas, Aedian decidiu simplesmente ir com isso. Ele somente implicava com Roxy sobre ser um humano quando ela implicava a respeito dele ser um Calphesian. A amargura que ambos costumavam ter em suas vozes quando falavam um sobre o outro, foi substituído por algo mais cauteloso, no entanto.

No que o concernia, isso era para melhor, especialmente considerando o fato de que tinham que se casar, independentemente de quererem ou não. Ele não iria romper o Tratado só porque brigavam às vezes. Então, aprender a viver um com o outro parecia ser a única opção deles.

Honestamente, não era tão difícil quanto esperava que fosse. Roxanne não parecia querer nada dele além de seu respeito e, na maioria das vezes, ambos seguiriam suas vidas, não estando no caminho um do outro. Ele discutia com seus amigos, assistia às reuniões e fazia todas as coisas que tinha feito antes, e ela desaparecia durante horas em seu carro e voltava sorridente e feliz. E então faziam sexo.

O sexo, Aedian tinha certeza, era o que os mantinham à tona. Mesmo que estivessem tensos e brigando, tudo o que precisavam era uma rodada de sexo para suavizar a ambos, e ele agradeceu ao Criador que fossem compatíveis a esse respeito.

Especialmente depois de uma conversa com Shiia a respeito de como ele ainda não tinha feito sexo com sua companheira de vida porque tinha medo de seu tamanho.

Aedian nunca tinha visto um pênis humano antes, mas dado a suas proporções, poderia dizer que os Calphesians eram muito maiores. E sim, ele podia ver como isso seria intimidante para um ser humano, mas Roxanne nunca tinha mostrado nada mais que entusiasmo por seu pênis, e isso lhe dava uma sensação de satisfação, que ele identificou como orgulho por ter escolhido a ela. Claro, tinha sido a única que restou quando foi sua vez de escolher, mas eles se encaixavam de uma maneira estranha.

Ele refletiu sobre isso enquanto se dirigia para a sala de reuniões central mais uma vez. Todos estavam em alerta máximo, e o fio de tensão no ar o fez saber que algo estava acontecendo; chutando seus pensamentos agradáveis sobre encontrar Roxanne depois disso e ter relações sexuais com ela contra a parede ou a porta (a diferença de altura fazia o posicionamento complicado, mas era um bom desafio).

Sussurros o guiaram a sala de reuniões, e todos do conselho adotavam uma expressão grave e com um pouco de medo. Foi assim que soube que havia algo errado.

Não era que os Calphesians não sentissem medo, porque eles sentiam, era só que quando sentiam, tomavam cuidado para não demonstrar. Admitir o medo era uma fraqueza, e era uma que era facilmente explorada. Para algumas das pessoas mais importantes de sua espécie estarem tão preocupados, ele sabia que havia algo sério acontecendo.

Prias esperou até que todos estivessem dentro da sala e a porta fechada antes de bater a mão na mesa para chamar à reunião à ordem. Estava claro que todos na sala também notaram as mesmas coisas que Aedian. Claro, em lugar de responder com palavras silenciosas ou tranquila especulação, todos queriam ser

ouvidos ao mesmo tempo, quase gritando uns sobre outros para fazer-se ouvir por cima do ruído.

A agitação em seus rostos e em seus tons de vozes eram tão claros como a preocupação no rosto do líder do grupo, Aedian sacudiu a cabeça quando Prias bateu o punho com mais força, exigindo ordem.

Finalmente, as pessoas começaram a se acalmar.

— O que está acontecendo? — perguntou um deles, o rosto contraído em uma careta. — Algo não está certo.

— Foi-nos dito para reunir as armas. — outro disse. — Como se nos preparássemos para a guerra. Minha companheira de vida está com medo, e não sei como consolá-la.

Outro bufou. — Estar unido a um humano o tornou mole, Ciatri.

Ciatri lhe devolveu o olhar. — E estar sozinho o tornou insensível. Não há nada errado com...

— Há tudo errado com a fraqueza. Por que devemos nos importar se os humanos têm medo? Eles devem ter medo.

— Devemos protegê-los! — Shiia insistiu, unindo-se à discussão.

— Esse nunca foi nosso papel!

— Tudo isso mudou quando invadimos seu planeta. — respondeu Shiia. — Eles estarão indefesos se os deixarmos.

Ciatri franziu o cenho e voltou os olhos ao líder Prias. A tranquila atmosfera habitual destas reuniões não estava em nenhuma parte aqui, e estava claro dado as telas nas paredes que os outros líderes estavam tendo problemas similares com seu povo, chocando vozes apenas aumentando a gritaria e confusão.

Por uma vez, Aedian permaneceu em silêncio. Geralmente, ele pularia para dentro de algo assim, afirmando sua posição e defendendo seus ideais. Mas neste momento pensou que era melhor ouvir e descobrir o que exatamente estava acontecendo antes de abrir sua boca.

Em vez disso, ele também olhava Prias. Nunca tinha visto seu líder parecer tão velho e cansado. Parecia exausto, vendo a raivosa discussão com poucas

esperanças de detê-la. Os insultos estavam sendo jogados de um lado para o outro, e Shiia estava na metade de seu assento, suas garras escavando na mesa.

— Você vai deixa-la fora disso! — ele rugiu, e Aedian assumiu que sua mulher humana tinha sido insultada.

A seu lado, Ciatri, um dos primeiros campeões que se uniu a um humano há cinco anos, pressionou seu ombro, claramente tentando conseguir que ele voltasse a se sentar e se acalmasse.

Não parecia estar indo bem.

Prias geralmente tinha esse tipo de coisa sob controle, silenciando as brigas com os punhos contra a mesa e uma palavra afiada, mas agora não estava fazendo nada para contê-los, e isso estava ficando fora de controle.

Não era a casa de Aedian, e ele sabia disso, mas ele também sabia que tinha uma necessidade ardente de saber o que estava acontecendo.

Então ele bateu seus próprios punhos na mesa rapidamente até que a discussão se desvaneceu e todos se voltaram para ele.

— Isso é o suficiente. — ele disse em voz baixa e desdenhosa.

— Estou certo de que não fomos convocados aqui para isso. — e então apontou para Prias, entregando o controle da reunião de volta ao líder antes que ele pudesse ser acusado de ser um arrogante ou de estar emitindo uma provocação.

Prias pareceu surpreso, mas inclinou a cabeça a Aedian em um gesto de agradecimento e respeito. — Aedian está certo. — disse ele. — Eu não os chamei aqui para escutá-los discutir e acusar uns aos outros. Esse não é nosso jeito. Não lutamos contra nossa própria espécie por nenhuma razão. Eu preciso lembrar a todos o que significa ser um Calphesian?

Todos sabiam que esse lembrete seria duro e doloroso, então, eles negaram, sacudindo as cabeças, ficando em silêncio e obedecendo mais uma vez.

— Bom. — Prias continuou. — Chamamos a todos aqui por uma razão, e é grave.

— Os Platoks? — Demos perguntou, e Prias inclinou a cabeça uma vez mais.

— Sim. Eles foram vistos dirigindo-se para cá. Não há nada a ganhar com nenhum dos outros planetas neste sistema, por isso é claro que eles querem vir por nossa causa.

Isso não foi necessariamente uma surpresa, mas de algum jeito a notícia ainda era surpreendente. Os Platoks estavam querendo usurpar o controle dos Calphesians por mais tempo do que alguém na sala estava vivo. Isso era um fato, e agora que eles tiveram que fugir, os Platoks tinham uma vantagem. A Terra era muito menos defensável do que Calphas, e eles não tinham a força que tinham em seu planeta natal. Sem mencionar o fato de que os seres humanos eram fracos e não podiam se defender adequadamente, o que significava que haveria danos colaterais em abundância.

De alguma forma, isso não caiu bem a Aedian. Antes, ele não teria se importado tanto com os seres humanos e o que acontecesse com eles, mas depois de passar um tempo com Roxanne e sua família, ele podia ver que os humanos não eram tão inúteis quanto ele assumiu. Eles tinham vidas e famílias e os Calphesians já haviam interrompido eles com sua presença. Uma guerra com os Platoks em seu planeta só pioraria as coisas.

— A culpa é nossa. — Aedian estava dizendo antes que pudesse pensar melhor nisso, e as cabeças e olhos se voltaram para ele. — Nós trouxemos isso aqui.

Prias suspirou e então assentiu. — Você está certo. Se não fosse por nossa presença aqui, os Platoks não se atreveriam a chegar tão longe. Os seres humanos não são uma ameaça para eles, e os Platoks não querem a Terra por seus recursos. Não há outra razão para que eles estejam fazendo essa viagem.

Para ser honesto, a maioria das outras raças pensavam que os seres humanos eram como insetos e que a recompensa por limpá-los de seu planeta e toma-lo para si mesmos não valia a pena o que teriam que passar para obtê-lo.

Era improvável que os Platoks soubessem sobre o tratado e quão fácil tinha sido trabalhar com os seres humanos, então, estavam provavelmente vindo por eles.

— Vocês acham que eles destruíram tudo o que restou em seu caminho? — Shiia quis saber. — Para estar chegando até aqui, eles devem estar bastante confiantes.

— Nós não sabemos. — um dos líderes em uma das telas disse. — Estivemos monitorando a situação e os fluxos para a Terra, e eles estão em um caminho rápido para este planeta.

— Quantas naves eles têm?

— Cinco.

Isso não era muito. Os Calphesians haviam chegado a Terra com mais do que isso. — Eles acham que estamos tão enfraquecidos? — perguntou Aedian.

— Possivelmente. — Prias respondeu. — Sempre nos subestimaram, e sem dúvida pensam que a Terra nos suavizou.

Até certo ponto, Aedian sabia. Eles estavam deitando com os seres humanos agora, comendo sua comida, vivendo entre eles. A vida aqui não era tão dura como tinha sido em Calphas e essa era uma das coisas que os fortaleceram. Eles não tinham outra escolha. Entre a dura vida em seu planeta natal e as outras raças que sempre estavam lutando contra eles, não havia nenhum lugar para a suavidade antes. Mas as coisas eram muito diferentes na Terra, e os Platoks claramente queriam tirar proveito disso.

— Nós vamos realmente lutar pelos seres humanos? — alguém perguntou no silêncio que se seguiu. — Lutar e morrer por eles?

— Ninguém disse nada a respeito de morrer, Oberon. — Demos assinalou.

Oberon bufou, cruzando os braços sobre seu peito nu. — Não precisa ser dito, Demos. O combate leva à morte, todos nós experimentamos isso de algum jeito. E os Platoks se atreveriam a nos desafiar se não tivessem uma vantagem? Nunca nem uma vez nos abateram, e eles sabem disso. Para que eles estejam tentando agora, significa que eles têm novas forças.

Era um bom ponto. Um ponto inquietante.

— E então, o que você sugere Oberon? — Prias perguntou.

— Nós abandonamos os seres humanos a sua própria sorte e encontramos uma posição mais defensável.

Mais silêncio se seguiu a esse pronunciamento. Oberon era um dos ex-campeões, e uma coisa tão covarde não era geralmente dita pelos campeões Calphesians.

— Você tem uma companheira de vida humana. — Demos assinalou. — Você a abandonaria?

— Não. — respondeu Oberon, como se isso fosse muito obvio. — Nós levamos as mulheres conosco. São úteis para a reprodução.

O nojo se elevou quando bílis subiu na garganta de Aedian, e era uma coisa curiosa. Ele não acreditava que tivesse mudado tanto, mas há apenas algumas semanas, teria sido da mesma opinião que Oberon, não via o ponto de arriscar seu pescoço por seres que ele sentia que estavam abaixo dele. Mas algo sobre Roxanne mudou suas percepções. Se ela era tão forte, tão disposta a enfrentar ele pelo que ela acreditava talvez todos os seres humanos tinham algum valor.

— Isso seria uma fraqueza. — disse ele. — Deixá-los para algo que não pediram nem merecem.

— Eles não pediram por nós chegando e destruindo-os. — Oberon assinalou. — E ainda.

— E ainda não os destruímos. — adicionou Prias. — Eles demonstraram que eram dignos de negociar.

Oberon zombou. — Negociar. O que me importa isso? Poderíamos ter capturado suas mulheres e terminar na mesma posição, mas com menos deles ao redor.

— Você é um covarde, Oberon. — disse Demos. — Você quer fugir. Quando nós já fugimos dos Platoks? Seus ancestrais estariam envergonhados.

— Você não sabe nada sobre meus ancestrais. — cuspiu Oberon. — Ou sobre o senso comum, ao que parece. Como podemos nos defender se estamos defendendo a eles?

Aedian não podia negar que era uma boa pergunta, e sua cabeça estava zumbindo com suas próprias perguntas e, preocupações e, por mais que não fosse admitir medo. Os Platoks nunca tinham estado à altura deles antes, mas as coisas eram tão diferentes agora.

Prias golpeou suas mãos novamente. — Nós não estamos abandonando a Terra. — ele disse com firmeza. — E essa é a palavra do Líder. Se você tentar

sair daqui, nunca conseguirá ser removido. Oberon, você envergonha a si mesmo e aos que estão antes e depois de você com suas palavras.

Oberon ficou em silêncio, mas seus olhos brilhavam de raiva.

— Acredito que ele tem um ponto, entretanto. — disse Aedian. — A respeito das posições defensáveis.

— Isso significa?

— Significa que seria inútil permitir um massacre. Não estou dizendo que devemos abandonar a Terra, mas deveríamos construir defesas. Encontrar o melhor lugar para lutar contra eles. Certamente, nós ainda superamos bem eles.

A estratégia não era sua coisa habitual, especialmente quando se tratava dos Platoks. Normalmente, eles apenas se apressavam as armas em punho e destruíam qualquer coisa em seu caminho. Mas Prias parecia estar considerando isso.

— Levará vários dias para chegarem até aqui. — disse. — Inclusive com o fluxo. Vamos conferir e descobrir o melhor curso de ação.

Isso era tão bom quanto uma admissão de que o Líder não sabia o que fazer ainda, e Aedian sentiu um sentimento de preocupação dentro dele. Era uma sensação desagradável, considerando todas as coisas.

— Por enquanto. — continuou Prias. — Deixaremos os seres humanos na ignorância. Não digam a ninguém, nem a seus companheiros sobre isso. Vamos espalhar a palavra através do complexo e continuar nossos preparativos. Quando for a hora certa, alertaremos os humanos. Não há necessidade de causar pânico entre eles.

Todos concordaram com a cabeça e a reunião terminou. Todos saíram muito mais tensos do que quando entraram, Aedian manteve a cabeça baixa enquanto saía. Não havia dúvida de que Oberon queria fazer uma questão por ter sido repreendido na reunião, mas Aedian tinha outras coisas em sua mente nesse momento.

Uma parte dele queria dizer a Roxanne de todos os modos. Ele não pensou que ela gostaria de ter essas notícias sobre ela, mas no final, decidiu não fazê-lo. As

coisas estavam bem entre eles, e não queria arruinar isso com o tipo de tensão que a preocupação traria.

Decisão tomada, ele dirigiu-se para a área de prática da arena. No momento, ele realmente precisava bater em algo.



NO ÍTERIM

Roxanne despertou assustada com um piscar de olhos e um bocejo, com o cenho franzido no travesseiro. Era sempre tão difícil saber que horas era no complexo, já que demorava muitíssimo à luz do sol chegar às janelas pela forma em que estava construído.

O quarto estava ligeiramente iluminado, sombreado e tranquilo, e ela considerou simplesmente voltar a dormir. Ela tinha o plano de falar com Aedian sobre como ela queria trabalhar e continuar vivendo sua vida, mas a partir das respirações soprando que podia ouvir e sentir no seu pescoço, ele ainda estava dormido.

Não havia muita pressa para que ela se levantasse, ela estava quente e confortável, e não se contorcendo com a necessidade de se afastar de seu noivo, por isso se acomodou, aconchegando-se sob os lençóis e pressionando-se até que pudesse sentir o calor de Aedian ao longo de suas costas.

Claro, isso não era tudo o que ela podia sentir, e seus olhos se arregalaram quando registrou a sensação do pênis duro de Aedian pressionando contra seu traseiro.

Fazia sentido que os Calphesians estivessem como troncos pela manhã, como os humanos faziam, mas ela nunca experimentou isso antes, e ela teve que pressionar a mão em sua boca para sufocar suas risadinhas. Ela se apertou um pouco mais, ofegando suavemente com o quão quente e duro ele já estava.

Roxanne sabia que Aedian tinha ido à cama nu, como de costume, e pôde sentir a pele rígida e o calor dele através de seu shorts, e ela se molhou em resposta.

Não acreditava que podia ser culpada por isso. Tendo em conta o prazer que tinha recebido desse particular pênis nas semanas que tinham estado dormindo juntos, e uma ideia entrou em sua mente. Roxy pensou com cuidado. Tinha visto coisas na televisão onde as mulheres acordavam seus homens com a boca ao redor de seus paus sob os lençóis, movendo-se lentamente e com cuidado

até que os homens despertavam e enredavam seus dedos no cabelo de suas senhoras, gemiam e juravam sobre o bem que se sentiam.

Seria uma experiência interessante ver como Aedian reagiria a isso, mas estava um pouco preocupada que, como uma raça de criaturas tão propensas à violência, sua reação seria supor que estaria sob ataque e atuar em conformidade a isso.

Roxy não via como alguém podia pensar que uma mamada pela manhã era o mesmo que um ataque, mas só levaria um momento para que isso ocorresse antes que a golpeasse na cabeça ou algo assim.

Provavelmente é melhor despertá-lo, em primeiro lugar.

Ela se virou na cama e pôs uma mão em seu peito com cuidado, deslizando-a em até seu grosso cabelo. A partir daí, deslizou os dedos ligeiramente sobre as curvas de seus chifres, perguntando-se se ele poderia sentir o toque ali, tão grossos como eram.

Sua respiração tremeu por um momento, e Roxanne tentou levar sua mão de volta, mas antes que pudesse, esses olhos prateados estavam abertos, prendendo-a no lugar.

— Hum. Bom dia? — ofereceu-lhe um sorriso tímido, tirando sua mão dele.

— Você não precisa parar. — ele resmungou, com a voz rouca pelo sono.

— Oh. — bem, isso foi surpreendente. — Você pode sentir isso? — ela perguntou, acariciando ao longo encaracolado do chifre.

Ele negou com a cabeça lentamente, fechando um olho e observando-a com o outro. — Simplesmente sinto um calor. — Aedian explicou. — É bom, no entanto.

Roxanne sorriu e continuou acariciando-o. Com um sorriso malicioso, ela deslizou a outra mão do peito até seu estômago, tocando o músculo duro por um momento antes de ir mais abaixo para tocar seu pênis.

Aedian saltou um pouco e logo deixou escapar um suspiro entrecortado, seus quadris inclinando-se para frente.

— Tudo bem? — perguntou Roxanne.

Ele assentiu, fechando ambos os olhos agora. Aparentemente, era mais tranquilo nas primeiras horas da manhã, e isso estava bom para ela. Ela gostava de saber essas coisas sobre ele e pensou que era realmente a hora de começar a aprender mais.

Com cuidado, ela envolveu sua mão ao redor de seu comprimento, acariciando para cima e sentindo-o contrair e expandir sob seus dedos.

Esta parte dele, pelo menos, era familiar para ela, e ela o manuseou lentamente, sem ver nenhuma razão para se apressar. Pela primeira vez, ela conseguiu assistir à medida que se excitava e crescia mais, ver o escurecimento daqueles olhos abertos, e sentir a forma como seus músculos se apertavam e relaxavam. Sua respiração rápida, lábios ligeiramente abertos, Roxy cedeu à tentação e se inclinou para beijá-lo suavemente.

Ele exalou contra seus lábios, suas mãos aproximando-se para arrastá-la mais perto, as garras raspando contra suas costas enquanto encaixava as mãos na curva de seu traseiro.

— Você sabe. — Roxanne murmurou contra seus lábios. — Se você cortar essas garras, então poderia colocar seus dedos em mim.

Aedian bufou e sacudiu a cabeça. — Não estará acontecendo.

— É só uma ideia. — ela murmurou de volta. — Mas está tudo bem. Eu gosto disto, também. — ela continuou acariciando-o, com prazer de sentir que começava a gotejar pré-sêmen, a cabeça grossa de seu pau pegajosa com o fluido.

E então se lembrou de sua ideia anterior, e achou que fazê-lo enquanto estava acordado era a segunda melhor opção.

Escorregando para baixo na cama, ela manteve o olhar firme enquanto afastava as cobertas, não querendo correr o risco de sufocar debaixo dos cobertores.

Seu pênis estava avermelhado e duro, e a visão dessa gota de líquido na fenda lhe deu água na boca. Sem sequer pensar nisso, baixou a cabeça e passou ligeiramente a língua, sentindo-o estremecer acima dela.

— Vai conseguir ficar em suas costas para mim? — perguntou Roxanne, a voz já afiada em antecipação.

Aedian assentiu com a cabeça e obedeceu a seu pedido, rolando sobre suas costas. Suas pernas estavam espalhadas, deixando ela se estabelecer entre elas. Ela passou as mãos por suas coxas, apreciando os músculos flexionados debaixo de suas palmas. Havia tanta força nele, tal musculatura incrível e destreza física, era uma espécie incrível, obviamente construído para a batalha. Os humanos eram todos diferentes, variados em sua construção e as coisas que faziam, mas todos os Calphesians eram como ele, e Roxanne se perguntou se era assim em outros planetas. Onde espécies inteiras estavam orientadas para uma coisa e nada mais.

Bem, essa provavelmente era uma pergunta para outro momento. Por enquanto, ela tinha seus olhos postos em um prêmio diferente. Ou seja, o pau duro e vazando que estava bem na frente de seu rosto agora.

A respiração de Aedian era tremula, e era um pouco surpreendente que tivesse este tipo de efeito sobre ele. Que pudesse tê-lo de costas e ofegante só com seus beijos, apenas com seus dedos em seu corpo, sua mão ao redor de seu pênis.

Ela supôs que ele ainda era um homem, afinal, de outra espécie ou não, ela sorriu e arrastou a língua lentamente sobre a cabeça de seu pênis novamente.

Aedian gemeu, com a cabeça pressionada nos travesseiros.

— Criadores. — queixou-se. — Você é malditamente boa nisso.

— Você está reclamando? — Roxanne perguntou sem olhar para cima, suas mãos ainda explorando, deslizando sobre os vales e planícies na parte inferior de seu corpo e, em seguida de volta à taça macia de suas bolas, tocando a suave pele que as cobria.

Tudo o que ela obteve como resposta foi um gemido estrangulado, do qual estava bastante segura de que significava que ele não estava reclamando. Melhor assim, então.

Ela riu suavemente e depois pressionou um beijo suave na cabeça de seu pênis antes que ela girasse sua língua ao redor e o envolvesse em sua boca.

Seus quadris se pressionaram levantando da cama, e ela o permitiu, deixando que o movimento empurrasse mais de seu comprimento em sua boca. Ela tinha aprendido a se adaptar com ele nas semanas em que eles estavam juntos.

Aprendeu a regular sua respiração e a relaxar sua garganta para que ele pudesse pressionar a ponta de seu pênis dentro dela sem ela sufocar.

Ela tragou ao seu redor, deleitando-se pelo quase gemido que obteve como resposta.

E então ela começou a trabalhar de verdade, balançando a cabeça e sugando para baixo, deixando sua língua esfregar sobre a parte inferior de seu pênis em cada sacudida para acima. Era um pouco confuso, a saliva espalhando pelos lábios para escorrer pelo seu eixo, mas era bom.

Os dedos de Aedian encontraram seus cabelos, segurando e oferecendo uma pequena direção, puxando para cima e depois empurrando para baixo lentamente enquanto sua respiração aumentava o ritmo e os grunhidos se aprofundavam.

Para ser honesta, ela gostava assim, era uma espécie de sinal de que confiava nele para não machuca-la, embora ela não soubesse quando isso tinha acontecido. De qualquer maneira, era a verdade. Roxy gostava da agressão que podia sentir que enrolava nele, do jeito que ele a agarrou quando estava ligado.

A maneira como ele a puxou para fora de seu pênis pelos cabelos e olhou para ela, na linha de saliva que se conectava de sua boca a seu pau e depois a puxou para cima, beijando-a com força na boca.

— Você é muito tentadora. — ele murmurou contra seus lábios, e quando ele a jogou na cama e agarrou seus shorts, arrancando-os, Roxanne se acendeu imediatamente.

Ele parou logo antes de entrar nela, olhando-a com olhos que estavam claramente esperando que ela o parasse se quisesse. Ele aprendeu rapidamente, Roxy apenas sorriu e rolou sobre sua frente para que ela pudesse empurrar a si mesmo sobre suas mãos e joelhos, oferecendo-se como um presente para os olhos.

Mãos fortes agarraram seu traseiro e a puxaram para perto e então ele estava pressionado nela, enchendo-a com todo seu pênis, fazendo com que ela soltasse sua cabeça e gemesse.

Não importava quantas vezes eles fizeram isso, sempre era bom. A sensação de todo esse comprimento pressionando nela era sempre incrível, ela estremeceu

quando o lento arrasto dentro e fora desencadeou pequenos incêndios sob sua pele.

Ela estava molhada no momento em que ele estava completamente situado dentro dela, sentindo-se pequena e praticamente empalada nele, sabia que nem sequer ia ter que tocar a si mesma antes que ela viesse, uma vez que ele começasse. Era tão bom assim.

E já que não tinha que ir a qualquer lugar no momento, e não havia nenhuma necessidade para se apressar, Aedian tomou seu tempo, dando a ela movimentos largos e lentos que fizeram seus dedos do pé se enrolar e seus dedos das mãos apertarem em punhos.

Ele arrastou as garras por suas costas, não o suficiente para tirar sangue, mas com força suficiente para que sentisse sua resposta ao prazer/dor se disparar e ela arqueou, apertando em torno dele.

Ela não sabia quão longe o som viajava no complexo, mas ela não estava fazendo nenhum esforço para ficar quieta, gritando e gemendo seu nome uma e outra vez à medida que se aproximava mais e mais do orgasmo.

Com o prazer branco e quente que estava crescendo em seu núcleo, ela sabia que seu orgasmo seria forte e intenso, e quando a golpeou, ela quase se desfez, afogando seu grito de prazer no colchão e apertando em torno dele.

Roxy quase entrou em colapso quando seus braços começaram a tremer, mas Aedian seguiu golpeando dentro dela, seus impulsos mais erráticos agora que estava perto também. Ele murmurou em voz baixa em sua própria língua, palavras que Roxy não podia entender, mas que soava carinhoso e um pouco desesperado a seus ouvidos.

E então ele estava atingindo o pico com um rosnado, empurrando-se profundamente dentro dela e perdendo-se a si mesmo, tremendo e depois cuidando para não colapsar em cima dela.

Na sequência, eles deitaram ali juntos, respirando com dificuldade e olhando para o teto.

— Podemos fazer isso todas as manhãs. — Roxanne sugeriu com um sorriso irônico.

— Não acho que seu frágil corpo humano pudesse aguentar isso. — Aedian respondeu, mas havia um sorriso em seu rosto.

Ela deu um murro em seu braço e riu.

Foi um bom começo para o dia, considerando tudo. Ela deixou seu quarto com um sorriso no rosto mais tarde naquela manhã, caminhando pelos corredores com a vaga intenção de acabar em seu carro, mas não realmente com pressa para chegar lá. Se ela estivesse vivendo neste complexo por, presumivelmente, o resto de sua vida, então fazia sentido para ela saber onde estavam as coisas, certo? Para saber o que mais havia para ver.

Além da arena e do quarto onde tinha sido banhada e vestida, não tinha visto muito do lugar fora das habitações que agora compartilhava com Aedian.

Estava ainda relativamente tranquilo, e muitos dos Calphesians não estavam fora nos corredores. Aqueles que ela viu, pareciam tensos e exaustos, olhando-a antes que rapidamente se afastassem. Isso não era tão estranho, Roxanne supôs, afinal, eles realmente não a conheciam, certo? E eles não tinham nenhuma razão para isso, considerando que ela era o prêmio de Aedian e tudo isso, mas se ela fosse viver aqui, provavelmente seria bom conhecer as pessoas.

Mas toda vez que ela fazia contato visual com um deles com a intenção de sorrir e talvez se apresentar, eles se afastavam e se retiravam. Talvez houvesse algum tipo de reunião ou algo assim, ela não sabia.

O que era realmente preocupante era a quantidade deles que ela viu carregando armas. Pistolas, machados e espadas, como quando chegaram a Terra dez anos antes. E enquanto Roxanne nunca se iludira de que estes seres eram pacíficos simplesmente porque viviam na Terra agora, ela imaginou que não havia mais necessidade para que estivessem armados até os dentes. Mas eles estavam carregando as armas para uma mesma localização central ou isso era o que parecia, e quanto mais viu, menos queria estar ali.

Seu coração estava correndo em seu peito, suspeitas passando em sua cabeça, e de repente ela se virou e caminhou rapidamente para o seu carro.

Roxy se sentou ali por um tempo, esperando acalmar-se. O fato de que ela os tinha visto com armas não significava nada. Não significava que não podia confiar neles ou que estavam planejando algo. Isso não significava que ela

estivesse em perigo. Eles poderiam apenas querer manter suas armas em uma localização central ou leva-las para serem limpas ou o que quer que seja. Poderia ser dia de manutenção das armas no complexo Calphesian por tudo o que sabia.

Mas não podia evitar a sensação de que algo estava errado, então ela enviou uma mensagem para Samantha e foi encontra-la para o almoço em seu apartamento.

Quando sua amiga a deixou entrar, ela jogou uma olhada ao rosto de Roxanne e a conduziu até o sofá, fazendo que se sentasse. Em questão de minutos, uma xicara de chá estava sendo pressionada em suas mãos e Sam estava sentada na cadeira de frente para ela.

— Tudo bem, derrame.

— O que faz você pensar que há algo para derramar? — Roxy perguntou, tratando de obter controle antes que ela soltasse todo o assunto.

— Eu te conheço há cinco anos, Roxy. — disse Sam. — Eu sei quando algo está errado. Parece que você viu um fantasma ou algo assim. Está tudo bem?

— Eu não... Eu não sei.

Sam franziu o cenho. — Ele fez algo para você?

Roxanne franziu a testa, olhando para cima. — Quem?

— Aedian! Ele tentou algo novamente?

Recordou que havia dito a Sam sobre o que aconteceu com Aedian quando ela saiu correndo dele, mas também lhe disse a respeito deles reconciliando-se. — Não. — ela assegurou. — Não, não o fez. As coisas estão bem com Aedian, na verdade. Melhor do que eu esperava que fossem, o que é estranho... —

— Estranho, como?

— Ele está sendo... Quase bom comigo? Ele é... — Roxanne não sabia como explicar. — Realmente não discutimos em dias.

— Isso é uma boa coisa, não é? — perguntou Samantha. — Por que parece que você acabou de descobrir que está planejando te matar?

Suas palavras irreverentes estavam um pouco perto de casa para o gosto do Roxy e ela tomou o chá, sua mente correndo. Eles não o fariam, não é? Tinham

passado dez anos de paz, e ela sabia que os Calphesians não estavam acostumados a isso, mas não o fariam...

— Eles não romperiam o tratado, não é? — perguntou em voz alta.

Samantha pareceu surpreendida com os olhos e a boca aberta. — O que?

— Eu só. Aedian está sendo muito gentil comigo. Bem, quero dizer, não muito agradável, mas agradável para ele, você entende. E foi uma mudança tão abrupta. Um minuto estava praticamente tentando de se forçar em mim e no outro foi à casa de meus pais para pedir desculpas. Nem sequer acredito que soubesse como se desculpar, e então, hoje quando estava dando voltas pelo complexo, os vi carregando armas. Todos eles as tinham, Sam. Machados maciços e armas de fogo, igual às que tinham quando chegaram aqui. Não sei se existia qualquer regulamentação sobre suas armas, mas parecia que estavam tratando de ser discretos sobre isso. Nenhum deles me olhou nos olhos quando eu estava lá, e eles praticamente fugiram quando me viram.

— Você acha que eles estão planejando romper o tratado? — perguntou Samantha. — Por que fariam isso? Não há nenhum benefício para eles. Eles precisam de nós, certo? — mas ela não soava tão certa disso, e a ideia já estava correndo em Roxanne.

— E se é por isso que ele está sendo tão gentil comigo? Porque ele está tentando me acalmar em uma falsa sensação de segurança. E se é isso o que eles estiveram fazendo todo esse tempo?

A sala ficou em silêncio por um momento e então Sam sacudiu a cabeça. — Eu não sei Roxy. Quero dizer, eu sei que você tende a pensar o pior deles, mas isso é ruim mesmo para eles. E eu não tenho certeza de que planejar seja algo que eles fariam, de qualquer maneira. Talvez você devesse perguntar a Aedian sobre as armas antes de se preocupar com isso?

Era um ponto justo. Afinal, ela não sabia o suficiente sobre eles para dizer com certeza o que estavam fazendo. Só tinha a sensação de que algo não estava certo.

— Sim. — disse ela. — Sim, acho que é uma boa ideia.

A menos, que ele mentiu para ela, é claro. Ela nunca teve nenhuma razão para confiar neles antes, e Roxy ficou um pouco surpresa por ter esquecido isso tão facilmente. Aparentemente, o sexo tinha subido à cabeça.

Elas mudaram o tema da conversa, mas Roxanne sabia que Sam sabia que não tinha se esquecido disso. Quando ela partiu, prometeu que falaria com Aedian antes de fazer algo precipitado, e ela quis dizer isso.

Bem, ela quis dizer que não faria nada precipitado. Ir para uma situação que ela não tinha nada concreto, ela não pensava em fazer isso. Mas ela precisava de mais informação, de qualquer maneira.

Então, ela começou a observa-los, afirmando que queria aprender mais sobre eles e a forma em que faziam as coisas, dedicando-se há passar mais tempo nos corredores. Ela falou com as outras mulheres humanas que conheceu no caminho, perguntando a respeito de suas relações com os Calphesians. As três mulheres que foram escolhidas há cinco anos, já tinham seus filhos e não pareciam pensar que os Calphesians fossem uma ameaça real. As duas que tinham sido escolhidas com ela estavam menos seguras, mas também pareciam pensar que estavam a salvo.

Deveria ter sido suficiente para acalmá-la, mas não foi assim.

Ela sabia o que tinha visto e, à medida que passavam os dias, viu mais e mais. Hastes na cintura, machados amarrados às costas, armas sendo carregadas e reunidas. Era tudo tão flagrante, e ela sabia que eles não se destacavam por causa da sua sutileza, mas ela não entendeu.

Havia alguma coisa acontecendo, e ela iria chegar ao fundo disso, de uma maneira ou de outra.



UMA QUESTÃO DE TRANSPARÊNCIA

Se Aedian pensou que eles estavam fazendo progresso antes, agora, era como se tivessem voltado para ponto de partida durante os dias que se seguiram. Ele estava no limite devido ao que sabia e não podia contar a Roxanne, e obviamente havia algo que a incomodava. Era rude e grosseira com ele quando ele falava com ela, e ele descobriu que ela o observava quando ela pensava que ele não estava prestando atenção, mas não conseguiu descobrir o que estava acontecendo.

Era quase como se ela pensasse que ele estava escondendo algo dela, o que de fato ele fazia, supôs, e realmente não sabia o que fazer com isso. O líder decretou que os seres humanos não deviam ser alertados, e ir contra a palavra do líder não era algo que alguém fizesse.

Ele descobriu que era mais incomodo do que esperava que fosse ela parecia não confiar nele. Se havia uma coisa que os Calphesians tinham, era a honra, e talvez ocultar as coisas da sua companheira de vida não era a maneira mais honrada de se comportar.

Talvez ela estivesse escondendo algo, também, entretanto.

Roxanne o deixava por mais tempo do que estava acostumado a fazer, desaparecendo às escondidas pelo complexo como se ela tivesse um segredo. Quando ele perguntou aonde ia, ela dizia que não era uma prisioneira e podia ir aonde quisesse e não havia nada que ele pudesse fazer para mantê-la ali, a menos que tivesse alguma razão para querer a ter enjaulada.

E então ela esperava para ver se ele tinha uma refutação, coisa que ele nunca fez, e depois iria embora, voltando algumas horas mais tarde, parecendo desconfiada e convencida de alguma coisa.

Ele não a entendia ou aos seres humanos em geral, mas não acreditava que isso fosse um comportamento normal, e ele não achou que fosse uma coincidência que isso começou a acontecer justo quando descobriram sobre os Platoks.

Mas não havia nenhuma maneira de que ela pudesse saber disso, certo? Ela não estava na reunião e, a menos que tivesse ouvido isso de outra pessoa, não havia como descobrir.

Talvez algum dos outros campeões tivesse dito algo a suas mulheres, e elas, por sua vez, disseram a Roxy, mas quando Aedian as viu, elas não pareciam preocupadas com alguma coisa. Certamente, não pareciam como se soubessem que seu planeta poderia ser invadido, no mínimo.

Então, era desconcertante e irritante sentir que ele não sabia o que estava acontecendo, e isso o pôs irritado e grosseiro novamente.

Quando ele voltou do treino um dia para encontrar Roxy conversando com uma das outras mulheres humanas, ele marchou até elas, aproximando-se delas com os olhos entrecerrados e os braços cruzados.

— Oh! — disse a mulher, cujo nome Aedian não sabia e tinha certeza de que ele nunca havia sido informado (não que ele tivesse se lembrado de qualquer maneira). — Olá.

Roxanne girou para ver com quem ela estava falando, e seu rosto quando viu que era Aedian o fez ter certeza de que havia algo acontecendo. Ela parecia mais infeliz ao vê-lo do que quando tinha sido apresentada a ele todas aquelas semanas atrás.

— O que você quer? — perguntou, cruzando os braços em troca.

Aedian sentiu irritação flamejando quente nele, mas manteve a compostura, não querendo atacar ali mesmo, no corredor com outra observadora humana. — Eu ia voltar para nosso quarto e me perguntava se você me acompanharia.

Não era um pedido incomum. Às vezes, antes quando ela o via suado e fresco do combate, ela decidia que o desejava, e isso estava muito bem para ele. Mas tinha sido um tempo desde que tinham feito algo, realmente, o que o convenceu de que definitivamente havia algo errado.

Se houvesse uma coisa que ele aprendeu, era que precisava confiar em seus instintos, e isso, seja lá o que for provavelmente não era diferente.

— Estou ocupada. — respondeu Roxanne, voltando para a mulher que estava olhando entre eles com os olhos arregalados e a boca ligeiramente aberta.

— Você poderia estar menos ocupada. — ofereceu Aedian, tratando de ser paciente.

— Você não é meu dono. — ela disse.

E, Criadores, Aedian estava tão cansado de ouvi-la dizer isso. Ele estava tentando. Tratava-a com respeito da única forma que ela sabia como, e pensou que estava fazendo um trabalho, muito bom, mas agora todos os dias ela estava jogando isso na sua cara, e era completamente irracional e irritante.

— Tudo bem. — ele disse entre dentes e se virou para sair.

Enquanto se afastava, ele podia ouvir a outra mulher humana murmurar com uma voz chocada: — Eu não posso acreditar que você falou com ele assim.

Ele não podia ver Roxanne, mas soava como se não se importasse. — Bem, se ele merecer isso, então vou fazer. Agora, você tem certeza de que não viu nada?

O resto da conversa foi perdida quando ele virou a esquina, mas franziu as sobrancelhas. O que a outra mulher teria visto? O que Roxanne estava procurando?

Se ele fosse mais irracional do que já era, poderia ter assumido que ela estava tendo um caso com outro de sua espécie, mas como ela parecia não ser capaz de suporta-lo, estava disposto a apostar que não era isso. O que não o colocou mais perto de descobrir o que estava acontecendo.

Ele teria que perguntar a ela. Iria arriscar ter a cabeça arrancada com os dentes, provavelmente, mas não podiam continuar assim. Qualquer dia os Platoks poderiam chegar, e os Calphesians teriam que responder em consequência. Aedian não queria ter que se preocupar com as brigas com Roxanne, enquanto isso estava acontecendo. Ele queria que ela confiasse nele o suficiente para saber que ele a manteria segura.

Porque ele faria. Ela era sua tanto quanto ela insistia em que ele não era dono dela, e ele não ia deixar que um Platok conseguisse suas mãos imundas nela. Não nesta vida.

O padrão continuou assim até uma noite, quando Aedian estava se preparando para ir para a cama, e percebeu que Roxanne não estava lá. Ele não a tinha visto o dia todo, tão envolvido nas reuniões, coleta de armas e praticando com outros.

Como um dos campeões, era esperado que ele estivesse na linha de frente. Era seu trabalho ajudar a defender seu povo, e era uma honra ter essa posição.

Para os Calphesians, lutar e morrer em batalha era mais honrado do que se esconder e sobreviver. Não havia nada a ganhar com isso, em sua visão, e então Aedian, enquanto não estava preparado para morrer, tomaria seu lugar onde ele pertencia. E isso significava longas horas de treinamento e certificando-se de que suas habilidades eram suficientemente afiadas para provar que ele poderia lidar com isso.

Então, ele não teve muito tempo livre naquele dia. Roxy tinha começado a sair, mas frequentemente do complexo, mas sempre estava de volta na hora de ir para a cama. Sempre se deitava na cama junto com ele, mesmo quando parecia que não queria estar lá.

Mas agora era tarde na noite, e não tinha nem sinal dela.

Com os olhos entrecerrados, Aedian parou seus preparativos para dormir e correu para o lugar onde Roxanne normalmente estacionava seu carro. Para seu alívio, ele não estava lá. Ao menos significava que não estava em alguma parte do complexo com outra pessoa. Se ela estivesse cavalgando com outro Calphesian, então Aedian teria que lutar contra ele por ela, e ele não tinha tempo para isso. Nenhum deles tinha tempo para lutar entre eles nesse momento.

Ainda significava que ele não tinha ideia de onde ela estava ele suspirou, apoiado em um dos pilares. Provavelmente era estúpido estar preocupado. Não era como se ela tivesse sido sequestrada por um inimigo dele, e ele confiava que ela podia se manter no mundo humano. Ela estava fazendo isso durante anos antes que ele tivesse aparecido em sua vida, afinal.

Mas ela não estava ali com ele, e esse era o problema. Ele tentou não pensar nela como uma posse porque não havia nada a ganhar ali e isso apenas a irritava, mas ele estava acostumado com sua presença agora. Estava acostumado a tê-la lá quando ele dormia e o fato de que ela não estava ali o fazia sentir coisas estranhas.

Justo quando estava considerando a possibilidade de dar a volta e voltar para o complexo para esperá-la, os brilhantes raios de seus faróis giraram e ele protegeu os olhos pelo resplendor para vê-la estacionar o carro.

No começo, ela parecia não vê-lo, murmurando para si mesma enquanto saía do engenho e fechando a porta com um estrondo.

Seu rosto estava atrapalhado com uma careta, e ela estava puxando distraidamente um de seus cachos. Ela caminharia direto por ele se continuasse assim, e a ideia de ser ignorado quando estava de pé ali esperando por ela o irritou.

Antes que ela pudesse passar completamente, ele estendeu a mão e agarrou seu braço.

Roxanne gritou e girou os olhos arregalados e as mãos levantados. Ele sabia de primeira mão que suas bofetadas não faziam muito dano, mas já estava no meio do balanço quando ele se afastou. — Pare com isso.

Ela franziu a testa, apertando os olhos na escuridão, e logo franziu o cenho quando viu que era ele. — Qual é o seu problema? — exigiu Roxy, tentando e falhando em liberar o braço de seu aperto.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa. — sibilou Aedian, apertando os dedos um pouco mais.

— Eu? Você é o único se esgueirando no escuro. O que você estava fazendo mesmo?

— Eu estava esperando por você! — ele estalou. — E eu não estava me esgueirando. Os Calphesians não se esgueiram por aí.

Ela bufou e revirou os olhos. — Oh, isso mesmo. Estupido de minha parte ter esquecido. Só partem para cima, armas preparadas, fazendo demandas e matando pessoas. Você está machucando meu braço.

Aedian deixou cair seu braço como se o tivesse queimado. Machucá-la não era o que ele queria fazer, afinal. Ele nem sequer queria brigar com ela, na verdade. Principalmente, por que só queria atirar ela por cima de seu ombro e leva-la de volta para que pudessem ir para a cama. Mas, a julgar pela expressão de seu rosto, isso não ia acontecer.

— Onde você estava? — ele perguntou, tentando manter sua voz calma.

— Por que isso importa?

— Porque eu quero saber. Você saiu o dia todo, e parece que você está escondendo algo de mim.

Agora ela riu completamente, girando e caminhando na direção da escada que levava aos aposentos. — Eu estou escondendo algo. Ok. Claro. Vamos fingir que é verdade.

Frustração, raiva e exaustão, estavam em guerra dentro dele, e Aedian decidiu que já tinha tido suficiente. Tinham estado dançando ao redor disso durante semanas, e era impossível saber quando os Platoks apareceriam, ele estava cansado disso. Ele não tinha tempo para as disputas sem sentido com ela, e nem queria. Não quando as coisas eram tão graves.

Ele a seguiu até as escadas, nenhum dos dois falando enquanto fizeram seu caminho de volta a seus aposentos. Aedian observou enquanto pressionava a mão sobre o sensor para deixá-los entrar e depois entrou.

— Sente-se. — ele disse com firmeza.

— Com licença?

— Sente-se. Você quer saber o que é que eu estou escondendo, e eu vou te dizer. Não temos tempo para argumento.

Roxanne parecia confusa, mas fez o que ele disse, sentando no sofá da sala principal. Seus olhos escuros eram sérios, quando foram sobre ele, e Aedian descobriu que agora que ele abriu a boca, não sabia por onde começar com a narração.

Pelo princípio, ele supunha, já que era importante para ela saber o que exatamente estava acontecendo.

— Quando vivíamos em Calphas, éramos responsáveis por todo o quadrante, a maioria dele. Ninguém passava por nós e vivia. Muitos tentaram, mas nós deixamos ameaça após ameaça, fazendo o que tínhamos que fazer para consolidar nosso lugar. Também mantivemos aos que eram mais fracos que nós e leais a nós, em troca de recursos ou ajuda quando precisávamos. As coisas sempre foram assim, e havia um equilíbrio nisso.

— Mas, então, tivemos que fugir de Calphas. Nosso planeta estava morrendo, e não havia outra opção. Não há fraqueza na sobrevivência quando é a única

escolha. A morte é uma honra quando se ganha no campo de batalha, lutando pelo que você acredita, mas é sem sentido quando é porque você é muito estúpido para saber quando é hora de sair. Eu sei disso agora.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — perguntou Roxanne, seu cenho franzido.

— Estou chegando a isso. — respondeu Aedian. — Você tem que entender. Quando estávamos lá, mantínhamos o equilíbrio. Mas quando partimos, o equilíbrio se rompeu, e outra raça se mudou para o espaço que deixamos para trás. Os Platoks. Eles tentaram nos vencer várias vezes, embora sempre falharam antes. Mas conosco fora, eles reinaram livremente para conquistar os que deixamos para trás. E conquistaram. Eles tiveram dez anos para crescer e saquear, e isso é o que eles fizeram. E agora... Agora eles viraram os olhos para a Terra.

Os olhos do Roxanne eram grandes na luz fraca. — Eles... Estão vindo para cá? — ela perguntou.

Aedian inclinou a cabeça.

— O que eles querem?

Ele sacudiu a cabeça. — Nós não estamos certos. Destruir-nos, o mais provável. Provavelmente pensam que estamos enfraquecidos desde que estamos aqui há tanto tempo, nos acostumamos com a paz. Eles pensam que esquecemos como lutar.

— Bem, isso definitivamente não é verdade. E sobre nós? Os humanos? Eles... Eles estão vindo por nós?

— Isso eu não sei. Estamos apenas adivinhando suas motivações, mas sabemos que eles estão chegando. E nós sabemos que eles não hesitarão em matar ou escravizar seu povo se puderem. Essa é a maneira como os Platoks são. Eles não têm honra e procuram ganhar a qualquer custo.

— E eles estão vindo aqui?

— Sim.

— Quando?

— A qualquer momento.

Suas palavras caíram pesadas na sala e o silêncio os seguiu quando Roxanne parecia processar a informação. Seu rosto era uma confusão de emoções, choque e o medo ganhando. Quando elevou a vista para ele de novo, havia compreensão ali. — É por isso que estiveram reunindo armas e treinando tanto. — ela murmurou. — Você vai lutar contra eles.

— Sim. — disse Aedian novamente. — É claro que vamos. Esta é nossa casa agora, e vocês são... Bem, vocês são tão importantes como nosso povo.

Ela pareceu surpresa ao ouvi-lo dizer isso, e ele supôs que isso fazia sentido considerando algumas das coisas que ele havia dito sobre os humanos antes. Mas as coisas eram diferentes agora. Tudo era diferente agora.

Aedian moveu-se para sentar ao lado dela, sem saber se ela daria ou não as boas-vindas ao ser tocada.

— Você tem algo que quer me dizer? — ele perguntou. — Como você sabia sobre as armas?

Roxanne piscou, parecendo sair de um transe. — Oh. Eu... Bem, eu vi alguns de sua espécie carregando-as. Pensei. Pensei que talvez estavam se preparando para romper o tratado ou algo assim. Eu não sabia que havia uma ameaça externa. Não acredito que qualquer um de nós pensou que alguém mais viria de lá. — ela agitou a mão em direção do teto.

A leve honra ao seu povo o fez tenso, mas então suspirou e relaxou novamente. Foi uma hipótese razoável, supôs. Afinal, os Calphesians estavam planejando o que fazer se os seres humanos quebrassem sua parte do tratado durante anos.

— Nós não faríamos isso. — ele disse gentilmente. — E a maioria das outras raças evitam a Terra. Há muitos de vocês e são imprevisíveis, o que os faz pensar que não vale a pena o tempo. Nós não tínhamos outra opção e por isso aparecemos.

— Faz sentido. — disse ela. — Então... O que vai acontecer? Por que não dizem a ninguém?

— Nós queríamos evitar o pânico. — explicou. — Mas logo cada líder estará se aproximando a seu representante humano. O que ocorra a partir daí depende do seu povo. Mas nós vamos lutar.

O silêncio reinou novamente, e Roxanne soltou uma respiração instável. Ele podia entender como ela se sentia. Depois de dez anos de paz, os humanos provavelmente assumiram que estavam a salvo. E agora isso. Ele se perguntou se ela o culparia, uma vez que descobrisse que isso era culpa deles. Ele se perguntou se isso mudaria as coisas.

— Eu vou manter você a salvo. — disse ele depois de um momento, olhando-a na escuridão. — Eu prometo a você que eu vou. Eu mantereí o máximo que eu puder de seu povo seguro.

Os olhos dela ficaram surpresos, mas gentis quando ela o olhou. — Eu pensei que você não se importasse tanto com os humanos. — ela murmurou.

Aedian encolheu os ombros. — Vocês têm seus usos.

Ela sorriu e se inclinou contra ele, pressionando seu rosto contra seu peito. Ele deixou que seus braços chegassem a seu redor, uma mão indo para a parte de trás de sua cabeça enquanto ele a segurava. Era o máximo que eles se tocavam em dias, e Aedian se surpreendeu com a forma como seu toque acalmou a tempestade de sentimentos dentro dele.

Era impossível saber o que aconteceria nos próximos dias, mas Aedian estava determinado que não ia deixar nada terrível acontecer sem lutar.



DERRAMANDO CADA FEIJÃO

Roxanne entendia o conceito de um segredo, realmente entendia. Ela entendia que os Calphesians pensavam que estavam fazendo o certo ao não contar sobre a invasão, manter a paz e tudo isso. Uma vez que soubessem, era inevitável que as pessoas não entrassem em pânico. Assim era como essas coisas funcionavam. As pessoas entravam em pânico quando enfrentavam o pensamento do desconhecido.

Aedian disse a ela que não deveria espalhar a notícia aos quatro ventos, mas isso não queria dizer que ia manter para a si mesma. Não quando ela tinha família e amigos que mereciam a oportunidade de sair enquanto tinham chance.

— Por que eles estão vindo aqui? — ela perguntou a ele naquela noite enquanto se deitavam juntos na cama. — O que tem de especial aqui?

— Esse é o maior grupo de nós. — explicou. — E todos estamos nos reunindo aqui para tentar combatê-los. Seremos capazes de fazê-lo.

Havia mais que isso, claro, sobre como este complexo era mais fácil de defender, sobre como tinham mais recursos que em qualquer outro.

Isso fazia muito sentido, mas tudo o que Roxy podia pensar era no fato de que as pessoas que amava iam estar na zona de perigo. Então, quando ela se levantou na manhã seguinte, foi com uma nova determinação de impedir que tudo fosse para o inferno.

Aedian parecia ser capaz de dizer que ela iria fazer algo, porque ele a deteve em seu caminho antes de sair de seus aposentos.

— Tenha cuidado.

— O que você quer dizer? — Roxy perguntou.

Ele lhe deu um olhar sério. — Tenha cuidado.

Ela assentiu e sorriu para ele, inclinando-se para beijá-lo calorosamente. Sentia-se bem em não suspeitar dele mais. Quanto mais ela pensava sobre o que tinha

assumido que estava acontecendo, mais ridículo parecia. Os Calphesians eram tudo sobre a honra e, embora sua definição fosse definitivamente diferente da definição que os humanos tinham, ainda significava que não trairiam aqueles com os que tinham feito um tratado.

Mas uma invasão...

Isso nunca tinha ocorrido a ela como algo que precisasse se preocupar.

Com a cabeça baixa e sua mente já centrada no que precisava fazer, Roxy se dirigiu a seu carro. No caminho, passou por grupo após grupo do Calphesians, todos armados até os dentes.

Alguns deles pareciam diferentes dos que costumava ver, e lembrou que Aedian havia dito que outros viriam para ajudar com a luta. Estes devem ser eles. Alguns eram maiores, outros menores, e todos a olhavam com uma espécie de confusão em seus olhos que a fez sorrir.

Eles tinham seus próprios seres humanos, pelo que sabia, mas possivelmente tivessem maneiras diferentes sobre eles. As culturas eram provavelmente diferentes, ou talvez eles simplesmente não estavam acostumados a ver mulheres humanas praticamente correndo pelos corredores sem medo.

Seja lá o que for ela não tinha tempo para pensar sobre isso. Sua chegada significava claramente que as coisas estavam ficando sérias, e ela precisava avisar as pessoas que lhe importavam.

Claro, ela provavelmente deveria ter previsto que reunir sua mãe, seu pai e sua melhor amiga juntos na casa e não dizer a nenhum deles o que estava acontecendo, causaria problemas. Especialmente quando chegou lá depois deles.

Ela entrou na casa para ver seu pai andando pela sala de estar e Sam e sua mãe com suas cabeças juntas em uma conversa quase frenética.

Seu pai a viu primeiro, e ele se aproximou dela, com as mãos sobre seus ombros como se comprovasse que ela estava bem.

— Que aconteceu? — ele perguntou. — O que está acontecendo?

— Papai. — disse Roxy, afastando-o suavemente. — Tudo bem, estou bem.

— Sobre o que é isso, Roxanne? — sua mãe quis saber. — Samantha parece pensar que tem algo a ver com os Calphesians?

Roxy olhou para sua melhor amiga que parecia mais ansiosa do que nunca a tinha visto. — Bem, sim. — admitiu. — Apenas, provavelmente não da forma que Sam pensa. A princípio pensei que talvez eles estivessem tentando romper o tratado. Porque eu os vi reunindo armas, e isso me preocupou.

— E isso não é o que está acontecendo? — perguntou Sam.

— Não. — respondeu Roxy. — Nem um pouco.

— Então, o que está acontecendo? — exigiu seu pai.

Tomou um momento para reunir seus pensamentos, e então suspirou, decidindo acabar com isso logo. Ela tinha ido até eles e estavam trabalhando nisso já, afinal. Então, ela contou o que Aedian contou a ela na noite anterior, explicando sobre os Platoks e como os Calphesians os mantiveram a distância quando o problema estava no espaço, mas agora o problema estava chegando a eles e não havia muito que pudessem fazer sobre isso. Além de correr. Além de se esconder.

Quando ela terminou, os olhares dos rostos de seus pais e sua amiga refletiram o que ela imaginava que seu próprio rosto tinha parecido quando Aedian explicou a ela o que estava acontecendo. Eles estavam chocados, e sua mãe parecia estar à beira das lágrimas.

— Está acontecendo de novo? — perguntou Samantha em voz baixa. — Por quê? O que... Por quê?

— Porque eles querem acabar com os Calphesians, eu não sei. Aedian diz que eles vão ficar e lutar, que eles vão nos proteger.

— E você acredita nele? — perguntou seu pai.

E Roxanne entendeu por que ele estava fazendo essa pergunta. Afinal, não fazia tanto tempo desde que ela apareceu aqui furiosa com Aedian por não respeitá-la. Mas ela viu o olhar em seus olhos quando ele contou a ela, e sabia que não estava mentindo.

— Sim. — respondeu ela com simplicidade. — Acredito.

— Mas, isso será suficiente? — Sam quis saber.

— Eu não sei. Ele disse que não são muitos que estão chegando, mas eu não sei se isso significa que eles serão fáceis de vencer. Não sei o que vai acontecer. O que eu sei é que não podemos ficar esperando. Nós precisamos de um plano. Ninguém respondeu a isso, olhando-a fixamente, e Roxy suspiro.

— Um plano para quê? — seu pai apontou. — Você não espera que nós lutemos?

— Não. — disse Roxy. — Você está louco? Espero que vocês saiam daqui. Todos eles viram aqui. Vai ser como há dez anos, só que desta vez eu tenho certeza de que eles não vão estar dispostos a negociar conosco. Nem sequer se preocupam conosco. De acordo com Aedian, eles nos veem como se fossemos formigas ou baratas, vermes, pragas. Eles nos matarão assim que nos vejam. Vocês precisam ir embora.

— Quanto tempo temos? — perguntou sua mãe.

— Eu não sei, eles não sabem. Não muito tempo, provavelmente. Aedian me disse a qualquer hora, então vocês precisam ir.

— Espere. — Sam interrompeu. — Espere, espere, espere. Por que você continua dizendo dessa maneira? Você não está dizendo que temos que ir, você está dizendo que você não vem conosco.

Confiava em Sam para captar isso. Roxy esperava que ela poderia guardar essa parte para mais tarde. — Bem... — ela admitiu.

— Roxannel! — exclamou sua mãe. — O que você está pensando?

— Que eu ficaria aqui?

— Por quê? O que te levaria a fazer isso?

Ela encolheu os ombros, de repente intimidada pela intensidade com que sua mãe a olhava. — Eu não sei mãe, eu só. Não posso fugir e deixá-lo.

— O inferno que não pode! — gritou Alan. — Você certamente pode. Você não pode ficar aqui se houver algum tipo de... Guerra alienígena!

— Eu não vou apenas deixa-lo.

— Por que não? — Sam exigiu. — Por que você ficaria por ele?

— Você foi à única que me disse que talvez um deles seria bom para mim! — Roxy retrucou. — E agora que o encontrei, quer que o abandone? E o tratado?

— Esqueça o estúpido tratado! Eles poderiam matá-la, Roxy! Você não acha que se eles descobrirem que você importa a um Calphesian poderiam leva-la como refém ou algo assim? Ou matá-la no local? E como sabe que Aedian está falando a verdade? Os Calphesians não se importam conosco! Se chegar a isso, ele vai deixar que lhe façam mal. — Sam estava chorando, com lágrimas nos olhos e manchando suas bochechas. — Não estou disposta a perder você.

Roxanne sacudiu a cabeça. — Você não vai me perder. Eu vou ficar bem, Sam, prometo.

Samantha se voltou para os pais do Roxy. — Vocês vão colocar algum sentido nela? Faça-a vir conosco.

Sua mãe e seu pai trocaram olhares, e seu pai suspirou. — Roxy é uma adulta agora. Se ela quer ficar... Não podemos obrigá-la a vir conosco. Por enquanto... Precisamos decidir para onde iremos.

E a conversa voltou-se para o planejamento. Samantha disse que iria chamar seus pais e tentar leva-los com eles a um lugar seguro. Em algum lugar longe o suficiente para que não fossem afetados pelo que certamente seria uma batalha sangrenta. Todos se lembravam do desastre que foi quando os Calphesians chegaram pela primeira vez a Terra e mataram a primeira onda de soldados. Não importava quantos anos o tratado estivesse em vigor, ninguém iria esquecer isso.

Se eles estivessem lutando contra um inimigo que iria lutar com mais poder do que os humanos, poderia ser devastador.

Roxanne escutou o plano, mantendo-se a si mesmo no sofá e fora dele. Uma parte dela não podia acreditar no que estava fazendo. Que ela estava repentinamente abandonando tudo para ficar com Aedian, que apenas há algumas semanas antes ela disse que odiava. Mas... Parecia certo. Sentia que de alguma forma seu lugar junto a ele tinha sido esculpido, e, enquanto não era estúpida o suficiente para tentar estar fisicamente ao lado dele na batalha, queria estar ali em espírito pelo menos. Para não estar tão longe em caso de que algo acontecesse.

Ela ligou a televisão enquanto falavam, passando pelos canais e absorvendo muito pouco até que caíram as notícias da tarde.

Em grandes letras vermelhas — Notícias de última hora — deslocando-se através da parte inferior da tela, sentou-se e aumentou o volume.

— Mais cedo representantes do governo se reuniram com os chefes de vários agrupamentos Calphesians ao redor do mundo, e o resultado dessas reuniões agora é conhecido. — disse o apresentador. — Depois de dez anos de paz e tranquilidade vivendo juntos, parece que estamos sendo atacados mais uma vez.

Em termos simples, ele descreveu o que Roxanne já sabia. Ninguém estava seguro e os Calphesians iriam tentar minimizar a ameaça o melhor que pudessem.

— Se for possível, tentem chegar a um lugar seguro. — um mapa apareceu atrás dele com diferentes áreas circundadas em vermelho. — Estas são as zonas onde a ameaça é considerada maior, se você mora em uma dessas áreas, recomenda-se a evacuação imediata. É aconselhável que se mantenham fora das ruas e em seus lares. Se tiverem porões, estão advertidos de ir aos mesmos e que estejam o mais seguro possível. Fechem as portas. Recubram suas janelas. Não se sabe como isso vai se desenvolver, mas tudo ao que estamos insistindo é que estejam o mais seguro possível. Quando tivermos mais informações, escutarão aqui em primeiro lugar. Agora, Marsha Campbell com o clima.

Isso era o mais próximo a um anúncio oficial, que eles pudessem conseguir, Roxanne tinha certeza. Mesmo quando a mulher do tempo estava em frente a seu mapa e falou dos sistemas de pressão, a mensagem sobre evacuação continuou rolando ao longo da parte inferior da tela.

Ela voltou a olhar seus pais e Sam e encontrou todos eles olhando a televisão.

— Pelo menos temos algum tipo de aviso esta vez? — ela disse, tentando um sorriso.

Não foi uma surpresa quando isso não funciona.

Quando Roxanne chegou em casa naquela noite, ela poderia dizer que algo tinha mudado. Todo o complexo estava em uma onda de atividade, os Calphesians correndo de um lado ao outro, armados e preparados. Por um momento, ela se perguntou se tinha chegado a hora. Se os Platoks já estavam ali e ela estava de

pé no meio do que seria uma zona de guerra. Não viu nenhum outro, porém, (e só podia imaginar como seriam) e nenhum dos Calphesians parecia que estivessem a ponto de saltar à batalha imediatamente.

Ela soltou um suspiro aliviado e olhou através da multidão para ver se podia encontrar Aedian. Não era tão fácil, considerando que todos se pareciam, mas ela o viu um momento depois, falando com um Calphesian ainda maior que ele e levantando uma espada que parecia grande o suficiente para partir para uma pessoa em duas.

Ela se dirigiu até ele, esperando atrás enquanto ele terminava a conversa. “Ao redor deles ela podia ouvir outros conversando, fragmentos de suas palavras vagavam em seus ouvidos” Os seres humanos sabem” e “Em vigor” e “menos destruição se for possível”. Nada disso era reconfortante, ela olhou ao seu redor, olhando todos correr e se deu conta de que ela nunca tinha visto nenhum deles com medo antes.

Mesmo quando eles estavam entre os seres humanos pareciam estar no controle. Eles eram estranhos em um mundo estranho, não importava quanto tempo tivesse passado, e ela nunca viu nenhum deles nem sequer piscar diante de qualquer situação.

Mas agora eram como um bando de formigas, correndo em uma agitação óbvia.

Fez que seu coração pulsasse mais rápido no peito ao pensar que talvez não ganhariam isso. E se eles não pudessem os seres humanos não teriam chance.

Era um pensamento sombrio, na verdade. O que os Platoks fariam com eles? Os Calphesians tinham demonstrado que nada que pudessem jogar neles realmente os desconcertaria. Sua tecnologia era mais avançada, e apesar de que os humanos tivessem o benefício dos números, a força pura dos Calphesians os tinha acovardado.

A mente do Roxy estava em espiral quando sentiu que lhe tocavam o rosto e saltou com força, os olhos arregalados. Quando levantou a vista, Aedian a observava, os olhos confusos e um pouco preocupados.

— Você está bem? — perguntou, arqueando uma sobrancelha.

Roxanne assentiu. — Sim, bem. Só... Pensando.

Ele assentiu com a cabeça de volta, como se entendesse como ela se sentia, o que era engraçado porque Roxy acreditava que ele entendia, mesmo que apenas algumas semanas atrás acreditava que os Calphesians não tinham duas células cerebrais extras para esfregar juntas. Agora estava depositando suas esperanças neles. Nele.

— Você contou a sua família? — ele perguntou, e ela podia dizer que não era realmente uma pergunta.

— Sim. — respondeu Roxanne. — Eu precisava que soubessem, para que pudessem correr.

Aedian franziu o cenho com mais força. — E não correu com eles? Ou você voltou para dizer adeus? Humanos e seu sentimentalismo.

Não soou tão ridículo como teria sido antes, e Roxy sorriu um pouco, apesar de ter cambaleado. — Não, não é sentimentalismo seu grande idiota. Não estou correndo.

Agora ele parecia surpreso, e Roxy supôs que ele não esperava que ela dissesse isso.

— O que você quer dizer, com que você não está correndo? Não pode ficar aqui.

— E por que não posso?

— Porque não é seguro. — ele disse o que deveria ter sido óbvio, e provavelmente deveria ser. — Você poderia se machucar.

— Não sabia que você se importava. — brincou Roxanne. — Eu vou ficar bem, entretanto. O que está acontecendo aqui? Por que tanto movimento?

Parecia que ele queria discutir mais, e Roxanne suspirou. Já estava cansada dessa conversa. Por que as pessoas continuavam esperando que ela fugisse?

— Roxanne. — disse Aedian suavemente, segurando seu rosto outra vez. — Eu não quero que você se machuque.

Sua honestidade a surpreendeu, ela abriu a boca e depois a fechou novamente. — Vou ficar bem. — murmurou depois de um momento. — Mas eu não vou sair Aedian. Não me peça. Não posso simplesmente... Correr. Não parece certo. Não seria honrado para mim.

Talvez pô-lo em termos que ele entendesse, ajudaria.

Aedian ainda parecia que não queria ceder, mas em vez de discutir, ele soltou um longo suspiro e olhou para ela. — Quando a luta começar, você vai permanecer no interior. Não vai sair até que seja seguro. Entendido?

E enquanto uma parte dela se irritava com a ideia dele lhe dar ordens, uma parte maior dela estava tocada pelo fato dele se importar. Então, ela assentiu novamente, chegando até frisar seus dedos ao redor de sua boneca. — Sim.

— Bom. Os outros estão enviando a seus seres humanos para longe. E estamos falando de estratégias. Não demorara muito agora.

Ela sabia disso, instintivamente, mas ouvir as palavras em voz alta, na confirmação de seus medos a fez tragar duro.

Pela segunda vez em sua vida, a Terra ia ser atacada, e ela estava com medo de qual seria o resultado desta vez.



À BEIRA DA GUERRA

Algumas horas mais tarde, Aedian observou como o ônibus de transporte estava sendo carregado com os poucos seres humanos que viviam no complexo. Todos eram mulheres, as companheiras de vida dos campeões, e todas elas pareciam assustadas. Elas seriam enviadas ao refúgio mais próximo de seu povo e depois recuperadas quando tudo isso terminasse. Presumivelmente.

Ele se perguntou como se sentiria se sua própria humana estivesse nesse ônibus. Se ele estivesse observando seu rosto enquanto se afastava e perguntando-se se voltaria a vê-la. O sentimento era estranhamente ruim, presumiu que não teria que se preocupar por isso, já que ele tinha sido emparelhado com a mulher humana mais obstinada que já encontrou.

Ela não estava indo embora. Ela queria ficar com ele. O que ele deveria fazer com isso? Sim, as coisas estavam melhorando entre eles, mas não havia nenhum amor ali, na verdade. Não havia razão para não usar esse caos como tentativa de escapar dele.

Ninguém poderia culpá-la, nem seu povo ou o dele. Seria negligenciado em vista da situação, e ela poderia escapar e nunca mais ter que lidar com ele ou com sua espécie novamente.

E, no entanto, ela estava ficando.

Honra, ela disse. Provavelmente tentando apelar para ele, para que não a levasse obrigada para o ônibus, e tinha funcionado. Ele entendeu isso, e sabia que havia algo desonroso em fugir quando você realmente queria ficar. Quando queria ver algo até o fim, o que quer que fosse.

Contudo, honra à parte, ele estava preocupado. E se ela se machucasse? E se ele não conseguisse protegê-la? Não havia desonra nisso, mas ainda o incomodava como um inseto irritante zumbindo em sua cabeça. Ele tinha imagens dela ferida e sangrando, gritando para que a ajudasse e ele não sendo capaz de chegar a tempo, os Platoks percebendo que os seres humanos

significavam mais para eles do que poderiam imaginar e usando isso contra eles. Qualquer coisa poderia acontecer pela primeira vez eles estavam entrando em uma batalha que não tinham certeza do resultado.

Contra os Platoks, o que era vergonhoso.

Aedian bufou pelo nariz e puxou os cabelos para acima. Ele não sabia como, mas muito em breve iria descobrir, havia um sentimento no ar, um sentimento de batalha.

Roxanne saiu do banheiro e caminhou direto para ele, deslizando suas mãos pelos flancos em seu peito e apoiando-se nele.

— Será em breve. — ele murmurou, acariciando os dedos sobre a suavidade de seus cabelos. — Você vai ficar aqui.

— Eu sei. — respondeu ela. — Eu vou tomar cuidado. Você também deve tomar cuidado.

Ele bufou. — Os Calphesians não conhecem o significado dessa palavra.

— Isso não me tranquiliza absolutamente. Mate-os antes que eles possam te matar. Entendido?

Aedian assentiu e inclinou o rosto para cima, inclinando-se para encontrá-la para um beijo. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, ele ainda desejava isso. A pressão suave de seu corpo contra o dele, como a boca doce dela se movia contra a sua, o suave som de surpresa em seus lábios. Ele o chamaria de um beijo de sorte, em vez de um beijo que poderia significar um adeus. Ele não estava preparado para cogitar esse pensamento.

E então, uma sirene explodiu através do complexo, chocando os dois o suficiente para que se separassem.

O lamento encheu o ar, certificando-se que foi ouvido por qualquer pessoa ao alcance, cortando o som da agitação das atividades que cercavam o complexo apesar da hora.

Roxanne o olhou com os olhos arregalados. — Isso é...?

Ele assentiu, já sabendo. — Eles estão aqui.

Ou estariam muito em breve. A sirene significava que a primeira nave tinha sido vista no céu, e talvez só tinham algumas horas antes que a batalha estivesse sobre eles. Era hora de se unirem, era hora de lutar.

— Fique aqui. — disse Aedian com firmeza e, honestamente, ele não confiava nela para fazer o que pediu. Os humanos eram impulsivos e desprezavam conselhos, e Roxanne não era imune a isso.

Ele aproximou-se da porta, onde sua espada estava apoiada contra o batente e deixou escapar uma respiração baixa, concentrado em si mesmo e deixando o espírito da batalha preenche-lo. Olhou para Roxanne que parecia querer correr atrás dele e sentiu outra coisa em seu peito. Ele não tinha um nome para isso, mas na verdade, não achava que precisasse de um.

— Eu vou voltar. — ele disse suavemente, e ela assentiu com a cabeça, mesmo que os dois soubessem que ele não poderia prometer isso.

Sabendo que se ele parasse para beijá-la novamente, ele não sairia, Aedian varreu através da porta, deixando que se fechasse atrás dele. Uma vez no corredor, ele parou os dedos pairando sobre a almofada do sensor. Com alguns golpes rápidos dos dedos, ele trancou a porta do lado de fora.

Roxanne não seria capaz de sair do interior dos aposentos, a menos que alguém a deixasse sair, e um Platok não seria capaz de desfazer o selo que tinha colocado na porta, ela ficaria a salvo.

Assentindo para si com firmeza, ele ajustou os ombros e seguiu ao resto de seu povo enquanto saíam do complexo para preparar-se para a batalha.

A área ao redor do complexo era principalmente árvores. Eles não queriam se instalar muito perto das áreas humanas, algo mais afastado de suas casas.

As árvores não iriam ajudar em nada, mas era uma posição fácil de defender, e esperavam que pudessem manter a batalha contida nesta área e evitar envolver a qualquer ser humano que tivesse decidido ficar ou que não conseguiram sair a tempo.

Havia passado anos desde que Aedian viu tantos de seu povo em um só lugar, todos eles em pé, amontoados ao redor do exterior do complexo, cabeças apontando para o céu, olhos em busca de movimento.

Ele tomou sua posição, de pé perto da parte dianteira com Shiia e Demos. Ambos o olharam e assentiram com a cabeça, com os punhos batendo em seus corações em sinal de companheiros de batalha. Aedian fez o sinal de volta. Era o que ele pensava deles, os três eram os atuais campeões de sua raça, estariam juntos nisto.

Provavelmente isso era o mais silencioso que Aedian já ouvido seu povo. Ninguém se moveu ou falou todos eles olhando para o céu. Mais adiante, Prias, armado com seu machado de guerra e um Blaster, o cabelo preso para cima e revestido com couro. Ele estava obviamente preparado para lutar, e Aedian lembrou-se que o seu líder era o mais forte em seu grupo. Os outros Líderes também estavam armados e blindados, à frente de seus grupos para unir-se às fileiras.

Pela primeira vez em dez anos, todos permaneceram unidos, Calphesians fora de Calphas, de pé para defender seu novo lar e às pessoas que tinham estado ali em primeiro lugar.

Foi um momento importante, realmente, e Aedian estava sem fôlego por um segundo, simplesmente assimilando tudo isso. Quando eles chegaram na Terra, ele era jovem e teimoso, ele se entreteve fantasiando sobre matar seres humanos e demonstrar que era digno. E agora, aqui estava ele, dez anos mais tarde, defendendo os mesmos que ele sonhara matar. Era curioso como o significado da honra mudou à medida que envelheceu como se aprendia. Como suas prioridades mudaram. Pensou em Roxanne e a raiva que ela estaria dele quando descobrisse que a trancou no quarto, mas, se ambos sobrevivessem para ela estar com raiva, ele tomaria tudo que ela lhe jogasse com prazer.

— Lá. — soprou um dos Líderes no silêncio, e todos se viraram para olhar para onde ele estava apontando, uma onda de cabeças com chifres girando e olhando para acima.

E ele estava certo, podiam ver o nariz de uma das naves Platok, descendo das nuvens.

Aedian não acreditava que alguma vez esqueceria o que essas naves pareciam. Largas e aerodinâmicas, cilíndricas e em forma de uma velha antiquada bala. Não havia nada sutil ali, mas então, nem sua raça podia reclamar muito sobre sutileza.

Em torno dele, seu povo agarrava os cabos e alças de suas armas, olhando como as naves seguiram uma atrás da outra e baixando entre as árvores. Pareciam horas até que a última nave descesse, embora, só foram uns quarenta e cinco minutos, mas quando o ruído das naves desapareceu à distância, deixando só o silêncio do céu, apenas um raio rompeu o feitiço.

Cuidadosamente Aedian e o resto de seus companheiros, se espalharam em sua formação, em fileiras e solidificando suas linhas. Estas eram as mesmas filas que tinham utilizado quando lutaram em Calphas, as mesmas linhas e formações que assumiram quando vieram a Terra.

Todo guerreiro a aprendia, e a executavam em grupos triangulares, o mais forte na frente e o resto espalhando-se em linhas cada vez maiores para avançar como pontas de flechas nas defesas de seus inimigos, era tão fácil como respirar.

A postura de Aedian mudou, mudando sua força para continuar firme no chão. Um pé ligeiramente a frente de seu corpo, o outro deslizando de volta para trás para atuar como uma braçadeira, os joelhos ligeiramente dobrados, a espada firme em ambas as mãos, por enquanto, pronta para ser usada o mais rápido que fosse necessário.

A seu redor, seus companheiros estavam fazendo o mesmo, entrando em suas posições, o espírito de batalha era alto. Por um lado, não era algo para desfrutar. Vidas poderiam ser perdidas, e eles estavam lutando por mais do que apenas si mesmos. Por outro lado, porém, fazia tanto tempo que qualquer um deles tivessem lutado em uma verdadeira batalha que havia uma emoção de excitação. Era para isso que eles foram treinados. Para o que tinham nascido para fazer. E viver na Terra trouxe-lhes a paz e a diversão na forma de um torneio a cada cinco anos, mas, além disso, a vida era tranquila e lenta.

Mas isso tinha seu sangue bombeando nas veias, a ânsia cantarolando logo abaixo da superfície de sua pele. Ele estava preparado, todos eles estavam.

Claro, os Platoks os fizeram esperar. Longos minutos passavam e nada. As árvores estavam quietas, e ninguém se moveu.

Então, das sombras escuras do bosque que haviam tocado, surgiu um único Platok. De alguma forma, Aedian pensou que tinha esquecido como eles eram feios. Se os Calphesians pareciam aliens neste planeta, os Platoks eram francamente monstruosos. Sua pele era de um tom doentio de branco-azulado,

pareciam frios e úmidos, e ao redor deles flutuava um aroma de mofo. Isso fazia muito sentido, já que seu planeta estava perpetuamente úmido, mas tinha passado dez anos desde que Aedian se viu obrigado a cheirá-los.

Suas cabeças eram grandes demais, e seus olhos eram bulbosos e brancos. Extremidades largas e magras sustentando-os, e não teriam sido uma ameaça, se não fosse pelas foices que saíam de seus pulsos sob as mãos, laminas de ossos de trinta centímetros de comprimento que eram terrivelmente afiadas e mortais.

Aedian tinha visto grandes guerreiros Calphesians ser cortados em dois por causa dessas armas, e todo Platok as possuíam.

Ele aumentou seu aperto.

— Calphesians. — disse o Platok à medida que se aproximava a boca esticada em um sorriso. — Que maravilhoso vê-los novamente. Sentiram saudades?

Prias cuspiu no chão aos pés do Platok. — Preferiria fazer um buraco em minha cabeça. — grunhiu.

— Isso pode ser arrumado. Mas viemos aqui para fazer um acordo com vocês.

Nenhum deles parecia saber o que fazer com isso, ou inclusive se podiam confiar na palavra dos Platok. Nenhum ficaria na frente de um deles ao dizer uma coisa e depois de dar as costas, fazer exatamente o contrário.

— E o que faz você pensar que nós negociaremos com vocês? — perguntou um dos outros líderes. — Nós o desprezamos.

Um grito de acordo surgiu dos Calphesians reunidos, e o Platok fez uma careta. — Porque é sua única chance.

— Única chance para o que?

— Sobrevivência. Seria uma pena que morram nesta rocha. Tudo o que queremos são os humanos. Nosso planeta não morreu e conquistamos muitos espaços. Precisamos de escravos e comida.

A bÍlis subiu pela garganta de Aedian. Ele não sabia que os Platoks tinham se voltado para comer coisas como os seres humanos. Sabia que caçavam por sua carne, mas havia algo horrível com a ideia de um deles comer uma pessoa.

— Nós nos recusamos. — disse Prias suavemente.

— Isso é muito tolo.

Ele zombou. — Por favor. Nós estamos tratando vocês como as criaturas imundas que são há anos, nós não tememos vocês.

Outro coro de aplausos subiu dos Calphesians reunidos, e Aedian se moveu em sua posição, sabendo que seria em breve. A conversa não ia levar a qualquer lugar, só havia uma coisa que decidiria isso, e isso era a força.

O Platok fez um clique em sua língua e sacudiu a cabeça. — As coisas mudaram. Tem certeza de que não querem o acordo?

Prias respondeu cuspiando no chão novamente, e Aedian tinha certeza de que era tudo que precisava ser dito sobre o assunto. Um a um, os outros líderes na frente de suas formações cuspiram na terra também, e o Platok olhou para cada um deles e sorriu. Era uma coisa horrível de ver.

— Que assim seja.

Ele levantou a cabeça para o céu e soltou um som estridente que fez Aedian querer soltar sua espada e bater as mãos sobre as orelhas. Era penetrante e horrível e depois de um momento, ecoou, com gritos de outros nas árvores.

De repente, havia Platoks por toda parte, mais de cem deles, sem dúvidas, saindo das árvores, braços estendidos para cima e foices ósseas brilhando com grande nitidez na débil luz da manhã ao nascer o sol.

Os Calphesians deram seu próprio grito, um rugido que sacudiu a todos eles em seus núcleos e os preparou. Como um, levantaram suas armas e correram para frente para enfrentar o desafio, sem recuar por um segundo.

Foi fácil para Aedian se jogar nesta briga. A luta era algo natural para ele, e cada balanço de sua espada era instintivo.

Ele usou isso para empurrar para trás um Platok que balançou a espinha do braço em seu peito e depois o atravessou, a espada se escorria facilmente através de seu corpo magro e, em seguida, deixando-o no chão onde foi pisoteado por mais Calphesians pressionando para frente.

Estava claro que os Platoks não eram melhores na luta do que tinham sido anos atrás. Eles ainda faziam os mesmos movimentos previsíveis, confiando em suas

armas naturais para ganhar a batalha quando também ficavam abertos para o ataque. Claro que, conseguiram ferir alguns Calphesians, mas eles não iriam ganhar a batalha.

Pela primeira vez em muito tempo, Aedian se sentia realmente vivo. Ele girou com sua espada na mão, cortando e trinchando ao inimigo. Apunhalou e chutou com os pés, abrindo caminho a seu redor para que seus companheiros avançassem.

E eles se apressaram. Os Calphesians sempre trabalharam juntos, mergulhando nos balanços um dos outros e entrando nos espaços que eram limpos. Muitas vezes, eles eram acusados de ser nada mais do que brutos, mas quando se tratava disso, eles tinham um método próprio, e era um método que colocava os Platoks em seu lugar há anos.

No meio disso, era fácil perceber o curso da batalha. No começo, eles tinham sido cautelosos. Determinados, mas cautelosos. Parecia ridículo que os Platoks viriam até aqui para lutar contra eles sem ter uma carta na manga, mas, à medida que empurraram ao inimigo para as árvores e suas naves, o consenso geral parecia ser que eles podiam fazer isto. Que iriam triunfar.

Claro, isso deveria ter sido uma grande sugestão de que as coisas não iriam pelo caminho que eles acreditavam que iria.



COMO SE SENTE?

O problema com os quartos internos do complexo era que quase não tinham nenhuma vista das janelas. A maior parte do complexo estava rodeado por grosas árvores, o que fazia difícil à luz do sol entrar pelas janelas, lançando uma mescla tênue de luz fraca e sombras através delas. Claro, sendo configuradas dessa maneira, foi fácil para o Roxanne ir às janelas e olhar para fora e para ver a batalha, que estava a ponto de começar.

Ela observou como os Calphesians se espalhavam em sua formação, a visão provocando uma lembrança de ver o mesmo nos noticiários dez anos atrás. Hoje, se encontravam tão firmes, altos e ameaçadores, e Roxanne verdadeiramente acreditava que tinham uma possibilidade de lutar.

E então os Platoks chegaram.

Ela observa com a boca aberta enquanto suas naves aterrissaram entre as árvores e depois como os Calphesians esperaram e como a primeira criatura apareceu e começou a falar.

Roxy não podia ouvir nada do que ele estava dizendo, mas por Deus, a coisa era feia. Ela tinha chamado os Calphesians de bestas porque eram grandes, volumosos e perigosos, mas este Platok era um monstro. Parecia algo que você encontraria na embaixo de uma rocha, retorcendo-se na terra úmida e escura, não tendo a intenção de ver a luz do dia. Apenas um deles era suficiente para dar voltas no seu estômago e fazer com que ela apertasse as mãos em punhos de medo, sabendo que muitos outros estavam naquelas naves.

Deu as graças a qualquer um que a ouvisse, de que seus pais já tinham ido e estavam a salvo.

Nada pareceu acontecer durante algum tempo. Podia ver o Platok falando com os Calphesians e poderia dizer que os Calphesians não estavam contentes com o que ele estava dizendo. Era fácil ver como estavam tensos como uma unidade,

a forma em que pareciam se inclinar, prontos para a violência. Mas ainda assim, nada aconteceu.

Eles estavam tentando negociar de algum jeito? Ela só podia imaginar o que os Platoks estavam exigindo, e ela não acreditava que seria tão fácil como foi quando os Calphesians negociaram com os seres humanos.

Seu pressentimento se comprovou corretamente quando o Platok riu um som alto e estridente que encheu o ar e a fez se encolher.

Os Calphesians reagiram e logo mais Platoks saíram das árvores, com os braços erguidos e um grito de guerra nos lábios. Aedian e o resto de seu povo rugiram de volta e as duas facções entraram em confronto, correndo para frente nas linhas do outro. A batalha começou.

Por quase uma hora, fico de pé junto à janela, com medo de que se ela saísse dali, algo terrível aconteceria e voltaria para ver Aedian jazendo ferido e ensanguentado no chão. Roxy apenas podia manter os olhos onde ele estava de pé, e isso era principalmente por causa da sua enorme espada que ela podia ver piscar quando o sol refletia.

Ele era incrível nisso, honestamente.

Ela o tinha visto lutar no torneio, mas isso era algo completamente diferente, e ela podia imaginar que ter que lutar por sua vida trazia à tona habilidades de outro modo invisíveis.

Aedian girou, pulou e cortou os braços não pareciam se cansar. Ele cortou qualquer Platok que se aproximasse dele e abrindo espaço para que seus companheiros avançassem. Era quase como uma rotina bem coreografada, a forma como funcionavam como uma unidade composta de muitas partes diferentes.

Pela primeira vez desde que descobriu o que estava acontecendo, ela realmente pensou que eles iriam ganhar sem que houvesse nenhum tipo de caos real.

Era repugnantemente otimista, e ela deveria ter sabido melhor, realmente.

Os Platoks pararam de se mover, deixaram de lutar, e os Calphesians se detiveram também, claramente confusos quanto ao que estava acontecendo.

Logo houve aquele som horrível, mais uma vez, todas aquelas criaturas repugnantes levantaram a cabeça e rugiram no topo de seus pulmões. Roxy estremeceu, perguntando-se o som era para empregar medo, pois era o que estava fazendo com ela.

Alguém gritou uma ordem e das árvores chegaram mais criaturas. Era difícil de ver de onde ela estava, mas não parecia que todos fossem Platoks. Quando chegaram correndo e se aproximaram, ela foi capaz de distinguir as formas das criaturas com chifres e alguns com asas, alguns se pareciam com os humanos apenas com cores diferentes de pele e alguns pareciam ser répteis que caminhavam em posição vertical.

O curioso era que não pareciam estar indo para a batalha. Não parecia que fossem reforços que viessem para garantir que os Calphesians não pudessem ganhar terreno. Na verdade, eles circularam em torno do combate, evitando a todos para sair correndo deles e...

Oh Deus.

Eles estavam indo para a cidade.

Aedian mencionou que parecia estranho os Platoks terem demorado tanto tempo para chegar a Terra, mas Roxanne acreditava saber por que. Se eles estivessem observando antes de descerem, eles saberiam como foram levados longe da cidade. Saberiam que os Calphesians viviam nos arredores da vasta população humana.

E se tivessem vindo pelos seres humanos, então seu plano era genial. Manter os Calphesians ocupados com a luta e depois enviar um segundo enxame para devastar os seres humanos.

A última coisa que Roxanne queria fazer era ficar ali parada, vendo isso acontecer, mas ela não sabia o que poderia fazer para ajudar. Não havia nenhuma maneira de que pudesse lutar com qualquer um deles, e correr para lá agora, seria o equivalente a suicídio.

De qualquer modo, os Calphesians pareciam descobrir o plano não muito depois, já que a força parecia estar se dividindo. Um grupo resolveu se espalhar, continuando a luta contra os Platoks e o outro correu em direção ao grupo inimigo que se dirigia para a cidade.

Roxanne suspirou aliviada. Agora, ela só podia esperar que isso fosse o suficiente.

A separação significava que tinham menos vantagem e o grupo que permaneceu teve que lutar mais forte. Entrecerrando os olhos através da agitação de armas e da luta, Roxanne podia quase ver Aedian. Ele estava na frente de seu pequeno grupo, tomando dois Platoks de uma vez com sua enorme espada.

Ela não podia distinguir seu rosto ou ver se estava ferido, mas pôde ver quando um Platok conseguiu cortar ao homem na parte posterior das costas e investir contra Aedian. Ela pôde ver quando uma dessas laminas, afiadas passava pelas costas de Aedian, e pôde ver o jorro de sangue que se seguiu.

Roxy o viu vacilar um pouco, e ela observou aos outros dois Platoks quebrar sua guarda e cortar seu peito, arcos gêmeos de sangue que mostrava que tinham chegado a ele com seus golpes.

Outro Calphesians entrou para atacar os atacantes de Aedian com um machado, e outro disparou em um deles na cabeça. Ouviu gritos e viu Aedian recuar, tropeçando e sangrando pesadamente.

Ele se abaixou em um joelho, e um Platok que estava na margem da batalha, interveio. Uma lamina brilhou e Aedian caiu com um grito que ela sentiu em seus ossos.

E isso era tudo que podia assistir sem fazer alguma coisa. Obviamente, não podia lutar, mas ela tinha que fazer algo.

Sem parar para pensar, Roxy correu para a porta. Ela não sabia o que podia fazer, mas tinha que fazer alguma coisa. Claro, teria sido muito mais fácil fazer algo se pudesse atravessar a porta, mas quando ela pressionou suas mãos contra ela, como fazia habitualmente para conseguir que abrisse nada aconteceu.

Com o cenho franzido, ela tentou novamente, batendo as mãos contra a porta em frustração. Isso nunca aconteceu antes, e ela não sabia se a porta estava quebrada ou se estava trancada.

Mas como...

Aedian. Ele queria que ela estivesse segura e fora do caminho, e tranca-la no quarto era uma boa maneira de fazer que isso acontecesse.

Com um grunhido de frustração, Roxanne golpeou a porta, batendo nela como se alguém pudesse ouvi-la.

— Me deixem sair! — gritou, e ficou alarmada ao descobrir que estava no limite de irromper em lágrimas.

Ela nunca tinha sido o tipo de pessoa que se contentava em deixar as coisas acontecerem com ela. Concedido, algumas coisas que ela não tinha nenhum controle, como ser escolhida para casar com um Calphesian, mas não podia simplesmente assistir a morte de Aedian. Não havia nenhuma maneira de que pudesse voltar para aquela janela e vê-lo ser assassinado como se ele não... Como se não significasse nada para ela. Ela teria que examinar esses sentimentos mais tarde, quando ambos estivessem seguros e ela pudesse lhe encher o ouvido por ter bloqueado ela no quarto como se fosse algum tipo de criança rebelde.

Mas primeiro ela tinha que sair daqui. Roxy sabia que as poucas mulheres que tinham em seu povo e todas as crianças ainda estavam no complexo, proibidas de lutar porque eram muito preciosas para arriscar. Talvez um deles a ouvisse se ela continuasse batendo na porta. Talvez... Antes que ela pudesse fazer mais do que bater suas palmas contra a porta, ela abriu, e Roxanne quase caiu para frente, mas mãos com garras se aproximaram para apoiá-la, e Roxy piscou.

Ela reconheceu a Calphesian de pé diante dela como Llya, a mulher que a ajudou a se preparar para ser, apresentada todas aquelas semanas atrás, quando tudo isto estava apenas começando.

— Você está bem? — Perguntou Llya, soltando-a e dando um passo para trás.

— Não. — respondeu Roxy, sacudindo a cabeça. — Eu tenho que ir lá fora.

Os olhos da Llya se arregalaram. — Você não pode. Nem sequer deveria estar aqui.

— Eu não estava indo embora! — quantas vezes ia ter que explicar isso? — Eu sei que é perigoso, e sei que algo poderia acontecer comigo, mas Aedian está ferido, e se eu não for até ele, poderia ser morto.

A mulher Calphesian pareceu hesitar, ainda bloqueando a porta, e Roxanne se ergueu. — Eu vou até ele. — disse com firmeza. — Não me importa se tiver que saltar da janela. Vou até ele. Eu sei como seu povo é. Vocês não se importam com aqueles que se machucam porque não conseguem mais lutar.

Mas eu ainda me importo. E cada minuto que estou aqui tentando justificar isso, é outro minuto que ele não tem. Então, por favor, Llya. Deixe-me fazer isso.

—... Que assim seja. — disse Llya suavemente, inclinando a cabeça e saindo do caminho. Roxanne não parou para agradecer, em seu lugar, saiu correndo por ela até o corredor.

Enquanto corria, percebeu que não estava sozinha, virou a cabeça para ver Llya mantendo facilmente o ritmo com ela. — O que você está fazendo? — perguntou.

— Você não fará isso sozinha. — foi à resposta, e honestamente era bom o suficiente para ela.

Elas chegaram às portas em tempo recorde, Llya a fez aguardar enquanto verificava para ver se a costa estava limpa. Não parecia haver nenhum retardatário, todos estavam ocupados com o combate, e então, elas se dirigiram para fora e começaram a avançar pouco a pouco ao longo da parte exterior curvada do edifício.

Roxanne nunca tinha sido uma pessoa que rezava, mas descobriu que tinha uma ladainha de suplicas na cabeça enquanto avançavam: por favor, que ele esteja vivo, por favor, nos faça chegar a tempo, por favor, não deixe que nada saia daqueles bosques, por favor, por favor, por favor. Era inquietante estar tão exposta, especialmente quando podia ouvir os gritos e a luta cada vez mais forte quanto mais se aproximavam.

Mas se mantiveram em movimento, constante e silenciosas, e logo encontram o caminho onde jazia Aedian de barriga para baixo no chão.

Roxy engoliu em seco, o coração palpitante. Se não fosse pela ascensão lenta e constante das costas, mostrando que ainda respirava, ela teria pensado que estava morto. Mesmo assim, ele estava sangrando muito e isso não podia ser bom.

Sem esperar, ela saiu como uma flecha, olhando a seu redor para se certificar de que não havia ninguém por perto, e se ajoelhou ao lado de Aedian, os dedos indo a seu cabelo.

Uma inalação áspera a assustou, e ele tossiu e depois falou sem levantar a cabeça. — Me mate e acabe com isso.

— Eu deveria te matar mesmo, seu grande imbecil. — ela repreendeu, tentando não chamar a atenção para eles. — Como pôde fazer aquilo? Eu pensei que você ficaria bem.

Agora ele levantou a cabeça, os olhos arregalados, mesmo quando estremeceu por causa da dor. — O que você está fazendo aqui? — exigiu. — Não é seguro. — Obviamente. — Roxanne criticou. — Eu vim busca-lo. Ou você simplesmente não se importa de que possa morrer aqui?

Ele desviou os olhos de Roxy e sacudiu a cabeça. Llya se aproximou cautelosamente, com os olhos como dardos ao redor. — Não podemos ficar aqui. — disse ela. — É morte certa.

— Então me ajude. — sibilou Roxanne.

Juntas conseguiram pôr Aedian em uma posição sentada. Os cortes que atravessavam o peito eram profundos e ainda sangravam, Roxanne mordeu o lábio com preocupação. Llya tomou sua mão e então cada uma delas pegou um lado, arrastando a Aedian de pé.

Ele era ridiculamente grande, pesado e volumoso, e não havia maneira de que pudessem voltar para dentro do complexo sem que alguém as visse.

De repente elas ouviram um som por trás, e Roxy virou a cabeça para ver um Platok correndo a toda velocidade para chegar até eles, e Deus, essas coisas eram muito mais feias de perto do que eram da janela.

Ela jurou em voz baixa e Aedian virou a cabeça para olhar, grunhindo quando viu seu perseguidor. Em um suave movimento tomou sua espada caída no chão e a arrojou, enviando-a pelo ar para atravessar limpamente o peito do Platok, enterrando-se nele enquanto caía no chão.

— Eu vou precisar de uma nova espada. — murmurou ele, caindo novamente quando suas feridas começaram a sangrar mais livremente.

— Você precisa de um novo cérebro. — retrucou Roxy e fez um lento, laborioso caminho de volta ao interior com Llya cuidando suas costas.

Por algum milagre, eles entraram e as portas se fecharam. Os Platoks não iriam passar por esse aço reforçado, então eles relaxaram.

Juntos, Roxanne e Llya conseguiram levar Aedian à enfermaria. O médico era uma fêmea, e ela estava lá com ataduras, embora parecesse surpresa ao vê-los. Quando Roxanne perguntou por que, Llya encolheu os ombros.

— Tinha razão sobre nossa espécie. A maioria deles morre no campo de batalha em vez de se retirar para obter ajuda.

Ela considerou isso. — Isto vai voltar para mordê-lo? O fato de eu o tirar da batalha?

Llya sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Não há desonra na sobrevivência, mas a maioria prefere lutar e morrer do que, correr e viver.

Bem, se algum deles tivesse algum problema com isso, poderiam vir a ela.

A seguinte hora foi uma vista de primeiro plano de como era incrível a tecnologia Calphesian. A médica limpou as feridas e as depois fechou com um laser que ela disse que cauterizava e impedia que fossem infectadas ou que reabrissem. Como Aedian desmaiou Roxy não podia dizer se era ou não doloroso.

Quando terminou, o médico disse que não havia mais nada que pudessem fazer. Aedian perdeu muito sangue e precisava de descanso, e pediu que o deixassem sozinho, mas Roxanne se manteve firme. Ela não o deixaria.

Llya pôs uma mão no ombro da médica e as duas partiram em seu lugar, deixando Roxy sozinha com o Calphesians inconsciente.

Durante muito tempo, ela ficou parada ali, observando-o dormir. Era como se a batalha lá fora não importasse mais. Ela não podia ouvir a luta, então era como se estivessem excluídos dela.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto estava ali parada, mas eventualmente, se sacudiu e suspirou.

— Todos os humanos são tão desobedientes?

A voz de Aedian a fez saltar, e ela baixou o olhar para ele. Seus olhos ainda estavam fechados, mas, enquanto o olhava, abriu-os lentamente, piscando para ela. Ele parecia um pouco aturdido, mas no restante estava bem, e Roxy deixou escapar um suspiro de alívio.

— Todos os Calphesians são tão teimosos? — contra-atacou.

— Sim. — ele respondeu, tentando um sorriso. — Haverá comentários, já sabe. De que sai da batalha nos braços de um humano.

— Se alguém tem alguma coisa a dizer sobre isso, podem vir a tomá-lo comigo. Vou dizer-lhes que eu prefiro você vivo.

Um lento sorriso se espalhou pelo rosto de Aedian, e ele lutou para se sentar, mantendo uma mão para ela. — Houve uma época em que você não se sentiria assim. Se eu estivesse morto, você seria livre para voltar para sua vida.

— Você não deveria estar se movendo. — disse Roxy, abaixando a cabeça para esconder a expressão em seu rosto.

— Estou bem. — disse ele. — Só um pouco enjoado.

— Você vai tentar voltar lá e lutar de novo? — Ela quis saber.

Aedian parecia que estava pensando nisso, e então sacudiu a cabeça. — Eu não seria capaz de fazer muito. Estou fraco pela perda de sangue, e eu não seria um trunfo para meu povo. Eu vou permanecer aqui.

— Essa é a primeira coisa sensata que você diz.

Ele negou com a cabeça para ela e estendeu a mão com insistência. — Venha aqui.

Ela poderia ter dito não por tentar lhe dar ordens, ela poderia ter recusado, mas depois da forma como se sentiu quando pensou que ele estava morrendo ou já morto, não ia fazer isso. Em vez disso, tomou sua mão e o deixou atraindo-a perto da cama.

— Mais perto. — insistiu, e antes de estar satisfeito, estava sentada escarranchada em seu colo.

— Não é para isso que servem as enfermarias, você sabe. — murmurou em voz baixa.

— Silêncio. — respondeu ele, e inclinou o rosto para beijá-la com firmeza. E assim, ela derreteu contra ele. Depois de tudo o que tinham passado nas últimas horas, era um alívio apenas tê-lo ali e ter sua boca pressionada contra a dela. Ela entrelaçou seus dedos em seu cabelo, sem se importar com o fato de que estava empapado em suor e sangue. Ele era quente, e o melhor de tudo, ele estava vivo, e ela o beijou de volta com todo o alívio e sentimentos que sentia por ele.

Suas mãos vieram para segurar seus quadris, e ele pediu que ela se movesse com ele, seus quadris moendo nele uma e outra vez.

Quando quebraram o beijo, ambos estavam sem fôlego, e Roxanne olhou para os olhos de prata escurecidos. — Eu não acho que você deveria estar tentando fazer isso, logo depois de ter sido golpeado por algo que parecia um verme em duas pernas.

Ele riu brandamente por aquilo, tocando seu rosto. — Eu pensei que você iria se machucar.

— Vi você se machucar. — respondeu Roxanne, e então nada importava. Não se importava com a batalha que acontecia no exterior ou no fato de que ele ainda estava se recuperando. Uma vez alguém tinha feito uma brincadeira sobre os Calphesians excitados em batalha, e pela dureza que podia sentir contra ela onde estava escarranchada, perguntou-se, não havia algo de verdade nisso. De qualquer maneira, pensou que ambos precisavam disso.

Ela estava a ponto de sugerir que fizessem algo a respeito de todas as camadas entre eles, quando a porta se abriu de repente e Llya entrou correndo. — Eles estão saindo! — disse ela. — Os Platoks estão recuando.

Aedian e Roxy estavam de pé em questão de segundos, Roxy teve que estabilizar Aedian, enquanto faziam seu caminho da enfermaria ao exterior.

Obviamente, Llya estava certa. Os Platoks estavam fugindo em massa, a maioria deles feridos. Havia corpos no chão, quebrados e ensanguentados, e Roxanne desviou os olhos deles.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Renderam-se. — disse uma voz, e todos se viraram para ver um dos maiores Calphesians mancando. — Eles nos subestimaram.

— Eles sempre fizeram. — Aedian adicionou. — É bom te ver bem, Prias.

— E você também, Aedian. — disse, inclinando a cabeça.

Roxanne não sabia quem era, mas ele parecia importante. Apesar disso, ela tinha uma pergunta. — E a cidade?

Prias olhou para ela, como se estivesse surpreso de que ela tivesse falado. — Acredito que eles estão bem. — disse ele. — Enviei um grupo dos menos

feridos para se certificar e perseguir a qualquer dos inimigos restantes. E entre eles, enviaremos depois pelos seres humanos cativos e, sem dúvida, uma vez que descobrirem de que os Platoks fugiram, cessarão sua luta.

Soava mais limpo e mais fácil do que Roxy poderia ter imaginado possível, mas ela não iria questioná-lo.

E assim a Terra sobreviveu a uma segunda invasão, e desta vez sem ter que renunciar a nada. Os Platoks deram meia volta e correram para suas naves, a maioria deles correndo, mas muitos foram capturados e mortos pelos Calphesians. Eles subestimaram seu inimigo com um efeito devastador. Assumindo que os Calphesians estivessem mais fracos devido ao seu tempo na Terra, foi seu primeiro engano. Perseguir os seres humanos que juraram proteger foi o segundo.

Quando tudo estava dito e feito, as baixas foram muito menores do que alguém tinha previsto. Seis Calphesians tinham morrido na luta, bem como dois humanos. Muitos mais ficaram feridos, se esperava que todos se recuperassem completamente.

Quanto às outras raças que foram trazidas pelos Platoks, sua maior parte foi poupada. Um novo tratado se fez entre os Calphesians e o grupo de refugiados, alguns deles voltando para seus planetas nas naves que os Platoks deixaram para trás e alguns deles escolheram permanecer na Terra.

Estes foram postos sob a jurisdição dos Calphesians, e pela primeira vez desde que o tratado foi feito, o complexo se tornara o lar de diferentes raças.

Havia quem acreditava que todo o assunto havia sido encenado pelos Calphesians em um esforço de obter um maior controle do planeta, mas a maioria da população pensava que eram heróis por mantê-los a salvo. Algumas das tensões que haviam estado lá durante dez anos, começaram a ceder, e as atitudes em ambos os lados começaram a mudar.

No meio de tudo, Aedian e Roxanne se aproximaram, salvaram - se mutuamente de certa forma. Aedian estava impressionado e afetado mais do que podia dizer por ela ter ido para salvá-lo, e Roxanne não podia negar que Aedian a tinha mantido a salvo quando empunhou a espada e entrou na batalha com a intenção de manter a sua espécie a salvo.

Durante semanas após a batalha, qualquer pessoa que tivesse algo a dizer sobre Aedian ser tirado do campo de batalha por um humano, se encontrou com a língua afiada de Roxy e nunca disseram nada mais sobre isso.

Ela também deu a Aedian uma palestra sobre tranca-la no quarto e por tratá-la como uma criança, e Aedian não prometeu não fazê-lo novamente. Em vez disso, ele prometeu ensinar a ela a se defender melhor e que sempre estaria lá para se certificar de que ela estaria a salvo.

Roxy aceitou sendo provavelmente, o melhor que poderia conseguir.

Humanos e Calphesians colaboraram para facilitar a limpeza, os corpos foram queimados, os entes queridos foram chorados, se uniram de uma forma que não haviam feito antes.

Esperava-se que houvesse algum tipo de torneio para comemorar a batalha e a vitória, mas em vez disso houve uma festa sem luta.

Sentiu-se como um progresso.

Roxanne e Aedian se encontraram escapando da festa, encontrando um canto silencioso do complexo e finalmente cedendo a esse impulso que tinha começado na enfermaria.

Com seu vestido subiu ao redor de seus quadris, sua frente estava pressionada contra a parede de um quarto tranquilo, e Aedian sustentou seus quadris, empurrando-a pelas costas. Roxy manteve uma mão sobre sua boca para não fazer muito barulho e a outra pressionada contra a parede enquanto se impulsionava a si mesmo de volta em seu pênis.

Sentia-se bem e a emoção de possivelmente serem pegos, só adicionava. Eles se moveram juntos em um ritmo deles, cegos e surdos para qualquer outra coisa que acontecesse a seu redor.

No final, alcançaram o clímax um depois do outro, e foram de vez da festa, voltando para seus aposentos para se limpar e continuar sua própria celebração privada juntos, discutindo afavelmente todo o caminho subindo as escadas.



UMA QUESTÃO DE PARA SEMPRE

O casamento de Roxanne e Aedian foi o primeiro na história a ser uma mistura de tradições aliens e humanas. Aedian, na verdade, tinha sido principalmente apático a respeito dos procedimentos, mas Roxanne estava determinada a ter um casamento do qual ela estaria orgulhosa.

Seu pai a levou e sua mãe chorou. Sam era sua dama de honra, e usava um vestido que a fazia se sentir linda. A expressão no rosto de Aedian quando a viu fez tudo ainda melhor.

Por uma vez, não sentia como se fosse algo em que era forçada a fazer, mas sim algo que escolheu, e quando ela caminhou pelo corredor com um tímido sorriso em seu rosto, os olhos de Aedian estavam sobre ela todo o tempo. Sua boca estava esticada em um sorriso malicioso, mas ela já o conhecia o suficiente para ver o verdadeiro prazer nesses olhos.

A cerimônia era principalmente Calphesian, palavras sobre força e honra, unidade, e uma história de como juntos eram mais fortes do que poderiam ser separados. Era fácil ver por que estavam orgulhosos de sua cultura, e Roxanne sentiu como se ela poderia se orgulhar disso, também.

Prias os casou, presidindo a cerimônia com seriedade e humor, declarando a todo mundo que se reuniram para ouvir, que agora eram companheiros de vida, e só a morte os separaria.

— Você está preso comigo agora. — Roxy murmurou em voz baixa enquanto se inclinava para beijar Aedian.

Ele sorriu, então, um verdadeiro sorriso, e capturou sua boca com a dele.

Houve uma grande festa em honra a todos os casamentos que ocorreram ao longo daquela semana, e as pessoas comeram e beberam até tarde da noite. Roxy manteve um olho em seus pais, que pareciam fora de lugar e nervosos, e outro olho em Samantha que estava paquerando com determinação um dos refugiados com asas, que parecia surpreso, mas interessado.

Aedian estava a seu lado, bebendo de sua taça e comendo a carne assada. Aparentemente, os casamentos não garantiam o uso de camisas aos Calphesians, apenas grinaldas de folhas tecidas em seus cabelos, e vendo seus amplos e musculosos ombros, Roxy pensou sobre a lua de mel.

Eles não tinham decidido se iriam viajar a algum lugar ainda, mas havia a noite de núpcias e a consumação do casamento, mesmo que essa ponte tivesse sido atravessada antes de se casarem.

Teria sido grosseiro sair da recepção de casamento cedo, então, esperou até que começou a decair, e então Aedian estava tomando sua mão e conduzindo-a de volta para o complexo, tomando-a em seus braços e levando-a da forma apropriada para cruzar a porta de sua casa.

— Você tem alguma ideia de como você parece? — perguntou ele, em voz baixa e complacente.

— Talvez. — brincou Roxy. — Por que você não me diz?

Ele sorriu, e havia algo predatório em seu olhar que a fez tremer. — Você parece radiante. — disse ele, e foi o mais genuíno elogio que ela esperava. — Mas também parece Minha.

— Acredito que tecnicamente sou sua agora. — Roxy assinalou, e ele sorriu mais amplo.

Ele a deixou no chão e logo se inclinou, pressionando beijo depois de beijo na boca, retrocedendo até que suas costas bateram na porta. Não o viu bloqueá-la, e Roxanne teve uma fração de segundo para se perguntar, se isso seria suficiente para que o mecanismo se mantivesse fechado quando estivessem golpeando durante o sexo contra ela.

Parecia que eles iriam testar isso, e ela estava mais do que bem com isso.

Seu vestido era longo, varrendo o chão formando um redemoinho sedoso de saia com diminutas contas brilhantes ao longo da bainha. Aparentemente, Aedian poderia dizer que isso significava algo para ela, porque quando pegou a bainha da saia, expondo suas pernas e a roupa interior de renda, tomou cuidado com suas garras, certificando-se de não rasgar nada.

Roxy ficou tocada por sua consideração, e sorriu para ele. Seu sorriso logo se transformou em um gemido de prazer quando a coxa de Aedian se colocou entre suas pernas, espalhando-as até que a coxa se apertou contra seu montículo, o encaixe o perfeito, o músculo duro roçando contra seus clitóris.

Ela gemeu e se empurrou contra ele, moendo para abaixo. —Sério? — ofegou. — Nossa primeira vez como companheiros de vida, vai ser contra a porta?

— Sim. — respondeu Aedian simplesmente, inclinando-se para beijá-la novamente. Foi um beijo forte, reivindicador, mas com muito espaço para responder. Ela mordeu o lábio inferior, desfrutando do gemido de prazer que ele lançou em sua boca enquanto o fazia. Suas mãos chegaram até seus quadris, sustentando-a enquanto beijava a partir de sua boca até seu pescoço, lábios, dente e língua marcando seu território, marcando-a como sua.

Mesmo assim, ela esperava as labaredas de irritação, mas não estava em nenhum lugar. Tudo o que podia sentir era um prazer caloroso e a forma como estava molhada para ele, a forma em que o desejava.

Suas mãos levantaram até apoiar-se contra seu peito, e se moveram juntos, em ondas lentas e ondulantes, moendo-se um contra o outro, enquanto seus lábios encontraram seu caminho um para o outro.

— Minha. — Aedian rosnou novamente. — Minha, minha, minha.

Roxy riu sem fôlego contra seus lábios, empurrando os dedos dos pés para beijá-lo longo e profundamente. — Você é meu também. — murmurou quando se retirou para respirar, e ele assentiu.

— Sim, eu sou.

O calor se espalhou sob sua pele, e ela sorriu para ele, mais feliz por ouvir isso, do que ela pensava que estaria.

Quando ele se retirou de repente, ela lamentou pela perda repentina de seu calor corporal e a coxa entre suas pernas, e seu vestido caiu de volta ao redor de seus pés. Mas então ele a virou para encarar a parede, e ela entendeu o que ele queria era o mesmo que ela. Havia algo a respeito de fazer nessa posição depois de terem casado que a atraía, e ela se pegou ao batente da porta mais firme, arqueando as costas para uma imagem mais bonita.

A julgar pelo gemido que a ação recebeu de Aedian, ela tinha certeza de que ele apreciava a visão.

Ele subiu seu vestido ao redor de seus quadris, deixando seu traseiro e a calcinha de renda branca com a qual estava vestida em exibição. Ela gostou do contraste entre o branco e sua pele escura, a julgar pela forma como Aedian riscou suas garras suavemente sobre a pele onde se encontrava com o encaixe, podia dizer que ele também gostou. Sua aprovação fez com que seu estômago revoasse, e quando lhe apalpou o traseiro, ela empurrou para trás em sua mão, gemendo suavemente.

Aparentemente, sua paciência tinha chegado ao fim, porque em questão de segundos, Aedian estava rasgando o laço da sua calcinha, triturando-a até que estava pelo chão ao redor de seus joelhos e ela estava totalmente exposta para ele.

— Bruto. — ela acusou, embora não parecia muito chateada com isso.

— Você gosta disso. — disparou de volta, e ela não podia discutir era fato.

Ela podia ouvi-lo afastar suas calças atrás dela, e quando o calor e a dureza de seu comprimento pressionaram contra a fenda molhada de seu sexo, ela não podia deixar de trabalhar de volta contra ele.

Aedian praguejou em seu idioma e então esfregou a ponta de seu pênis contra ela, espalhando sua umidade.

— Você está pronta para mim? — perguntou.

Seria um ajuste apertado, como sempre era, mas hoje mais do que qualquer outro dia, ela queria senti-lo. — Sim. — disse ela sem fôlego. — Me dê isso.

Ele não perdeu mais tempo depois disso. Lentamente, muito lentamente, ele empurrou para dentro dela, enchendo-a com cada polegada deliciosa de seu pênis. E ela tomou tudo, como sempre, abrindo as pernas mais largas e mergulhando suas costas por mais, lhe dando um melhor ângulo para deslizar. Ela podia sentir as garras da mão em seu quadril cavando um pouco em sua pele, e o pouquinho de dor era tão delicioso quanto à sensação dele empurrando-se pouco a pouco.

Ela teve que tomar um momento para recuperar o fôlego quando ele estava completamente dentro dela, os dedos dos pés ondulando pela incrível sensação de estar tão cheia.

Aedian respirava com dificuldade, e uma das mãos aproximou-se da parede por cima de sua cabeça, enquanto ele passou um braço ao redor de sua cintura, puxando-a mais perto e empurrando a última polegada para dentro dela.

Ela gemeu, jogando a cabeça para trás, empurrando os dedos dos pés para dar-se mais alavancagem para trabalhar de volta o impulso nele.

Apesar de que acabaram de casar, já conheciam bem o corpo um do outro. Aedian sabia que Roxanne gostava quando ele se empurrava duro e lento, deixando-a sentir cada polegada dele estendendo-a, trabalhando em sua abertura. Por sua vez, Roxy sabia que Aedian gostava quando ela gemia seu nome e se apertava em torno dele, quando ela se alternava entre reunir-se a ele e deixar que ele tomasse o que queria.

E assim estava, ele lhe dando esses movimentos compridos e lentos, e ela o fazendo saber o quanto gostava. Ele a fez chegar ao clímax, trabalhando nela até que ela estava tremendo e sensível. Mas isso era apenas o começo. A partir daí, mudaram para o quarto, e ele a depositou na cama, seu vestido ainda empurrado para acima enquanto ele enterrou o rosto entre suas pernas e a fez gritar por ele enquanto suas pernas tremiam e seus dedos retorciam nas cobertas.

Eles fizeram uma pequena pausa, e em seguida Roxanne estava tomando-o com força em sua boca, levando-o o mais longe possível, com os olhos nele. Ela tirou o vestido, e quando ela se moveu para sentar-se escarranchada sobre ele, estava gloriosamente nua e pronta para ele.

Ele brincava com seus seios enquanto ela o montou duro e rápido, e ambos estavam apressados, terminando com Roxy se debruçando sobre seu peito, seu pênis ainda enterrado profundamente dentro dela.

— Eu amo isso. — ela murmurou contra seu peito, meio adormecida.

Ele alisou seus cabelos, quase a acariciando realmente, e ela estava quente confortável e deliciosamente pegajosa de seus esforços.

Aedian apenas zumbiu em resposta, arrastando as pontas de suas garras por suas costas lentamente e depois de volta para acima, oferecendo uma sensação que a manteve inundada de prazer enquanto continuasse.

Não era um “eu te amo”, e Roxanne não sabia se eles alguma vez chegariam ao ponto de dizer essas palavras um ao outro. Não parecia a forma dos Calphesians, na realidade. Eram uma raça de forma muito mais demonstrativa, e ela não achava que isso fosse de todo ruim. Ficando em perigo para proteger a alguém que lhe importava, defendendo-os, essas eram maneiras de mostrar como se sentiam. As palavras poderiam ser, e muitas vezes elas eram vazias, e no tempo desde que tinha chegado a viver com eles, Roxy aprendeu muito sobre os Calphesians e a forma em que demonstravam para algo que realmente significava.

Então, não era assim a maneira que tinha pensado no seu futuro, mas estava tudo bem. Não foi dito nada a ela, que teria que desistir de seus sonhos. Aedian aceitou que era teimosa e queria fazer as coisas por sua conta, e ele não tentou brigar com ela por isso. De fato, toda vez que se enfrentavam, parecia que seu respeito por ela só crescia.

E talvez um dia eles fossem um casal como seus pais: juntos há anos, com uma família, capaz de ler-se bem entre si, mas, se não fosse assim, eles fariam o melhor que pudessem com o que tinham. Eles criariam algo novo que se adequasse a eles.

Soava realizável, como algo que ela podia estar orgulhosa de ter.



SOBRE A AUTORA

Ashley West foi criada em uma pequena cidade do Meio Oeste. Ela sempre foi uma grande fã de ficção científica, livros e filmes paranormais. Seus filmes favoritos de todos os tempos são os três primeiros filmes de Star Wars. Ela começou a escrever em uma idade jovem e não olhou para trás desde então. Ashley traz seus mundos para vida com detalhes vívidos e personagens agradáveis.

Em seu tempo livre, gosta de pintar, correr e curvar-se ao lado de seus livros favoritos.

HALLOWEEN
2017

LANÇAMENTO ESPECIAL

HALLOWEEN 2017

